



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

VÍTOR CELESTINO DE CARVALHO PAUSEIRO

**Releitura da dimensão batismal no contexto da
Igreja da Europa do século XXI.**

Dissertação Final

Sob Orientação de:

Professor Doutor Nuno Miguel Santos

Porto
2022

Releitura da dimensão batismal no contexto da Igreja da Europa do século XXI.

“Sem o Espírito Santo, Deus está longe, Cristo fica no passado,
o Evangelho é letra morta, a Igreja é uma simples organização,
a autoridade é domínio, a missão propaganda, o culto uma mera evocação
e a conduta cristã uma moral de escravos”

(de Inácio IV, Patriarca de Antioquia)

ÍNDICE

Releitura da dimensão batismal no contexto da Igreja da Europa do século XXI. .3	
RESUMO / ABSTRACT	9
SIGLÁRIO	11
ABREVIATURAS	12
INTRODUÇÃO	13
PARTE I	17
A IGREJA DA EUROPA NO SÉCULO XXI: PROBLEMAS, DIFICULDADES E DESAFIOS	17
1. UMA HERANÇA QUE SE ABRE A NOVOS ENQUADRAMENTOS	18
1.1. O DECLÍNIO DA RELIGIÃO NOS PAISES OCIDENTAIS.....	20
1.2. O CRISTÃO PERANTE A CRISE DE IDENTIDADE CRISTÃ	23
1.3. RETORNO A DEUS E AO SAGRADO.....	25
2. DESAFIOS DE UMA IGREJA EM MUDANÇA NA EUROPA	28
2.1. FORTALECER O TESTEMUNHO CRISTÃO	29
2.2. ENFRENTAR A INDIFERENÇA (CONSTRUINDO COMUNIDADES)	32
2.3. PROMOVER O SENTIDO DE PERTENÇA E A PARTICIPAÇÃO DOS BATIZADOS	35
PARTE II	39
O BATISMO COMO PRINCÍPIO DE CAMINHO NA IGREJA DE CRISTO	39
1. O BATISMO COMO PARTE DA IDENTIDADE CRISTÃ	40
1.1. O BATISMO COMO ABERTURA À CONSTRUÇÃO DA COMUNIDADE CRISTÃ	42
1.2. CRISTO COMO PRIMEIRO SACRAMENTO	46
1.3. A IGREJA COMPLEMENTO DO PROJETO DE CRISTO.....	49
2. O BATISMO COMO PORTA DE ENTRADA NA IGREJA	51

2.1. UMA IGREJA QUE ACOLHE.....	52
2.2. O CAMINHO DE INICIAÇÃO CRISTÃ.....	55
3. O BATISMO CELEBRADO A PARTIR DO BATISMO DE JESUS.....	59
3.1. BATISMO DE JOÃO BATISTA VS BATISMO DE JESUS.....	60
3.2. “TU ÉS O MEU FILHO MUITO AMADO”.....	63
3.3. PELO BATISMO NASCEMOS DE NOVO E DO ALTO.....	65
PARTE III	69
CONSEQUÊNCIAS QUE DECORREM DO BATISMO: MISSÃO, TESTEMUNHO E COMPROMISSO	69
1. TRANSFORMAÇÕES QUE RECLAMAM COMPROMISSO	70
1.1. A CONSCIÊNCIA DO SENTIDO DE PERTENÇA.....	71
1.2. UM TESTEMUNHO APOIADO NUMA EXPERIÊNCIA AUTÊNTICA	74
1.3. O QUE DEUS ESPERA DO CRISTÃO	77
2. A VOCAÇÃO CRISTÃ INICIA NA COMUNIDADE.....	81
2.1. A COMUNIDADE QUE NOS CONVOCA À MISSÃO	82
2.2. OS JOVENS COMO PARTE DO PROJETO DE UMA IGREJA QUE EDUCA	84
2.3. PROMOÇÃO DA “CULTURA DO ENCONTRO”.....	87
3. O COMPROMISSO CONVOCA PARA A MISSÃO	89
3.1. SER CRISTÃO É ESTAR AO SERVIÇO DA IGREJA E DE DEUS	90
3.2. TEMPO PARA “COMEÇAR UMA DIETA”	93
3.3. UMA “NOVA EVANGELIZAÇÃO” QUE COMEÇA.....	97
CONCLUSÃO.....	101
BIBLIOGRAFIA	105

RESUMO / ABSTRACT

Resumo

Hoje a Europa enfrenta grandes desafios, que tem na sua base as transformações sociais, com grandes implicações na Igreja cristã e no modo como se vive a fé. Os novos desafios neste início do terceiro milênio passam, por um lado, pela renovação das comunidades cristãs e compreensão do sentido sacramental do Batismo. Por outro lado, num tempo em que a Igreja tende a ser vista como uma “central de serviços”, o sacramento do Batismo vai perdendo a importância no seio do cristianismo. Num ambiente, cada vez mais secularista, é importante educar a partir do sentido dos sacramentos e, nomeadamente, o Batismo como o primeiro da iniciação cristã. A sua compreensão será relevante para refletir acerca da fé, no apontar novos caminhos que envolvam as estruturas eclesiais, as comunidades locais, mas também os novos movimentos eclesiais que, de certo modo, desviam a atenção do cristão, naquilo que é a “identidade cristã”. Perante uma realidade cada vez mais plural, surgem preocupações, nomeadamente na Europa, a que nova evangelização se prepara para responder, e desse modo, indicar caminhos de fé que iniciam quando se recebe o sacramento do Batismo. Este será um dos desafios a que a Igreja do século XXI, terá que enfrentar.

Palavras-Chave: Secularismo; Batismo; Igreja; Identidade; Testemunho; Desafios

Abstract

Today Europe faces great challenges which is based on social changes with major implications on the Christian Church and in the way faith is lived. The new challenges, at the beginning of the third Millennium, involve, on one hand, the renewal of Christian communities and by understanding the sacramental meaning of the Baptism. On the other hand, at a time that church tends to be seen as a “service center”, the sacramento of Baptism is losing its importance within Christianity. In an environment, more and more secularist, it’s important to educate from the meaning of the sacraments and, particularly, the Baptism as the first of the Christian initiation. Its understanding will be relevant to reflect on faith, in pointing out new paths which involve eclesial structures, local comunnities but also the new eclesial movements that somehow divert the attention of the Christian in what is the “Christian identity”. Facing an increasingly plural reality, concerns arise, particularly in Europe, to which the new evangelization is preparing to respond and, in this way, indicate paths of faith that begin when the sacrament of Baptism is received. This will be one of the challenges that the 21st century Church will have to face.

Keywords: Secularism; Baptism; Church; Identity; Testimony; Challenges

SIGLÁRIO

A.T.	Antigo Testamento
AL	Exortação Apostólica Pós-sinodal <i>Amoris Laetitia</i>
CD	Decreto <i>Christus Dominus</i>
CDC	Código Direito Canónico
CEP	Conferência Episcopal Portuguesa
CIC	Catecismo da Igreja Católica
DENT	Dicionário Exegetico del Nuevo Testamento
DTF	Dicionário de Teologia Fundamental
EE	Exortação Apostólica <i>Ecclesia in Europa</i>
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>
EN	Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i>
FT	Carta Encíclica <i>Fratelli Tutti</i>
GE	Exortação Apostólica <i>Gaudete et Exsultate</i>
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
LF	Carta Encíclica <i>Lumen Fidei</i>
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
LS	Carta Encíclica <i>Laudato Si</i>
MC	Carta Encíclica <i>Mystici Corporis</i>
N. T.	Novo Testamento
VD	Exortação Apostólica pós-sinodal <i>Verbum Domini</i>
RICA	Ritual da Iniciação Cristã de Adultos
RRCB	Ritual Romano da Celebração do Batismo
SA	Carta Apostólica <i>Sescentesima Anniversaria</i>
SC	Constituição Conciliar <i>Sacrossanctum Concilium</i>
UUS	Carta Encíclica <i>Ut Unun Sint</i>
UR	Decreto <i>Unitatis Redintegratio</i>

ABREVIATURAS

<i>At.</i>	<i>Atos dos Apóstolos</i>
<i>Ap.</i>	<i>Livro do apocalipse</i>
<i>Cân.</i>	<i>Cânon</i>
<i>Cf.</i>	<i>Conferir</i>
<i>Cl.</i>	<i>Carta aos Colossenses</i>
<i>Cor.</i>	<i>Carta aos Coríntios</i>
<i>Ef.</i>	<i>Carta aos Efésios</i>
<i>Ex.</i>	<i>Livro do Êxodo</i>
<i>Fl.</i>	<i>Carta aos Filipenses</i>
<i>Is.</i>	<i>Isaías</i>
<i>Gl.</i>	<i>Carta aos Gálatas</i>
<i>Gn.</i>	<i>Livro dos Géneses</i>
<i>Hb.</i>	<i>Carta aos Hebreus</i>
<i>Jb.</i>	<i>Livro de Job</i>
<i>Jo.</i>	<i>Evangelho de João</i>
<i>Jdt.</i>	<i>Livro de Judite</i>
<i>Lc.</i>	<i>Evangelho de Lucas</i>
<i>Lv.</i>	<i>Livro do Levítico</i>
<i>Mc.</i>	<i>Evangelho de Marcos</i>
<i>Ml.</i>	<i>Malaquias</i>
<i>Mt.</i>	<i>Evangelho de Mateus</i>
<i>Os.</i>	<i>Oseias</i>
<i>p.</i>	<i>Página</i>
<i>Pe.</i>	<i>Carta de Pedro</i>
<i>Rm.</i>	<i>Carta aos Romanos</i>
<i>Pr.</i>	<i>Livro dos Provérbios</i>
<i>Rs.</i>	<i>Livros dos Reis</i>
<i>Sb.</i>	<i>Livro da Sabedoria</i>
<i>Sl.</i>	<i>Livro dos Salmos</i>
<i>Tg.</i>	<i>Carta de Tiago</i>
<i>Tm.</i>	<i>Carta a Timóteo</i>
<i>Tt.</i>	<i>Carta a Tito</i>
<i>Trad.</i>	<i>Tradução</i>

INTRODUÇÃO

Desde a década 80 é comum encontrar estudos das ciências sociais que retratam as transformações sociais, políticas e económicas na Europa e que dão nota de alterações do panorama religioso na maioria dos Estados do velho continente. Para Detlef Pollack “a principal questão desta contribuição diz respeito ao grau em que podemos efetivamente assumir uma paragem do processo anteriormente assumido de declínio e secularização da Igreja, e se um aumento do significado da religião está de facto a envelhecer na Europa”.¹ Esta é uma fronteira ainda pouco clara, numa pluralidade religiosa, na qual as pessoas procuram uma religião à sua medida. Por outro lado, Helena Vilaça defende que desde «a segunda metade do século XX, as sociedades ocidentais têm-se tornado indiscutivelmente mais secularizadas, mas também progressivamente mais diversas em termos culturais, religiosos e étnicos. É por essa razão que o futuro não será o de um mundo secularizado, mas o de um mundo com “muitos altares” (religiosos e não religiosos)».²

É certo que vivemos novos tempos, em que a sociedade vive mudanças no modo de agir e pensar, com forte reflexo na forma de olhar a Igreja e a vivência da fé. A estes novos sinais junta-se um espírito crítico à religião cristã. No entanto, os cristãos têm de ter presente e, como sublinha Walter Kasper, que “a Igreja não tem outra autoridade além da autoridade que recebeu da escuta do Evangelho de Jesus Cristo, testemunhado de uma vez por todas, pelos Apóstolos”.³ Esta é a fase do diálogo, de preparar projetos adaptados à pastoral e à evangelização. O presente dá-nos sinais de esperança, porque a Igreja e seus dirigentes já perceberam que a realidade religiosa já não é a mesma da que existia no início do século XX. Assim é prioritário apostar nos sacramentos, para que sejam vividos

¹ Detlef Pollack, «Religious change in Europe: theoretical considerations and empirical findings», acessido a 27 de janeiro 2022,

nimueter.de/imperia/md/content/soziologie/personen/pollack/religious_change_in_europe_theoretical_considerations_and_empirical_findings.pdf.

² Helena Vilaça, «Territorialidades Religiosas em Portugal», acessido em 28 de janeiro 2022, <file:///C:/Users/user/Downloads/27996-127048-1-PB.pdf>.

³ Walter Kasper, *Colhendo os frutos. Aspectos da fé cristã no mundo ecuménico* (Prior Velho: Paulinas, 2011) 95.

como um encontro com Cristo. Para quem os recebe, que estes proporcionem uma experiência de fé e que deles obtenham consciência da sua importância nas suas vidas.

Para Bruno Forte o “Homem transformado pelo encontro com Cristo, realizado plenamente na celebração dos sacramentos da fé, manifesta na sua ação a novidade do dom divino, que atingiu e habitou no nosso coração”.⁴ Este encontro começa indubitavelmente com o Batismo que é a primeira porta que se abre para um caminho de transformação interior. É o início de um itinerário que encaminha a “nova criatura” para a celebração da fé ao longo da sua vida. Desse modo, parece relevante esta preocupação para com todos aqueles que iniciam o seu percurso na fé católica, num tempo em que a moda é o desligar da fé ou a busca de religiosidades para satisfação das necessidades pessoais e pontuais.

Este trabalho de investigação, elaborado no âmbito da conclusão do Mestrado Integrado em Teologia, tem na sua génese o Sacramento do Batismo. Como primeiro dos sete Sacramentos instituídos por Jesus Cristo e propostos pela Igreja Católica a todo o Homem que deseja fazer caminho na fé cristã, torna-se importante que toda a ação do cristão assente nos valores que recebe no Batismo. Desse modo, parece ser relevante que a Igreja e todos aqueles que estão em missão de evangelização e educação cristã tenham presente o Sacramento do Batismo e consciência da sua importância na vida de cada Homem. Assim, surgiu o interesse por esta reflexão, que será um complemento quer para a minha formação académica, quer para a vida prática.

Na redação deste trabalho foram usadas diferentes fontes de informação: Dicionários e Enciclopédias; diversas bibliografias (algumas traduções), a Sagrada Escritura, léxicos, Documentos oficiais da Igreja, artigos manuscritos (alguns com recurso à internet). Na elaboração deste trabalho, o ponto de partida foi a figura da “porta” e o “batismo” como sinal da entrada na Igreja de Cristo. A partir desta ideia foi definido uma estrutura como base de trabalho e de investigação. Numa primeira fase procedeu-se à pesquisa bibliográfica através de monografias e artigos de revistas na biblioteca da Universidade Católica do Porto. Numa segunda fase, a pesquisa centrou-se em artigos disponibilizados em *sites* de Universidades estrangeiras, nomeadamente a Universidade de Comillas. Numa fase mais avançada foi feito uma pesquisa em catálogos de algumas editoras e fontes bibliográficas por indicação do Professor Doutor Nuno Miguel Santos. No que

⁴ Bruno Forte, *Introdução aos sacramentos* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997) 161.

respeita a fontes em língua estrangeira, as notas de rodapé daí geradas “foram traduzidas pelo autor” da Dissertação.

O trabalho final apresenta uma estrutura dividida em três partes. A primeira parte intitulada “A Igreja da Europa no século XXI: problemas, dificuldades e desafios numa sociedade plural” onde é abordada a questão da realidade cristã num tempo de secularismo. Há uma herança cristã que deve ser preservada e defendida dos ataques perpetrados por movimentos de libertação e que têm colocado em causa a identidade cristã, nomeadamente nos países ocidentais. Esta reflexão ajudará a refletir estes novos tempos, em que se denota um declínio do número de cristãos no mundo e em especial na Europa por conta de uma individualização da fé. Este é um dos grandes desafios do início do terceiro milénio.

A segunda parte cujo título “O Batismo como princípio de caminho na Igreja de Cristo” e como este introduz o Homem na vida cristã. A questão passa pela forma como o cristão vê, sente a fé e responde ao apelo de Deus. Por um lado, pela ação da Igreja com a administração dos sacramentos, nomeadamente, o do Batismo. Por outro, a Igreja numa atitude educadora e de acolhimento ajuda a crescer na fé. Falar de Batismo, pressupõe falar da Igreja e das suas propostas como resposta aos desafios da contemporaneidade que passa pelo testemunho pessoal e comunitário.

A terceira parte designada “Consequências que decorrem do Batismo. O sentido de pertença em ambiente comunitário. Missão, testemunho e compromisso” remete para a questão da consciência do sentido de pertença à Igreja de Cristo e pelas diferentes experiências, que têm de pautar pela fidelidade e autenticidade de fé. De que forma o testemunho cristão está a cativar os jovens, o que pressupõe repensar a cultura do encontro e renovar a atitude de compromisso do cristão para com o projeto de Cristo.

Este é um compromisso que se propõe estar em atitude de serviço. Este tempo, em mudança, é propício a um novo recomeço, porque há “uma nova evangelização” a dar os primeiros passos. Daí esta releitura da dimensão do Batismo.

PARTE I

A IGREJA DA EUROPA NO SÉCULO XXI: PROBLEMAS, DIFICULDADES E DESAFIOS

Há uma forte ligação de Jesus à Igreja, não só pelo acontecimento do Pentecostes, mas também pelo protagonismo que os doze Apóstolos deram à fundação da *ἐκκλησία*. Pedro é uma figura relevante, pois será aquele a quem Jesus incumbe de iniciar a formação da “casa” que será chamada Igreja tal como hoje a conhecemos. Os sucessores de Pedro serão “o princípio e fundamento perpétuo e visível da unidade quer dos bispos, quer da multidão dos fiéis” (LG 23). A Igreja ao longo dos seus vinte séculos, não só pela sua presença em todos os continentes, como pelas estruturas que criou e desenvolveu, teve sempre presente que a *ἐκκλησία* assenta em três grandes pilares que fundamentam a sua existência: o Pai (LG 2), o Filho (LG 3) e o Espírito Santo (LG 4). Quando pensamos a temática da “fundação”, temos que pensar a relação da Igreja com Cristo que é o foco central de toda a realidade eclesiológica. Pode-se dizer que a Igreja existe como resultado da realidade salvífica do Filho, e desse modo, o Filho fundamenta porque irá configurar a instituição à sua pessoa. A Igreja Apostólica⁵ será fruto e instrumento ao serviço do projeto salvífico de Cristo, mas também será decisiva para o crescimento do projeto eclesiológico. Foram eles que formaram a primeira comunidade organizada como é narrado nos Atos dos Apóstolos em que «de repente ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a “casa” onde eles se encontravam» (At. 2,2). Mais adiante, à união em torno da figura de Cristo podemos ler “eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações” (At. 2,42). Estes quatro

⁵ Pié-Ninot, apoiando-se na doutrina trinitária de São Cipriano de que a Igreja nasce da Trindade e se reproduz na unidade de si mesma e, dessa forma, vê uma Igreja que se descobre a si mesma como grande desígnio de salvação, desde o início do mundo. A Igreja surge como povo unido, apoiando-se na união do Pai, Filho e do Espírito Santo. (Cf. Salvador Pié-Ninot, *Eclesiologia. La sacramentalidad de la comunidad cristiana*. 3ª ed. (Salamanca: Sígueme, 2015) 111).

elementos são estruturantes para a dinâmica e continuidade da Igreja primitiva que a transformará na “Igreja – Sacramento”, sem perder de vista a sua origem e finalidade trinitária.

O Concílio Vaticano II⁶ persentindo uma tensão em torno do conceito “Igreja”, fará um caminho no sentido de corrigir algumas doutrinas que se desviaram dos princípios fundantes do cristianismo. Antevendo um futuro com sintomas de crise de identidade, de fé e de abandono, a Igreja vai encetar um conjunto de reformas ao qual pretende envolver todos os seus membros e que se reunirão para atualizarem a ação, a mensagem e o testemunho, centrados no mistério salvífico de Cristo. Esta é uma herança ao qual o cristão, direta e indiretamente, dá o seu contributo em prol de um multiculturalismo religioso que insiste em transformar o mundo e a Igreja de Cristo. Este é um desafio ao qual os cristãos despertam e dão os primeiros passos, como se percebe através do “projeto da sinodalidade” a iniciar em 2021. Há uma resposta que tarda a chegar para combater um “silêncio” demasiado longo, que ajudará a perspetivar os caminhos da fé.

1. UMA HERANÇA QUE SE ABRE A NOVOS ENQUADRAMENTOS

Durante muitos séculos a sociedade vivia organizada em torno da Igreja, mantendo esta relações, por um lado de dependência, por outro de influência com a sociedade e o poder político. Esta relação de interdependência entrou em declínio com a revolução francesa. Neste tempo, o povo desejou libertar-se do poder opressivo do estado. Para Luís Aguiar Santos “a situação do Catolicismo como religião civil foi deixando de satisfazer as expectativas de alguns setores da sociedade”.⁷ Esta luta parece ter trazido um vazio

⁶ A LG 2 inúmera um caminho feito pela Igreja, apoiado em 5 etapas: prefigurada desde a origem do mundo; preparada na história de Israel; constituída nos tempos últimos; manifestada pela efusão do Espírito; e que se consumará no fim dos tempos. “E, aos que creem em Cristo, decidi chamá-los à santa Igreja, a qual, prefigurada já desde o princípio do mundo e admiravelmente preparada na história do povo de Israel e na Antiga Aliança, foi constituída no fim dos tempos e manifestada pela efusão do Espírito, e será gloriamente consumada no fim dos séculos. Então, como se lê nos Santos Padres, todos os justos depois de Adão, «desde o justo Abel até ao último eleito», se reunirão em Igreja universal junto do Pai”.

⁷ Luís Aguiar Santos, *As condições jurídico-políticas da construção do campo religioso português: uma contextualização histórica*, em *Identidades Religiosas em Portugal – ensaio interdisciplinar* (Prior Velho: Paulinas, 2012) 59.

que não foi visível no imediato. É uma rotura que acontece gradualmente, mas, cuja cegueira por uma liberdade⁸ a todo o custo não permitiu perceber os estragos feitos para prejuízo das sociedades contemporâneas. Assim, quando se analisa o caminho traçado pela humanidade desde o século XVIII, percebe-se que vivemos num mundo diferente, onde os valores e as referências ético-morais deixam de ter importância. Há mudanças, quer na linguagem, quer nas consciências, onde quase tudo é possível de se realizar ou de pôr em prática, gerando por vezes desconforto e conflitos. Neste tempo em mudança, a Igreja deixa de estar no centro como instituição de decisão, para passar a ser mais uma instituição que interage para o bem comum. Na tentativa de dar o seu contributo na resolução dos problemas sociais, esta não esquece que o mundo vive o que chamamos hoje de secularismo.⁹

Este mundo evolui através de uma conceção mimética e recria novos ambientes e novas identidades sociais. Numa análise mais geral, pode-se dizer que o secularismo ganhou raízes nos países ocidentais, quando comparado com outras regiões do planeta. Adérito Barbosa refere, no seu estudo sobre os jovens e a nova evangelização, que o mundo necessita de uma reiniciação cristã¹⁰ e que terá como público-alvo, os batizados praticantes e não praticantes. Pode-se dizer que, se antes era a religião quem estruturava e ditava as regras, agora esse papel passou para as mãos do estado e das leis de mercado, perdendo a Igreja cristã o monopólio e privilégios adquiridos ao longo de séculos. Surge assim uma consciência crente¹¹ que tenta superar e ir mais além do dualismo razão-fé.

⁸ Em Portugal a liberdade Política trouxe um aumento exponencial de novos grupos religiosos. Percebendo que o tempo lhes é favorável, instalam-se em Portugal, porque veem nesta mudança política e no processo crescente de “desfiliação progressiva da prática dominical” a “oportunidade de se exprimirem em liberdade” (Cf. Teresa Libano Monteiro, «Dinâmica social e religião», em *Identidades Religiosas em Portugal – ensaio interdisciplinar* (Prior Velho: Paulinas, 2012) 69-72).

⁹ O termo secularismo deriva do termo latino *saeculum*, *saecularis* e passa a ser usado na linguagem comum a partir das conversações de Vestefália. Inicialmente, surge associado à política “A sua transformação numa categoria filosófica e histórico-cultural teve lugar no início do século XIX, principalmente devido ao trabalho daqueles que saudaram com júbilo a supressão total da soberania espiritual em 1803 e quiseram compreender este conceito como uma designação e um programa de emancipação cultural e política. Hoje, o conceito é utilizado numa dimensão sociológica como uma característica do nosso tempo. (Cf. Heribert Raab, «Secularización: territorios y bienes eclesíasticos» em *Enciclopédia Teológica Sacramentum Mundi*, Dir. Karl Rahner, Munster. Tomo VI (Barcelona: Ed. Herder, 1976) 272. Para F. A. Pastor os secularistas defendem a ideia de um Deus inútil, que priva o homem da sua autonomia e liberdade. “Em vez de pensar em mudar o mundo para o tornar melhor e mais humano, o homem religioso parece limitar-se a passar a sua vida numa mera contemplação da eternidade. Ao mesmo tempo, a religião parece servir apenas para legitimar um sistema de estruturas históricas ou sociais de carácter conservador e patriarcal”. (Cf. F. A. Pastor «Secularización y secularismo: El problema del secularismo», em *Diccionario de Teologia Fundamental*, Di. René Latourelle y Rino Fisichella, 2ª ed., (Madrid: San Pablo, 1992) 1338).

¹⁰ Adérito Gomes Barbosa, «Os jovens portugueses e a nova evangelização», *Revista Humanística e Teologia*, 7 (Porto: Universidade Católica Portuguesa, 1993) 365.

¹¹ Por consciência crente entende-se “aquela disposição confiante do indivíduo que dá o seu crédito às modalidades da relação com o ser com as quais se sente compreendido e justificado. Fora desta atribuição de crédito nenhuma razão argumentativa pode ser compreendida e legitimada. A percepção sensorial só se

1.1. O DECLÍNIO DA RELIGIÃO NOS PAISES OCIDENTAIS

O Homem da modernidade tende a recusar-se a falar sobre a existência de Deus, no entanto, usam-se passagens Bíblicas para justificar o seu pensamento e negarem o que os crentes acreditam. Este é um risco ao qual o homem de hoje cai com frequência e que, em geral, assentam numa ignorância teológica que leva o homem a construir argumentos que se aproximam das ideologias agnósticas. Para abordar a questão do secularismo, ao homem, num primeiro momento, ocorre-lhe falar sobre a relação do homem com a Igreja. O seu “alheamento” remete para a discussão sobre o ateísmo na era contemporânea, ao qual, o crente não pode simplesmente apoiar-se na leitura da Sagrada Escritura para justificar as suas ações. Nesse sentido, o Papa Paulo VI, vem defender que, aqueles que são apresentados nas comunidades e “instruídos na fé de Cristo, não podem ser acusados do pecado da separação [...] pois, creem em Cristo e foram devidamente batizados, estão numa certa comunhão, embora não perfeita, com a Igreja católica” (UR 3).

Há um diálogo interior que nos coloca diante de Deus, que permite a cada um conhecer-se a si mesmo e perceber qual o seu papel na Igreja. Há um dinamismo que pede para que o homem vá mais além das suas ações do quotidiano e que ajude a definir o que de facto importa para a sua vida. João Duque fala “de um regresso do «religioso» ou do «sagrado»”.¹² Falar de regresso implica ter feito uma experiência anterior e que originou uma ausência e um “vazio”¹³ que tem gerado alguma tensão e paralelamente um ambiente de rebelião contra o poder acumulado pelas instituições religiosas. Para o Papa Jesus Cristo quer que o “Seu Povo cresça mediante a fiel pregação do Evangelho, administração dos sacramentos e governo amoroso dos Apóstolos e dos seus sucessores os Bispos” (UR 2).

O ocidente e, nomeadamente, a Europa quando confrontado com o *slogan* «liberdade, igualdade e fraternidade», coloca a questão: será o homem de facto livre? Será essa liberdade uma mera ilusão ou uns serão mais livres que outros? A liberdade de cada

reflete na condição de dar garantias correspondentes a certas expectativas". (Cf. Andrea Torniolo, «Credere con passione. Emozioni e ragioni della fede», *Credere Oggi*, 214: XXXVI, 4 (2016), 111).

¹² João Manuel Duque, *Dizer Deus na pós-modernidade* (Lisboa: Livraria Alcalá, 2003) 163.

¹³ João Duque retrata a pós-modernidade como a época do *anything goes* em que tudo é possível, tudo vale, em contraponto a “uma modernidade centrada na afirmação forte de determinados valores – como sejam os valores da liberdade, da emancipação, da autonomia” (Cf. João Manuel Duque, *Dizer Deus na pós-modernidade* (Lisboa: Livraria Alcalá, 2003) 169).

um, passa pela atitude pessoal e as ações serão livres quando postas em prática com responsabilidade. A Europa é um caso com grande visibilidade no que respeita à liberdade religiosa. Apesar de a influência da Igreja na sociedade contemporânea europeia, a mesma tem assistido à diversificação dos “modos de exprimir a identidade crente, processo em que se pode usar a metáfora da descompactação das identidades”.¹⁴ Para os padres conciliares, a humanidade depara-se com grandes transformações sócio-religiosas “de tal modo pode-se falar duma verdadeira transformação social e cultural, que se reflete também na vida religiosa” (GS. 4) e que “põe muitas vezes em questão os valores admitidos, sobre tudo no caso dos jovens” (GS. 7).

«A Europa foi construída sobre uma tripla e integral herança cultural, religiosa e humanista, a partir da qual se desenvolveram valores universais e os direitos invioláveis e inalienáveis do indivíduo, bem como a democracia, o pluralismo, a igualdade e o Estado de direito. A Europa nasceu para estabelecer um espaço de liberdade, segurança e justiça, "um espaço privilegiado para a esperança humana". A Europa está enraizada numa síntese do espírito cívico helénico, da gratuidade judaico-cristã e da universalidade romana. A Europa não nasceu do cristianismo, mas num solo já fertilizado por Roma e, além disso, o cristianismo não é uma religião exclusiva ou principalmente europeia, mas uma religião universal, mas a Europa é uma parte essencial do sonho cristão».¹⁵

Aqui coloca-se a questão do crer. Para Sesboüé crer “é uma forma original de relação com um objeto de conhecimento”.¹⁶ É uma realidade que gera a dúvida e incita o homem a ir em busca de uma resposta para além daquilo que se compreende como o saber normal. É assim que se apresenta a crença religiosa, sendo de longe o modo mais visível da dimensão “crer”. Todavia, o crer religioso tem perdido força por conta do ateísmo. Giuseppe Giordano,¹⁷ fala do declínio da religião muito por força da crítica iluminista que,

¹⁴ Alfredo Teixeira, *Religião na Sociedade portuguesa* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2019) 59.

¹⁵ Josep M. Margenat Peralta «*Los cristianos en Europa: “transfusión de memoria” para un nuevo humanismo*», em *Razón y Fe*. Vol. 275 (2017) 425, acedido a 02 agosto de 2021, <https://revistas.comillas.edu/index.php/razonyfe/article/view/9339/8760>

¹⁶ Bernard Sesboüé, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*. Trad. Manuel Luís de Sousa Pinheiro (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2001) 43.

¹⁷ “Em tempos mais recentes, a partir da segunda metade do século passado foram acumulados dados que pareciam apoiar esta perspetiva. Especificamente, os sociólogos observaram empiricamente como a prática religiosa estava em claro e progressivo declínio, os crentes construíram critérios de julgamento ético bastante diferentes dos ditames provenientes das fontes magistras, seminários e os conventos estavam lentamente a esvaziar-se [...] contudo, mesmo que algumas estatísticas sejam verdadeiras (os seminários do mundo ocidental não enchem, as igrejas parecem ter sempre lugares vazios e os crentes regulam-se a si próprios no que diz respeito a certas questões morais). Nos últimos anos, os estudiosos aperceberam-se de que era um erro confundir o destino da religião com estes inquéritos. Como veremos em breve, não é a

por um lado atua politicamente, por outro atua contra as instituições religiosas e as verdades que defendem.

A adesão a estes movimentos têm contribuído para o crescente vazio interior com a conseqüente ausência de Deus nas suas vidas. A Igreja cristã está atenta a esta realidade, mas o investimento tem de passar por recuperar a confiança nas estruturas de base que abrirá as portas para, na alegria, poder fazer a experiência da relação que é dom gratuito de Deus. Esta falta de adesão é o resultado da forma como o indivíduo ou a sociedade compreende e interpreta a Igreja, assim como o “Deus anunciado por e em Jesus Cristo”.¹⁸ Para Sesboüé, quando os fiéis cristãos dizem que acreditam em Deus, expressam uma resposta de fé à “tríplice iniciativa de Deus: a do Pai Criador que está na origem de tudo, a do Filho que veio viver na nossa carne, morrer por nós e ressuscitar, e a do Espírito Santo que se entregou à Igreja”.¹⁹ Esta é uma reflexão que vai ao encontro da celebração do sacramento do batismo, que acolhe o batizando como novo membro do corpo de Cristo. À pergunta feita pelo celebrante: “que pedis à Igreja de Deus?” Os pais respondem: “a entrada na Igreja”.²⁰ Esta é sem dúvida a primeira porta que se abre ao acolhimento, que a todos recebe com amor, como se um filho tivesse nascido. Temos um primeiro compromisso de fé. No entanto, “as divisões dos cristãos impedem a Igreja de realizar a plenitude de catolicidade que lhe é própria naqueles filhos que, embora incorporados pelo Batismo, estão separados da sua plena comunhão” (UR 4).

Há, contudo, um caminho que a sociedade tem vindo a percorrer por conta de uma autonomização ou especialização, cujas diferentes áreas do saber acabam por desenvolver dinâmicas funcionais muito próprias. Nesta diferenciação funcional a Igreja tenta redefinir as ações, projetos e presença no mundo. É desejo do Papa Paulo VI²¹ e dos seus

religião *tout court* que desaparece, mas uma certa forma de a compreender e representar”. (Cf. Giuseppe Giordano, «Dentro e oltre la secolarizzazione. La religione nell’epoca postsecolare», *Credere Oggi* 176, XXX, 2 (2010) 9-10).

¹⁸ Para João Duque na ação kerigmática cristã, é importante, senão imprescindível fazer presente Deus, ao anunciar Jesus Cristo (Cf. João Manuel Duque, *O excesso do Dom. Sobre a identidade do cristianismo* (Lisboa: Alcalá, 2004) 175).

¹⁹ Bernard Sesboüé, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*. Trad. Manuel Luís de Sousa Pinheiro (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2001) 53.

²⁰ Ritual Romano da Celebração do Batismo das crianças, n° 37, 2.ª ed., (Coimbra: Conferencia Episcopal Portuguesa, 1994) 40.

²¹ O Papa Paulo VI; com as reflexões realizadas durante o Concílio Vaticano II; percebe que em causa está o valor da pessoa humana em diferentes vertentes da vida: “a sua liberdade e a própria vida corpórea; a família e a sua unidade e estabilidade, a procriação e a educação dos filhos; a sociedade civil, com as suas leis e profissões; o trabalho e o descanso, as artes e a técnica; a pobreza e a riqueza” (CD 12). “ Expliquem a doutrina cristã com métodos apropriados às necessidades dos tempos, isto é, que respondam às dificuldades e problemas que mais preocupam e angustiam os homens; protejam também esta doutrina, ensinando os fiéis a defendê-la e a propagá-la. No modo de a ensinar, mostrem a solicitude maternal da Igreja para

sucessores que “as coisas terrestres e as instituições humanas no plano de Deus Criador se ordenam também para a salvação dos homens e podem, por conseguinte, contribuir não pouco para a edificação do Corpo de Cristo” (CD 12).

1.2. O CRISTÃO PERANTE A CRISE DE IDENTIDADE CRISTÃ

Muitos dos desafios da sociedade da pós-modernidade tiveram o seu início com a questão protestante e contrarreforma no século XVI. Lutero, ao questionar a doutrina cristã, desencadeou novas formas de reflexão que deram um forte contributo para as reformas sociopolíticas que aconteceram nos séculos vindouros. Depois de Lutero, surgem muitos outros teólogos, como é o caso de Calvino, Baio ou mesmo Jansénio, Molina e que de certa forma permitiram que a Igreja, nos últimos quatro séculos, se tenha alterado e transformado por conta de uma “crise de identidade cristã”²² que tende a não desaparecer, nomeadamente, no continente europeu. Ao colocar em causa o poder de Roma sobre a Igreja cristã, Lutero²³ deu voz a uma parte da população com reflexos na vida da Igreja. A resposta dada por Trento abrirá a porta, para que muitos outros teólogos contestem a doutrina católica e que dentro de um espírito contestatário defendem que “o homem é justificado apenas em esperança e, neste sentido, permanece simultaneamente justo e pecador”.²⁴ Com esta posição, lança o debate acerca do pecado e da ideia de que o homem é salvo não pelas obras, mas, pela fé.

No seguimento da doutrina de Lutero, Calvino acrescenta a ideia da inamissibilidade da graça, ao qual uma vez recebida permanecerá para sempre. Numa linha mais

com todos os homens, quer fiéis, quer infiéis, e tenham especial cuidado dos pobres e dos fracos, a quem o Senhor os mandou evangelizar” (CD 13).

²² Para Charles Taylor, no ambiente cristão do século XVI em que “todos acreditavam”, o mundo afirmava Deus e fazia-O presente, “pois era virtualmente impossível não acreditar em Deus”. Comparando com o século XXI, afirma Taylor que “muitos de nós o acham não só fácil como inescapável” (Cf. Charles Taylor, *A Era Secular*, Trad. Joana Chaves (Lisboa: Instituto Piaget, 2007) 39).

²³ O monge, teólogo e professor na Universidade de Wittenberg, apresentou o seu protesto à Igreja Católica através das suas 95 teses condenando o abuso no uso das indulgências da parte de Roma. Grande impulsor da reforma protestante, veio pôr em causa o poder da Igreja e toda uma vivência de fé assente por vezes em caminhos obscuros (como, por exemplo a venda de dispensas, o abuso nas indulgências, etc.). Depois, contestou a interpretação da Igreja Católica sobre os textos da Sagrada Escritura e apresentou a sua própria reflexão, defendendo que cada indivíduo era livre para fazer a sua própria interpretação.

²⁴ José Jacinto Ferreira de Farias, *Antropologia e Graça. Ser Cristão hoje* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011) 61.

determinista, Jansénio também foi alvo de críticas por parte da Igreja. Algumas das suas reflexões são contestadas, nomeadamente, quando vem defender que “alguns preceitos de Deus são impossíveis para os homens justos” ou quando vem negar “a validade universal da morte de Cristo que não teria morrido por todos os homens”.²⁵ Para Jacinto Farias, os defensores do Jansenismo deixam a ideia de que no futuro a Igreja Católica e o cristianismo em geral caminham para se transformar numa religião minoritária. Por outro lado, Molina²⁶, na tentativa de criar consensos na Igreja, vem defender que Deus sabe como o Homem se vai comportar no futuro, acrescentando ainda que Ele cria as condições e as circunstâncias, nas quais tal comportamento vai dar-se. Deste modo, salienta a questão da predestinação que atenta quanto à liberdade do homem.²⁷

Há um despertar do cristão nas últimas décadas, no qual o homem percebe que há algo que lhe escapa no seu dia a dia. Há um vazio que se tem dificuldade em preencher. Assim, todo aquele que abre o seu coração a Jesus é porque deixou-se tocar pela ação do Espírito Santo.²⁸ No entanto, no ocidente, cresce o número de crentes que se alimentam de espiritualidades,²⁹ que levam a uma “fé líquida”.³⁰ Esta forma de refletir conduz, por vezes a uma generalização das questões, que recorre às teorias especulativas que só têm contribuído para a proliferação de novas seitas de cariz religioso. Charles Taylor aponta, como causa para esta mudança de paradigma sócio-religioso, o turismo mundial.³¹ Esta é

²⁵ José Jacinto Ferreira de Farias, *Antropologia e Graça. Ser Cristão hoje*, 66.

²⁶ Molina e Bañez são representantes de duas escolas, a primeira jesuítica e a segunda dominicana. Ambas defendem teses diferentes sobre a graça e a liberdade. Ambos fizeram parte da famosa *querela de auxiliis* à qual foi necessário a intervenção do Papa Paulo V. Para encerrar as lutas ideológicas e abrir caminho à liberdade de opinião para ambas as escolas, o que permitiu gerar uma maior intervenção por parte dos teólogos. Esse acontecimento foi um ensaio para futuros combates ideológicos, nomeadamente acerca da natureza e condição humana (Cf. José Jacinto Ferreira de Farias, *Antropologia e Graça. Ser Cristão hoje* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011) 66).

²⁷ Para Kosnetter “é a possibilidade de ordenar a vida segundo o próprio arbítrio”, realidade essa cultivada pela sociedade grega que considerava como um bem precioso para o indivíduo. Por outro lado, refere Kosnetter que a “liberdade cristã e algo completamente novo e desconhecido antes de Cristo”. O seu pressuposto assenta na fé de Cristo como filho de Deus” (Cf. J. Kosnetter, «*Libertad. La libertad cristã*», em *Diccionario de Teología Bíblica* (Barcelona: Editorial Herder, 1967) 587-590).

²⁸ “O homem espiritual não é aquele que se afasta do materialismo, do mundo ou dos problemas dos homens, seja qual for a sua dimensão (familiar, social, cultural, económica, política) para se dedicar aos valores do Espírito, mas aquele que se deixa transfigurar pelo dom e pela graça” (Cf. Luís Rocha e Melo, *O vento sopra onde quer. Notas de Espiritualidade* (Braga: Editora A. O., 2001) 68-69).

²⁹ Vida espiritual entenda-se como “a vida teologal, relação de amor com Deus em Jesus Cristo na energia criadora do Espírito Santo e na plena responsabilidade do homem adulto” (Cf. Luís Rocha e Melo, *O vento sopra onde quer. Notas de Espiritualidade* (Braga: Editora A. O., 2001) 71).

³⁰ Segundo Adérito Barbosa «para muitos jovens a religião desapareceu como alternativa mais valiosa. Para outros ficou como proposta mais branda, como uma religião “descafeinada”, uma religião “light”» apoiados por uma cultura do “espontaneísmo” e do “irracional” (Cf. Adérito Gomes Barbosa, «*Os jovens portugueses e a nova evangelização*», em *Revista Humanística e Teologia*, 7 (Porto: Universidade Católica Portuguesa, 1993) 283).

³¹ A sua ideia baseia-se no facto de que “as pessoas viajam por muitas razões, mas uma delas é conhecer os importantes «marcos» da nossa e de outras civilizações. Ora, estes são esmagadoramente igrejas,

uma das formas que o Homem encontrou para olhar para a sua existência, a sua identidade³² e partir em busca da espiritualidade que sofre com estas alterações e afasta o Homem da religião, seja ela qual for. Para Francisco “Se a música do Evangelho parar de vibrar nas nossas entranhas, perderemos a alegria que brota da compaixão, a ternura que nasce da confiança, a capacidade da reconciliação” (FT. 277). Para Manuel Mendes “entre a realidade e a ideia, se vai dando forma a essa sinfonia simbólica” que se inicia com o Batismo.³³ Não é uma realidade nova, mas este ambiente de secularização social tem contribuído fortemente para que o homem do século XXI faça caminho na “descrença”, apoiando-se em projetos individualistas de tendência materialista e com consequências negativas na vida das pessoas e do mundo, em geral.

1.3. RETORNO A DEUS E AO SAGRADO

A descrença que surge com as transformações sociais do século XIX vai amadurecer e tomar conta da vida interior com forte implicação na imagem da Igreja, mas também em valores como a família, a religião ou a comunidade. No meio de uma insatisfação interior, o homem do século XXI, busca outras formas do sagrado, algo que os satisfaça no imediato e preencha o vazio da sua vida. Para Charles Taylor, estas mudanças sociais são uma “reação contra uma Igreja estatal no contexto de uma sociedade não igualitária, em que a tentação de alinhar a religião estabelecida com o poder e os privilégios obtidos são irresistíveis. O que não pode deixar de produzir reações anticlericais que degeneram numa espécie de descrença militante”.³⁴ Como se percebe estas transformações sociais, culturais, religiosas e, mais recentemente, climáticas requerem uma reflexão que permita

templos, locais, onde estão cravados os fortes sentidos transcendentais do passado”. (Cf. Charles Taylor, *A Era Secular*. Trad. Joana Chaves (Lisboa: Instituto Piaget, 2007) 383).

³² A identidade europeia passa pelo sacramento do batismo e segundo João Paulo II, “O «Batismo» inseriu a vossa Nação na grande família dos Povos cristãos da Europa, naquela «*Christianitas*» que marcou profundamente os destinos do Continente e constitui para ele a herança comum mais preciosa e o fundamento para a construção de um futuro de paz, de progresso autêntico e de verdadeira liberdade” (SA 4). Estas palavras dirigidas aos lituanos enquadram-se em qualquer um dos povos que constitui o velho continente.

³³ Manuel Monteiro Mendes, «O Batismo na vida de uma comunidade paroquial», em *Um só corpo... Um só Batismo (Ef. 4, 4-5). A diversidade dos Carismas e a Construção da Comunhão*, 37. Coord. António Abel Canavarro. Humanista e Teológica (Porto: Universidade Católica Editora, 2021) 185.

³⁴ Charles Taylor, *A Era Secular*. Trad. Joana Chaves (Lisboa: Instituto Piaget, 2007) 550.

à humanidade reabilitar uma realidade religiosa em declínio. Esta é uma realidade que fragiliza o cristianismo, e que tem que começar a ser refletida e dialogada a partir do sacramento do Batismo, como nos lembra Manuel Mendes: “O Batismo permite que Cristo Viva em nós e que vivamos unidos com ele, que colaboremos na Igreja, cada um segundo a sua condição, na transformação do mundo”.³⁵ A Igreja apresenta caminhos de fé e como refere Bernardino Costa “a fé não nasce de uma descoberta, mas da escuta do anúncio evangélico [...] não é possível «dizer Deus» sem escutar o homem crente: a fé germina no próprio ato de ser transmitida por um homem ao outro, por um grupo ao outro”.³⁶ Este caminho pressupõe um diálogo social e que Francisco defende que deve “respeitar o ponto de vista do outro, aceitando como possível que contenha convicções ou interesses legítimos” (FT. 203).

O caminho iniciado com a revolução francesa e que alimentado pelas reflexões filosóficas do século XX gerou um desinteresse religioso e a ideia da “ausência de Deus”. Afirma Borges de Pinho³⁷ que “a pluralização do viver social” tem contribuído grandemente para a individualização da fé. Desse modo, o mundo com alguma facilidade, substitui a prática religiosa por uma “espiritualidade mimética” que nada acrescenta à vida do indivíduo, gerando novas formas de ateísmos. No entanto, no século XXI a ideia do “retorno de Deus” volta a estar no centro das reflexões teológicas. Para Lluís Torró a questão de Deus mantém-se ainda hoje pelo interesse que tem despertado nos últimos tempos, como se percebe pelos estudos que se publicam. Questões como o pluralismo religioso e a tolerância fazem eco nas sociedades contemporâneas, apoiadas na ideia da “bondade e conveniência da religião para promover um progresso económico e humano”.³⁸ Esta reflexão parece pretender revitalizar a ação da Igreja que busca encontrar novas formas de abordar a fé. Nesta reflexão, há espaço para o diálogo da religião com a ciência, mas também com o Homem da Ciência, que crê em Deus e que, timidamente, se anuncia como crente. Para o Papa Francisco a sociedade não pode ser mera espetadora:

³⁵ Manuel Monteiro Mendes, «O Batismo na vida de uma comunidade paroquial», em *Um só corpo... Um só Batismo (Ef. 4, 4-5). A diversidade dos Carismas e a Construção da Comunhão*. 37. Coord. António Abel Canavarro. Humanista e Teológica (Porto: Universidade Católica Editora, 2021) 187.

³⁶ Bernardino Costa, «Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos: uma leitura dos Preanotanda» em *A Iniciação Cristã em Tempo de Secularização*, 36. Coord. António Abel Canavarro (Porto: Universidade Católica Editora, 2021) 119.

³⁷ José Eduardo Borges de Pinho, «A dimensão eclesial da fé cristã», em *A Iniciação Cristã em Tempo de Secularização*, n.º 36. Coord. António Abel Canavarro (Porto: Universidade Católica Editora, 2021) 60-61.

³⁸ Lluís Oviedo Torres, «El retorno de Dios en el ambiente contemporáneo», em *Razón y Fe*. Vol. 279: 1439 (2019) 323-333. (acedido a 05 agosto de 2021),

<https://revistas.comillas.edu/index.php/razonyfe/article/view/11397/10708>

“O diálogo, com tudo o que implica, lembra-nos que ninguém se pode limitar a ser espetador, nem mero observador. Todos, desde o menor ao maior, são parte ativa na construção duma sociedade integrada e reconciliada. Esta cultura é possível, se todos participarmos na sua elaboração e construção. A situação atual não admite meros observadores de lutas alheias; pelo contrário, é um forte apelo à responsabilidade pessoal e social”.³⁹

Ao defenderem uma cultura social ateia, o Homem apoiado num “politeísmo espumoso” coloca uma série de ídolos transitórios que vão ocupando o lugar de Deus e que depois desaparecem para dar lugar a outros deuses. Nesta relação em construção, torna-se importante o papel dos jovens, para que os mesmos não se deixem manipular por ideias e projetos de vida com fins impróprios e que tendem a favorecer a corrupção. A sua participação e presença torna-se relevante, afirmou o Papa Francisco “Estes não são apenas o futuro dos nossos povos, mas o presente; são aqueles que já hoje estão a forjar, com os seus sonhos, com a sua vida, o espírito europeu. Não podemos pensar no amanhã, sem lhes proporcionar uma participação real como operadores de mudança e transformação”.⁴⁰

Francesc Torralba defende que “diagnosticar o tempo presente é uma tarefa muito árdua, porque o presente escorrega sempre por entre os nossos dedos, mas, apenas se compreendermos as circunstâncias, poderemos compreender o cidadão comum, as suas preocupações e expectativas”.⁴¹ O que fica neste mundo em mudança é uma realidade que tem no seu substrato a ação do Espírito Santo e como refere Francisco “não convém ignorar a enorme importância que tem uma cultura marcada pela fé, porque, não obstante, os seus limites, esta cultura evangelizada tem, contra os ataques do secularismo atual, muitos mais recursos do que a mera soma dos crentes” (EG 68). Para D. Manuel Clemente, a porta que se abre tem de ser a do cristocentrismo, porque em Jesus reside a abertura para “a construção dum mundo tão fragmentário e dissonante como o atual”.⁴² O homem contemporâneo, alerta o Papa Paulo VI, parece “temer que a íntima ligação

³⁹ Papa Francisco, «Discurso da entrega do prémio Carlo Magno», acessido a 17 de setembro 2021, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papafrancesco_20160506_premio-carlo-magno.html.

⁴⁰ Papa Francisco, «Discurso da entrega do prémio Carlo Magno», acessido a 17 de setembro 2021, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papafrancesco_20160506_premio-carlo-magno.html.

⁴¹ Francesc Torralba, «La fe cristiana frente al politeísmo espumoso», em *Razón y Fe*, Vol. 274, 1416 (2016) P. 260, acessido a 04 de maio 2021, <https://revistas.comillas.edu/index.php/razonyfe/issue/view/684>.

⁴² Manuel Clemente, *O tempo pede uma Nova Evangelização* (Prior Velho: Paulinas, 2013) 29.

entre a atividade humana e a religião constitua um obstáculo para a autonomia dos homens, das sociedades ou das ciências” (GS 36), e desse modo, necessita de se abrir à voz de Cristo.

2. DESAFIOS DE UMA IGREJA EM MUDANÇA NA EUROPA

Nesta era pós-secular, algumas portas se abrem diante de um fenómeno socio-cultural novo como resultado de uma preocupação com o clima, a vida e bem-estar humano. Esta é uma preocupação que cresce paralelamente a um caminho de descristianização do mundo, especialmente na Europa. Para Rui Alberto, este é um desafio, que em si é complexo, o que faz com que as pessoas vão modelando as suas ações em função das suas necessidades imediatas. É uma realidade comparada a “uma sociedade sem centro”.⁴³ Esta diversidade cultural é um bem para os europeus (ao gerar reflexões sobre a sociedade na sua relação com a ecologia, as questões da vida, da pobreza, da indiferença social, terrorismo, etc.) se refletirmos sobre a máxima “todos diferentes, todos iguais”. Mas, a Europa tem vivido como uma grande comunidade e, desse modo, o conceito “comunidade” conduz à reflexão sobre o papel de cada cidadão, as suas tarefas e responsabilidades em prol do bem comum. O sonho de um mundo unido pelo bem e para o bem tem motivado políticos e religiosos a unir esforços na atualidade.

A realidade europeia é em si um problema em aberto porque envolve a religião na busca de soluções. Para além das diferentes línguas oficiais, cada país tem a sua história, cultura e a sua forma de entender a fé. Julián Carrón ao refletir sobre a realidade Europeia escreve que “a situação que estamos a viver tornou-nos conscientes de que nestes anos vivemos, em certo sentido, como uma bolha, que nos fazia sentir suficientemente, protegidos dos golpes da vida”.⁴⁴ Assim, cada dia que nasce é um novo dia, é uma nova oportunidade “de expressar o nosso *ser irmãos*, de ser outros bons samaritanos que tomam

⁴³ “Nas sociedades complexas há muitos centros de podere de legitimação. Cada um tem a sua lógica e as suas regras. Esta ausência de um centro único ou principal capaz de dar legitimidade ética torna difícil a construção de uma escala de valores, necessidades e oportunidades” (Cf. Rui Alberto, «Mundo Juvenil, desafios à evangelização», em *Propor a fé numa pluralidade de caminhos* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017) 120).

⁴⁴ Julián Carrón, *O despertar do humano, reflexões de um tempo vertiginoso* (Lisboa: Paulus, 2020) 9.

sobre si a dor dos fracassos, em vez de fomentar ódios e ressentimentos” (FT 77). Para muitos cristãos, esta ainda é uma realidade que não se compreende, pois é «um verdadeiro enigma da investigação sociológica com um passado religioso [...] De facto, a Europa não é apenas um país amplamente “secularizado”, mas, acima de tudo parece ser um país indiferente às crenças religiosas, na medida em que já não dispõe de quaisquer recursos religiosos». ⁴⁵ Parece existir uma espécie de impotência ⁴⁶ no que toca à compreensão de uma realidade que se apresenta por si só contraditória e que se deve orientar por um espírito de renovação, pela luta contra o silêncio e abrir a porta da fé a todos os que desejem crescer com Deus presente na sua vida. Este sentimento de fracasso, talvez tenha o seu começo na incompreensão acerca da necessidade dos sacramentos. Esta realidade, que não é só de hoje, como refere José Saraiva Martins deve colocar-se “com particular acuidade perante a progressiva descristianização do mundo, a saber, a afirmação de uma sociedade cada vez mais afastada do Evangelho, na qual os valores religiosos e cristãos vão tendo menos espaço”. ⁴⁷

2.1. FORTALECER O TESTEMUNHO CRISTÃO

A história humana está marcada por lutas de sobrevivência, territoriais, ideológicas, entre outras. A herança cristã deixada pela Igreja primitiva, quase que desaparece com as transformações sociais, políticas e religiosas no virar do século XVIII para o século XIX. Pode-se dizer até que “a era moderna distanciou-se da esperança cristã, negando a sua validade teórica e, ao mesmo tempo, tentando herdá-la. A religião deixou de ser uma herança cultivada por direito próprio e tornou-se apenas uma herança de séculos

⁴⁵ Aldo Natale Terrin, «L'Europa: un caso anómalo di secolarizzazione», *Credere Oggi* 176, XXX, 2 (2010), 29.

⁴⁶ Acerca dessa dificuldade humana refere o Padre António Vieira que “Se Cristo considerou necessário que os apóstolos, que haveriam de pregar aos homens mais sábios do mundo inteiro, partissem providos e acrescentados com estes adjutórios visíveis dos milagres, quanto mais os que têm de partir para junto de povos bárbaros e mais rudes, que hoje restam por converter?”. Refere ainda uma ideia de S. Agostinho ao qual “diz que “chamo milagre tudo quanto surge de dificultoso ou insólito ultrapassando a expectativa ou incapacidade de compreensão de que quem se espanta; neste género de coisas, nada é mais a propósito para a população e os homens totalmente sandeus do que aquilo que é transmitido pelos sentidos”. (Cf. *Lib. De utilitate credendi*) (Padre António Vieira, «*A chave dos Profetas*», Tom. III – Vol. VI, Edição nº 7846. (Círculo de Leitores, 2013) 454).

⁴⁷ José Saraiva Martins, *Batismo e Crisma* (Braga: Faculdade de Teologia, 2002) 107.

anteriores”.⁴⁸ Na modernidade, a esperança secularizou-se e perante a força do ateísmo, que através de novas formas de religiosidade, tem afastado o Homem da Igreja e de Deus. Para Olegário Cardedal, a esperança assenta em três raízes: a memória, o desejo e a promessa.⁴⁹ A luta contra as mentalidades mundanas e mediócras é também uma luta contra o “príncipe do mal” que incute no homem as más inclinações (GE 93).

Esta luta, que não é de agora, tem envolvido a Igreja na sua história e em alguns momentos deixa a ideia de que tudo se centra Nela. A Igreja é feita de pessoas e Deus o que deseja é que sigam o seu caminho na liberdade, mas conscientes de que as suas ações não são totalmente livres. Pelo Batismo, como refere José Saraiva Martins, o cristão é livre, mas não possui uma “liberdade pura”.⁵⁰ O desejo dos cristãos que a Igreja contemporânea promova o diálogo, como refere S. João Paulo II:

“A ninguém passa despercebido o desafio que tudo isso coloca aos crentes. E estes não podem deixar de o enfrentar. Poderão eles, portanto, recusar-se a fazer todo o possível para, com a ajuda de Deus, abater muros de divisão e desconfiança, superar obstáculos e preconceitos que impedem o anúncio do Evangelho da Salvação através da Cruz de Jesus, único Redentor do homem, de todo o homem?” (UUS 2).

Parece existir no final do século XX uma ação para promover o diálogo e fortalecer o testemunho católico,⁵¹ mas também, a conversão pessoal e a conversão comunitária. Algumas décadas depois do Vaticano II, há uma insistência a um modo de vida com vista à

⁴⁸ Olegário Gonzalez de Cardedal, *Raiz de la esperanza*. 2.^a ed. (Salamanca: Sigueme, 1996) 477-478.

⁴⁹ No que respeita à memória, esta capacita o homem para fazer presente, acontecimentos do passado. Sem a memória, não seria possível realizar o ato de pensar e entender. A presença do passado ajuda a entender o presente e, desse modo, a preparar o futuro. No que se refere ao desejo, Olegário Cardedal afirma que o “desejo é um dos caminhos da vida humana, às vezes perdido, às vezes posto sob suspeita, às vezes desprezado como racionalmente insignificante, às vezes rejeitado como sujo e amaldiçoado pela psicanálise. No entanto, o Homem é cumulativamente desejo, impulso, inquietação, fome e sede”. Em relação à promessa, a experiência humana, passa pelo exercício do encontro, ao qual identifica os ecos da chamada promessa e esperança de Deus. Ao contrário dos deuses gregos, Deus revela-se como Senhor e soberano, que promete guiar aqueles que são escolhidos e confiam Nele. Assim, o Deus que se revela é o mesmo Deus da promessa. (Cf. Olegário Gonzalez de Cardedal, *Raiz de la esperanza*. 2.^a ed., (Salamanca: Sigueme, 1996) 487-493.

⁵⁰ Pelo batismo o cristão deixa de possuir “uma liberdade pura, absoluta, a saber, imune a qualquer condicionamento ou limitação. Este é um dado incontestável em todos os domínios da vida humana [...] Um comportamento neutral por parte dos pais a respeito dos seus filhos, no que respeita à vida religiosa, teria certamente conotações negativas, pois privá-los-ia de um bem essencial” (Cf. José Saraiva Martins, *Batismo e Crisma* (Braga: Faculdade de Teologia, 2002) 129).

⁵¹ Para Koch, o termo testemunha é próprio do Novo Testamento e “provém do direito e no grego clássico (e na tradução dos LXX) designa alguém que observou um acontecimento e pode informar a respeito dele, sobretudo em juízo, para provar, acusar ou inocentar” (p. 1095). Tal como os Apóstolos, refere Koch: “procuremos também nós, como os primeiros cristãos, entrar no campo de gravitação do Senhor ressuscitado e exaltado e, no poder da fé na ressurreição, dar um testemunho ardente em favor do Senhor através de uma vida de genuíno amor fraternal e de uma total prontidão para o sofrimento” (p.1105). (Cf.

santidade, registada nas palavras do Papa Francisco, que apela ao cristão para que permaneça “centrado, firme em Deus que ama e sustenta. A partir desta firmeza interior, é possível aguentar, suportar as contrariedades, as vicissitudes da vida e também as agressões dos outros, as suas infidelidades e defeitos” (GE 112). Esta é uma linha de pensamento que vai ao encontro da doutrina Paulina. À comunidade de Roma, Paulo exorta os cristãos a não se deixarem vencer pelo mal e, desse modo, que a luta seja feita a partir do bem: “se o teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer; se tem sede, dá-lhe de beber; porque, se fizeres isso, amontoarás carvões em brasa sobre a sua cabeça” (Rm. 12, 20).

Ao enveredar por caminhos que o afastam de Deus, o homem sente que domina o seu espaço, a sua vida e o mundo. No entanto, não passa de um ser dominado por toda uma realidade que funciona como uma máquina devoradora, que subtrai a beleza que é a vida e oferece o vazio e a escuridão. Encontramos eco deste retrocesso nas palavras proferidas por Job, quando diz “quem me dera voltar a ser como dantes, nos dias em que Deus me protegia! Quando a luz brilhava sobre a minha cabeça e o seu resplendor me guiava nas trevas!” (Jb. 29,2-3). Este mistério surge aos olhos de Job como algo a temer, mas, ao mesmo tempo, como um raio de luz que cativa e o convida a procurar a felicidade. Esta tomada de consciência pode bem ser um sinal que fortalece toda a humanidade, como nos lembra Tomás Halík, tal como no passado, agora vivem-se tempos de desesperança:

“Quando a fé de alguns cristãos enfraquece, ao ver que o mundo não vai na direção por eles esperada intensifica-se a tentação de substituir o Deus do amor, da fé e da esperança por um velho vingativo que do Além persegue os seus filhos com castigos cruéis, que levariam qualquer pai a ser justamente julgado. Esses crentes fazem de Deus um braço estendido da sua vingança, castigam aqueles que eles próprios condenam”.⁵²

Este é um desafio que convida à unidade e ao qual a Igreja desperta para uma realidade nova: - a Escuta. É uma luta contra a insensatez de quem provavelmente afirmou “não há Deus”. É um desafio como lugar de encontro que conduz à comunhão do homem com Cristo. É a busca do “Deus vivo”. É uma sociedade que não põe Deus, no centro. Para Odo Casel “o mundo interior foi despojado do seu mistério”. Esta ideia tem por base as transformações sociais e religiosas, resultantes de um mundo, cada vez mais secularista. Há sem dúvida uma mudança na forma de olhar Deus “o que ali jazia na penumbra revela-

R. Koch, «*Testemunha*», em *Dicionário de Teologia Bíblica*. Trad. Helmuth Alfredo Simon. Vol II, 2ª ed. (São Paulo: Edições Loyola, 1978) 1095-1105).

⁵² Tomás Halík, *O tempo das Igrejas vazias*. Trad. Karin Sousa (Prior Velho: Paulinas, 2021) 21.

se agora como um feixe de impulsos e desejos sôfregos semi-reprimidos” e que se tornou, provavelmente, num dos problemas mais difíceis de resolver, porque se transformou numa questão cultural. A questão que se coloca é se é possível reformular o caminho que os cristãos têm feito, caso contrário o “amor, amizade, ideais, religião – tudo se dissolve em convulsões e espasmos nervosos”.⁵³

2.2. ENFRENTAR A INDIFERENÇA (CONSTRUINDO COMUNIDADES)

Há um problema de comunicação. A mensagem, que se transmite, não seduz o Homem da modernidade e, de certo modo, contribui para o distanciar da doutrina e dos valores cristãos. A Igreja do século XXI vive um verdadeiro desafio, pelo que tenta responder, com novas metodologias de evangelização, na tentativa de introduzir uma nova linguagem para melhor se viver a fé. São desafios e sinais dos novos tempos, pressentindo-se uma preocupação com o crescente abandono das Igrejas, nomeadamente, na Europa, com graves prejuízos para a identidade cristã e a vida espiritual de cada cristão. Arnaldo Pinho escreve “a identidade cristã vive, por vezes, num regionalismo marcado pela manutenção rígida e obsessiva da identidade no fragmento da sua experiência. Multiplicam-se os encontros, mas não raro dificilmente se vai até ao fim do que já está anunciado nesse fragmento”.⁵⁴

Na modernidade, a esperança cristã⁵⁵ apoia-se na ideia da encarnação, como manifestação da vida presente e futura do homem. Apoiada na ação do Espírito Santo, a Igreja tem o dever de procurar formas de contornar a crise de valores, de fé e a ignorância doutrinária a que o homem crente se tem votado. Atacada em muitos momentos pelos meios de comunicação, a Igreja vive momentos de tensão e censura, quer internamente, quer na relação com a sociedade. Este é um tempo em que “a ausência de Deus” convive com

⁵³ Odo Casel, *O mistério do culto cristão*. Trad. Artur Morão (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2019) 55.

⁵⁴ Arnaldo de Pinho, *Cultura da Modernidade e Evangelização* (Porto: Letras & Coisas, 2016) 117.

⁵⁵ Para Andrea Riccardi, a “esperança é o motor da vida da Igreja [...] o futuro da Igreja nutre-se – para mim – da esperança que vem do Evangelho”. (Cf. Andrea Riccardi, *La Chiesa Brucia. Crisi e futuro del cristianesimo* (Bari-Roma: Guius Laterza & Figli, 2021) 224).

uma multiplicidade de manifestações do sagrado⁵⁶ e a Igreja tem de procurar implementar ações capazes de seduzir jovens e adultos, para participarem num caminho de amadurecimento da fé. Francesco Ghedini compara a dimensão da “ausência de Deus” à ideia da “espiral do silêncio”.⁵⁷ Várias razões se podem apontar, no entanto, o afastamento acontece, porque o crente está inserido num grupo social que define essa posição, que divide o “mundo católico e o mundo laical”.⁵⁸ Por outro lado, este pode ser influenciado por uma espécie de mimética, de quem procura outras formas de religiosidade.

Para Ghedini “uma sociedade que em tempos foi informada pela linguagem, valores humanos e narrativas bíblico-cristão, refere-se agora a eles, fora dos circuitos eclesiais quase apenas numa chave retórica”,⁵⁹ o que permite que se relativize a dimensão do divino, do transcendental e do espiritual. É visível a presença de um humor cristão, resultante de uma crescente indiferença e inconsciência⁶⁰ para com a realidade do sagrado. Desse modo, o apelo da Igreja passa por um voltar à Palavra de Deus, para que cada um se torne “sal e fermento” e que o “sim” seja de compromisso sincero e não de medo⁶¹.

⁵⁶ Tomás Halík fala de uma dimensão nova, dizendo “uma outra forma, hoje particularmente apreciada, de fuga perante o risco da escolha entre a fé e o ateísmo: o *apateísmo*, a indiferença diante da fé e das questões e também das respostas que ela consigo traz” (Cf. Tomás Halík, Anselm Grün, *O abandono de Deus* (Prior Velho: Paulinas, 2016) 28).

⁵⁷ A *espiral do silêncio* é uma teoria desenvolvida por Elisabeth Noelle-Neumann, que apresenta como ideia central a atitude do indivíduo, que omite a sua opinião quando ela mesma se torna conflituante com a opinião dominante do grupo, quer seja por medo da crítica, quer por receio de isolamento no grupo a que pertence. Para Noelle-Neumann “Parece que o medo do isolamento é a força que põe em marcha a espiral do silêncio. Participar nas ideias do grupo pode constitui um estado de relativa felicidade; mas se não for possível, porque não se quer partilhar publicamente uma convicção aparentemente universalmente aceite, pode-se pelo menos permanecer em silêncio como uma segunda melhor opção, a fim de continuar a ser tolerado por outros” (Cf. Elisabeth Noelle-Neumann, *La espiral del silencio. Opinión pública: nuestra piel social*. Trad. Javier Ruiz Calderón (Barcelona: Editorial Paidós, 1995) 23-24). “A espiral de silêncio funciona como uma reação à aprovação e desaprovação visíveis e evidentes dentro de constelações de valores em mutação” (Cf. p. 90). “Parece que pertencer ao grupo descreve melhor o porquê de estarem juntos. Mas esta situação pode ser penosa, sofrendo tanto que pode ser guiado ou manipulado tão facilmente através da sua própria sensibilidade, como se se tratasse de uma restrição” (Cf. p. 23).

⁵⁸ Esta ideia surge expressa no pensamento de Andrea Riccardi quando escreve “A bipartidarização entre o mundo católico e o mundo laico foi verdadeira nas épocas de confronto entre o catolicismo e o laicismo ou entre o catolicismo e o comunismo. Mas o muro caiu e há muito tempo. Hoje é-se menos cristão, mas talvez também menos anticristão” (Cf. Andrea Riccardi, *La Chiesa Brucia. Crisi e futuro del cristianesimo* (Bari-Roma: Guius Laterza & Figli, 2021) 7).

⁵⁹ Cf. Francesco Ghedini, «Ateísmo e responsabilità dei cristiani: riflessioni a partire dalla *Gaudium et spes*», *Credere Oggi*, 187: XXXII, 1 (2012) 75.

⁶⁰ Para Andrea Riccardi “a Igreja no mundo contemporâneo é chamada a uma condição [...] de luta”. Esta luta “é ao mesmo tempo combate pelo mundo e no mundo”. É uma luta que combate à indiferença, o descrédito ao mais alto nível, que de certa forma agride e que contribui para a perda de espaço de atração e de diálogo” (Cf. Andrea Riccardi, *La Chiesa Brucia. Crisi e futuro del cristianesimo* (Bari-Roma: Guius Laterza & Figli, 2021) 236).

⁶¹ Esta é uma resposta que tem de ser firme para combater a ideia de o «ateísmo popular difundido nas nações pós-comunistas é militante só em áreas marginais, e facilmente se transfere para o apateísmo. Ambos crescem num clima que podemos designar como analfabetismo religioso – a total ausência de conhecimentos sólidos e de experiências autênticas providas do campo da religião» (Cf. Tomás Halík, Anselm Grün, *O abandono de Deus* (Prior Velho: Paulinas, 2016) 70).

Assim, quando o Homem se sente interpelado por Cristo gera um conjunto de emoções e de medos,⁶² que podem transformar-se em veneração, amor e esperança. Arnaldo Pinho fala de um “ateísmo de reaproximação” dentro de uma crise onde a sociedade vive um afastamento da prática religiosa na modernidade.

“A relação entre crise do humanismo e morte de Deus estabelece-se, na nossa época, de modo mais profundo, numa forma que pode ser chamada fim do Ateísmo de reapropriação. Entende-se, pois, este Ateísmo que não busca já a luta contra o Teísmo para colocar no seu lugar o homem, mas antes uma espécie de Ateísmo que não é herdeiro de nada, nem do Deísmo para atirar contra o Ateísmo, nem vice-versa do Ateísmo para jogar contra o Teísmo”.⁶³

O crescimento da “cultura da indiferença”, em que cada um procura satisfazer os seus anseios e necessidades, faz esquecer que a sua realidade se situa num ambiente onde “todos necessitam de todos”, porque ninguém se autossustenta, ninguém pode viver isolado. Cultiva-se a indiferença, a insensibilidade, não só nas relações sociais, mas também para com o que é comum, como o ambiente, a saúde, a vida pública.⁶⁴ A realidade social que fomenta o pluralismo religioso a par da busca do prazer e da satisfação de necessidades, que vão em certa medida anular “o ser cristão”. A todo este ambiente, o Papa Francisco designa de “globalização da indiferença” que nos “torna a todos «inominados», responsáveis sem nome nem rosto”. Nas suas palavras, está implícito um alerta para que o cristão, perante atitudes de indiferença, de acomodação e na defesa dos seus interesses, que o “leva à anestesia do coração” e à “incapacidade de chorar”;⁶⁵ cuidando do outro, como refere na mensagem “a cultura do cuidado”.⁶⁶

⁶² O medo, por exemplo, parece ser um sentimento e uma emoção que "se acende" quando a pessoa percebeu a imensidão do infinito e se esforça por integrá-la na sua própria existência. (Cf. Antonio Bertazzo, «Creder e con passione. Esperienza di fede e vissuto emotivo», *Creder Oggi* 214: XXXVI, 4 (2016) p.36). Em qualquer caso, esta emoção aparece como um princípio de transformação a ser unido ao sentimento de beleza.

⁶³ Arnaldo de Pinho, *Cultura da Modernidade e Evangelização* (Porto: Letras & Coisas, 2016) 36.

⁶⁴ Em 01 de janeiro de 2019 na sua mensagem “a boa política é estar ao serviço da paz, Francisco relembra as palavras de São João XXIII “quando numa pessoa surge a consciência dos próprios direitos, nela nascerá forçosamente a consciência do dever”. É através da criação de uma “política de Paz”, que se pode construir comunidades e que essa dinâmica possa ajudar à “conversão do coração e da alma”. (Cf. Francisco, A boa política é estar ao serviço da paz, em 01 de janeiro 2019, acedido a 29 de janeiro 2022), https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20181208_messaggio-52giornatamondiale-pace2019.html.

⁶⁵ Francisco, «Homilia pelas vítimas dos naufrágios em Lampedusa», acedido em 29 de janeiro 2022, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html.

⁶⁶ Francisco na celebração do dia mundial da Paz, exorta a sociedade que “a promoção da cultura do cuidado requer um processo educativo e o compasso dos princípios sociais constitui, para tanto, uma ferra-

2.3. PROMOVER O SENTIDO DE PERTENÇA E A PARTICIPAÇÃO DOS BATIZADOS

Muitos cristãos dizem-se crentes, mas vivem afastados de Deus. Esta ideia, não é nova e só vem reforçar o que escreve o Papa Francisco sobre “o urgente desafio de proteger a nossa casa comum, que inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral” (LS 13). Deste modo, é necessário melhorar a linguagem, porque esta deve unir e não separar.⁶⁷ Este é um apelo que surge perante a crescente incompreensão acerca da fé cristã. O novo ateísmo, em parte resulta da forma como se transmitem os fundamentos cristãos. Esta é uma realidade que a Igreja nem sempre consegue acompanhar e em alguns momentos apresenta dificuldades em mostrar a sua posição. Borges de Pinho chama a este tempo de “transformação epocal”.⁶⁸ Por outro lado, o Papa Francisco fala numa “cultura do provisório” (AL 39) à qual as redes sociais têm dado um forte contributo. É um tempo, onde as relações afetivas se têm transformado em algo que se pratica à distância.

Quando se analisa a realidade religiosa atual, por norma cai-se sempre num negativismo que em nada ajuda as comunidades a crescerem e a fortalecerem-se para a pastoral comunitária e vocacional. Esta realidade enfrenta diversos problemas, nomeadamente, na dificuldade em refletir os acontecimentos e problemas atuais, como nos refere Vicente Vide “Passámos de uma sociedade cristã europeia para uma sociedade em que Deus parece estar ausente”.⁶⁹ Alfredo Teixeira refere um estudo de 1994 da socióloga da

menta confiável para diversos contextos inter-relacionados”. É no cuidar das relações na família, na comunidade, dos abandonados, dos que sofrem, que se combate as desigualdades e se promove a “cultura do cuidado.” (Cf. Francisco, «A cultura do cuidado como caminho de Paz», acedido a 29 de janeiro 2022),

https://www.vatican.va/content/francesco/it/messages/peace/documents/papa-francesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html.

⁶⁷ “As atitudes que dificultam os caminhos de solução, mesmo entre os crentes, vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada ou à confiança cega nas soluções técnicas. Precisamos de uma nova solidariedade universal” (Cf. LS 14). “Se tivermos presente a complexidade da crise ecológica e as suas múltiplas causas, deveremos reconhecer que as soluções não podem vir de uma única maneira de interpretar e transformar a realidade. É necessário recorrer também às diversas riquezas culturais dos povos, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade [...] além disso, a Igreja católica está aberta ao diálogo com o pensamento filosófico, o que lhe permite produzir várias sínteses entre a fé e a razão” (Cf. LS 63).

⁶⁸ Hoje, vivem-se realidades que exigem novas reflexões acerca dos modelos pastorais “provenientes de um contexto de cristianismo predominantemente sociológico” e que se tem revelado ineficaz perante desafios ao modo de vivenciar a fé. (Cf. José Eduardo Borges de Pinho, «A dimensão eclesial da fé cristã», em *A Iniciação Cristã em Tempo de Secularização*, n.º 36. Coord. António Abel Canavarro (Porto: Universidade Católica Editora, 2021) 65).

⁶⁹ Para Vicente Vide o mundo cristão tem vindo a adotar um modelo de vida baseado na indiferença religiosa. As suas ações cada vez mais assentam na «incredulidade como forma de vida, o que significa adotar posições nas quais Deus e todas as suas expressões linguísticas são dispensadas. Se Deus costumava

religião Grace Davie, relativo ao paradigma da religião dominante e no qual a autora defende que «o grande desafio das igrejas não consiste em terem de viver numa sociedade secularizada, mas atualizarem a sua mensagem numa sociedade onde o *Christian nominalism* (diríamos, “os cristãos de nome”) se tornou o fenómeno sócio-religioso mais significativo». ⁷⁰ Com este estudo, Grace Davie parece querer ir ao encontro da ideia de uma religião do crer-sem-pertencer. Perante esta realidade é importante “distinguir os praticantes-participantes (ou praticantes – produtores) dos praticantes-utentes (ou praticantes - consumidores)”, ⁷¹ o que nos remete para a paróquia como lugar de encontro de todos os batizados. Na base do problema estão questões culturais, das quais as novas gerações não se conseguiram precaver. Armando Matteo defende que “do ponto de vista da religião cristã, os jovens não receberam informação nenhuma acerca da verdadeira conveniência da fé, não sabem por que razão deveriam crer ou por que razão deveriam rezar”. ⁷² Este fenómeno tornou-se atual, com prejuízo, não só para a fé, mas também com reflexos na sociedade, na moral, na ética, logo para o modo de viver. Há um desinteresse pelo Evangelho e pelo “ser batizado”, o fazer comunidade. É um fechar o coração à identidade cristã e o abrir-se a valores que transforma as pessoas em “impacientes e mesmo, com a inquietação, rebeldes; conscientes da própria importância na vida social, aspiram a participar nela o mais depressa possível” (GS 7). Borges de Pinho, refere acerca de um estudo de Enzo Biemi, ao qual, prevê que em 2060:

“Teremos de modo prevalecte um cristianismo por escolha, por consequência um cristianismo de minoria (aderir-se-á à fé por conversão e convicção); as comunidades serão pequenas, fundadas mais sobre relações que sobre estruturas e organização; a pastoral será de proposta (ou gestação), não de conservação (ou enquadramento); nessas comunidades será posto em prática para quem o pede um processo de iniciação cristã destinado aos adultos e a toda a família e será a comunidade no seu conjunto o seio gerador da fé. A catequese será de primeiro anúncio e de mistagogia”. ⁷³

ser mencionado na sopa (porque a mesa era abençoada todos os dias e em todos os momentos) e muitas saudações sociais eram continuamente terminadas com “se Deus quiser”, hoje em dia Ele não é mencionado em quase nenhum uso linguístico socialmente partilhado. A incredulidade como forma de vida elimina qualquer referência ao Absoluto». (Vicente Vide, *Comunicar la fé en la ciudad secular* (Santander: Sal Terrae, 2013) 24).

⁷⁰ Alfredo Teixeira, *Entre a exigência e a ternura, uma antropologia do habitat institucional católico*. (Lisboa: Paulinas, 2004) 192-194.

⁷¹ Teixeira, *Entre a exigência e a ternura, uma antropologia do habitat institucional católico*, 223.

⁷² Armando Matteo, *A primeira Geração incrédula, a difícil relação entre os jovens e a fé*. Trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas, 2013) 36.

⁷³ José Eduardo Borges de Pinho, «A dimensão eclesial da fé cristã», em *A Iniciação Cristã em Tempo de Secularização*, 36. Coord. António Abel Canavarró (Porto: Universidade Católica Editora, 2021) 65.

Há uma indiferença religiosa que persiste em não desaparecer e que resulta numa “falta de curiosidade sobre a religião, uma falta de atenção à sua existência e às suas formas, uma insensibilidade ao seu conteúdo e aos estados de espírito que suscita. Conduz a uma falta de interesse e desinteresse por Deus e pela dimensão religiosa da existência”.⁷⁴ Estes sinais exigem reflexão sobre a “dimensão eclesial da fé” que hoje vivemos, mas, sobretudo, sobre o modelo a que o cristão será chamado a viver.⁷⁵

Todo este percurso pós-conciliar gerou mais maturidade e discernimento que leva à análise da relação da Igreja com o mundo. E, no que respeita ao povo europeu, este “precisa de fazer um salto qualitativo na *tomada de consciência da sua herança espiritual*. O estímulo só lhe pode vir da promoção do sentido do Evangelho de Cristo. Compete a todos os cristãos empenharem-se para satisfazer esta fome e sede de vida” (EE 120). É uma herança que nos chega do Filho de Deus e que nos impele ao compromisso com o Pai e à participação que começa com o sacramento do batismo. Para Alfredo Teixeira, o “batismo permite traçar a linha das fronteiras sociais, delimitando os que são sujeitos de direitos e deveres no grupo religioso”.⁷⁶ Nesta realidade cada um vai encontrar o seu espaço, quer seja por algum interesse, quer seja por uma necessidade espiritual.

⁷⁴ Vicente Vide, *Comunicar la fé en la ciudad secular* (Santander: Sal Terrae, 2013) 25.

⁷⁵ Andrea Riccardi refere a Igreja cristã como uma “minoría criativa”. Acrescenta “mas não se torna automaticamente «minoría criativa» porque reduz os próprios fiéis. Há diferença entre uma Igreja que se torna minoritária ou se reduz o número e uma Igreja que reconhece ser minoría, sem se fechar, mas tornando-se criativa”. (Cf. Andrea Riccardi, *La Chiesa Brucia. Crisi e futuro del cristianesimo* (Bari-Roma: Guius Laterza & Figli, 2021) 35).

⁷⁶ Alfredo Teixeira, *Entre a exigência e a ternura, uma antropologia do habitat institucional católico*. (Lisboa: Paulinas, 2004) 251.

PARTE II

O BATISMO COMO PRINCÍPIO DE CAMINHO NA IGREJA DE CRISTO

O século XX deu continuidade à reflexão sacramental iniciada com os padres Apostólicos. Na “Sacramentaria Fundamentale” de Angelo Lameri-Roberto Nardini, encontramos uma distinção entre os períodos de reflexão no que respeita aos sacramentos. Assim, segundo a análise dos dois autores, no primeiro milénio a reflexão assenta numa perspectiva mais teocêntrica. No segundo milénio, com o surgir das escolas e universidades, a reflexão seguirá uma vertente mais antropológica. Para Ramon Arnau «uma das primeiras mudanças na teologia sacramental contemporânea, em comparação com a dos séculos anteriores, foi mudar o foco no sacramento da sua compreensão como uma "coisa" para a sua apreciação como uma "ação".⁷⁷

Ninguém pode dar algo, que não tenha recebido previamente. Nesse sentido, a Igreja tem como função acolher todos aqueles que desejem aprofundar a fé.⁷⁸ A todos deve ser aberta a porta de modo a que cada um possa fazer o seu caminho de fé, como refere Tito “mediante um novo nascimento e renovação do Espírito Santo, que Ele derramou abundantemente” (Tt. 3,5-8). Deste modo, que cada um possa olhar a fé como fonte de esperança. Nesta caminhada, a Igreja⁷⁹ coloca à disposição um conjunto de instrumen-

⁷⁷ Ramon Arnau-Garcia, *Tratado general de los sacramentos* (Madrid: BAC, 1994) 9.

⁷⁸ Para Thomaz Fernández “Deus oferece-nos a sua própria vida eterna, assim como o perdão das nossas culpas, para vivermos em santidade e justiça na sua presença para sempre. Deste modo abre-nos a possibilidade da correspondência meritória à amizade divina” (Cf. Thomaz Fernández, «A importância dos Sacramentos para os doentes – questões teológicas e pastorais», Em *Firmes na Esperança. Reflexões cristãs em tempo de pandemia*. Coord. Duarte da Cunha, João Seabra, João Vergamota (Cascais: Lucerna, 2021) 120).

⁷⁹ Para Warnach “a Igreja como mistério e, ao mesmo tempo como «corpo de Cristo», também tem um lado exterior, concreto e visível, pois nela se apresenta o corpo pneumático do Senhor como a comunidade, a ser realizada, e em parte já realizada historicamente, dos homens redimidos pela obra salvífica de Cristo. Ela não é mera «igreja espiritual»; antes, possui determinada estrutura sociológica, que, por um lado, põe em comunicação com outras comunidades terrenas, mas, por outra parte, delas essencialmente a distingue”. (V. Warbach, «Igreja» em *Dicionário de Teologia Bíblica*. Trad. Helmuth Alfredo Simon, Vol I. 2ª ed., (São Paulo: Edições Loyola, 1979) 495).

tos para que cada um, a seu modo, disponibilidade e desejo, possa fazer caminho de conversão. O testemunho recebido sobre o “Cristo Vivo” da comunidade, juntamente com o anúncio e leitura da Palavra Sagrada, deverá encaminhar o batizado a fazer caminho e a responder de coração aberto ao apelo de Deus.

A ninguém deve ser imposto a fé cristã, pois esta deve ser uma experiência vivida em liberdade e que nos aproximará de Cristo, porque é Ele que nos acolhe primeiramente no Batismo e que nos acompanha em todo o processo de conversão, através da graça de Deus. Nesta ação do Espírito Santo, nascerá um discípulo que fará da Palavra recebida um alimento para toda a vida. Através do sacramento do Batismo, Deus prepara o homem crente que inicia um caminho de crescimento na fé e que tem no batismo o início de todo o processo de iniciação cristã. Pode-se dizer que os sacramentos são “lugar de encontro”, porque cada um, ao seu modo, são como que pequenas janelas. E como refere Bruno Forte, comunicam “a vida divina ao homem [...] a história do envolvimento de Deus na densidade da nossa história”.⁸⁰ A liturgia ganha relevância, porque está sempre presente, direta ou indiretamente, na formação do cristão.

1. O BATISMO COMO PARTE DA IDENTIDADE CRISTÃ

A Igreja nasce no Pentecostes, mas também com a necessidade de anunciar o Reino de Deus. É neste contexto que a ἐκκλησία se apresenta como um “lugar de encontro”,⁸¹ como lugar de comunhão do homem com Cristo. Apesar do termo ἐκκλησία se apresentar com uma dimensão histórica, não podemos centrar-nos só nela, porque pode-se cair na ritualidade do “ir à missa”, sem que se compreenda o sentido da liturgia, dos sacramentos e dos ritos praticados ao longo do ano litúrgico. No que respeita à “ausência

⁸⁰ Bruno Forte, *Introdução aos sacramentos*. Trad. António Maia da Rocha (Coimbra: Coimbra editora, 1997) 17.

⁸¹ Rui Alberto descreve o ambiente pós-moderno como o “não lugar”. Se entendermos o “lugar como uma construção simbólica e concreta do espaço que oferece a quem o habita um sentido”. Ao espaço antropológico, chama-lhe “espaço humanizado e habitado”, ao qual oferece “aquém o habita as chaves de interpretação e de atribuição de sentido à realidade”. Desse modo, os lugares situam as pessoas numa história, que se transformará numa memória ao mesmo tempo fará parte de um projeto futuro, porque “cada lugar tem a sua identidade e os sujeitos, ao fluir por diversos lugares, conseguem ir gerindo a alteridade”. (Cf. Rui Alberto, «Mundo Juvenil, desafios à evangelização», em *Propor a fé numa pluralidade de caminhos* (Lisboa: Universidade Católica Editora. 2017) 127).

de celebrações públicas”;⁸² Tomás Halík escreve que, para muitos cristãos cuja participação na missa dominical contribui para fortalecer a identidade cristã, com a passagem para as celebrações eucarísticas no modelo *online*, notou-se uma crescente “incompreensão do sentido da liturgia e até do sentido da fé”. Ciente das dificuldades que a religião cristã tem vindo a enfrentar, a Igreja nas últimas décadas, tem vindo a disponibilizar um conjunto de instrumentos e auxílios para que o homem crente discirna o seu caminho de fé.

Na atualidade, “a sinodalidade desafia a Igreja a reconhecer que caminha com o mundo”, refere Marcos Faria, quando reflete sobre “a identidade batismal e a sinodalidade”.⁸³ Acrescenta ainda que o escutar e o dialogar com o mundo, num tempo em que se vive formas diversificadas de expressões de fé. Entenda-se que a “identidade batismal, enquadrada na identidade eclesial, ajuda o cristão não só a dignificar a Igreja, mas igualmente a dar bom testemunho na sua relação com o mundo”. Rui Alberto relembra que não ter uma “identidade estável”,⁸⁴ hoje, apesar de preocupante, é tido como uma realidade normal. Refere também que esta forma de agir vai muito na linha do pensamento de Zygmunt Bauman e a imagem de uma “sociedade líquida”, muito mais disponível à mudança, mas privada da sua herança ou raízes.

Armando Matteo⁸⁵ refere que na base da questão da identidade, estão questões culturais. Esta não é uma preocupação recente, visto que Paulo quando escreve aos Romanos lembra-lhes que “se confessares com a boca: «Jesus é o senhor», e acreditares no teu coração que Deus o ressuscitou de entre os mortos, serás salvo. É que se acreditares de coração leva a obter a justiça, e confessar com a boca leva a obter a salvação” (Rm. 10, 9-10). Esta é uma preocupação que vem de trás acerca da capacidade de o homem ser

⁸² “O argumento de que assistir à missa na televisão evoca sentimentos piedosos nos espetadores revela uma incompreensão do sentido da liturgia e talvez até o sentido de fé”. (Cf. Tomás Halík, *O tempo das Igrejas vazias*. Trad. Karin Sousa (Prior Velho: Paulinas, 2021) 12). Refere ainda o autor que “às vezes é útil interromper mesmo a prática comum de “ir à igreja”, na medida em que se tornou uma rotina de consumo passivo, e procurar novos caminhos. Por esse motivo, alertamos para o consumo das missas nos ecrãs de televisões e computadores e oferecemos, em vez disso, uma inspiração para celebrações litúrgicas criativas em família e para meditação pessoal”. (Cf. Tomás Halík, *O tempo das Igrejas vazias*. Trad. Karin Sousa (Prior Velho: Paulinas, 2021) 145).

⁸³ Marcos Faria «A identidade batismal e a sinodalidade» em *Um só corpo... Um só Batismo (Ef. 4, 4-5). A diversidade dos Carismas e a Construção da Comunhão*, 37. Coord. António Abel Canavarro, Humanista e Teológica (Porto: Universidade Católica Editora, 2021) 148.

⁸⁴ Rui Alberto, «Mundo Juvenil, desafios à evangelização», em *Propor a fé numa pluralidade de caminhos* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017) 123.

⁸⁵ O modo como se vive a fé cristã na Europa refere Matteo tem sofrido com a intervenção cultural no tempo e no espaço. Estes dois fatores têm sofrido alteração, nos últimos séculos. “Um olhar profundo e atento ao nosso tempo, não escapará a constatação de que a grande inculturação do Evangelho realizada pelos Padres da Igreja, entre os séculos IV e V da era cristã, se revele hoje cada vez menos eficaz, na medida em que o Ocidente – aquela forma de viver e de pensar a que chamamos «ocidente» - mudou não só a pele, mas também o coração”. (Cf. Armando Matteo, *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé* (Prior Velho: Paulinas, 2013) 37).

capaz de corrigir as suas faltas. A sua transformação interior deve ser a fonte que o encaminha para o bem. Por outro lado, este deve perceber que, ao dar esse passo, está a aceitar a missão que Deus lhe confia, qualquer que seja o seu papel no mundo, na sociedade ou na Igreja de Cristo. Assim, “deve-se, pois, apelar para às capacidades espirituais e morais da pessoa e para a exigência permanente da sua conversão interior” (CIC 1888).

1.1. O BATISMO COMO ABERTURA À CONSTRUÇÃO DA COMUNIDADE CRISTÃ

Os primeiros discípulos introduziram o elemento de pertença nas comunidades por onde passaram, como se percebe pelas palavras do Evangelista João que apela para que “a quantos o receberam, aos que creem, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus” (Jo. 1,12). É como que uma legitimação para que a comunidade, quer os que acolhem Jesus, quer os que creem⁸⁶ a reconheçam como Igreja. Desse modo, crer em Cristo é interiorizar a autoconsciência eclesial, é reconhecer, é acreditar, é ir mais além do ser verdade. Através das ações que implementam, a Igreja dá testemunho e continuidade ao projeto salvífico de Jesus. O seu testemunho mostra que a fé que se professa (em Deus, em Cristo e na Igreja) apoia-se nos sacramentos e estes são sinais que ajudam a compreender o mistério salvífico, que é o próprio Cristo.

Paulo, quando escreve à comunidade de Éfeso, lembra-lhes que foram chamados “a um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, que reina sobre todos, age por todos e permanece em todos” (Ef. 4, 5-6). Para Paulo, a Igreja de Cristo consolidará a sua identidade, apoiada na unidade e os vv. 4-6, são um convite para que os crentes participem na construção da Igreja, que se realiza num só Espírito, um só Senhor e um só Deus. Da tradição patrística chega-nos a ideia de que a Igreja é vista como *congregatio fidelium*⁸⁷ considerando o fiel como batizado e a fé pertencente à realidade do

⁸⁶ Klaus Wengst refere que este momento apresenta-se como um convite à comunidade para que olhe a sua experiência de fé como “sono infanti coloro che hanno percepito che in Gesù há parlato di Dio”. Tal como a inocência de uma criança que aceita, acredita e confia, logo, tornam-se filhos de Deus. Jesus parece querer usar a sua condição para permitir, autorizar e legitimar as ações da comunidade (Cf. Klaus Wengst, *Il Vangelo di Giovanni* (Brescia: Queriniana, 2005) 57-58).

⁸⁷ Esta *congregatio fidelium* assenta na ideia de que a Igreja é constituída pelos seus membros, mas é anterior a eles, mas que se apresenta como de fácil acesso, abrindo-se a todos o quanto desejam participar

sobrenatural. Por outro lado, os sacramentos instituídos por Jesus Cristo, “constituem sinais e meios com que se exprime e fortalece a fé, se presta culto a Deus e se opera a santificação dos homens, portanto, contribuem sumamente para fomentar, confirmar e manifestar a comunhão eclesial” (CDC, Cân. 840). Falar em santificação do homem, é deixar que o coração se transforme e modele as suas condutas, renovando-se pela ação do Espírito Santo. Para Paulo, as jovens comunidades são olhadas com preocupação, por isso, faz um forte apelo: “no que toca à conduta de outrora, despir-vos do homem velho corrompido por desejos enganadores [...] e que deveis revestir-vos do homem novo” (Ef. 4, 22-25).

Falar da Igreja de Cristo implica ter presente o conceito de fé (πίστις). Segundo G. Langevin, a fé é “a resposta integral do homem a Deus que se revela como salvador”.⁸⁸ Nesta resposta está presente a ideia de abertura à palavra e a Deus, que acontece quando o homem se abre os seus desígnios e adere ao projeto salvífico e à realidade batismal. Para Marcos Faria “num mundo indiscutivelmente globalizado” será que faz sentido pensar a sociedade partindo do conceito “identidade”?⁸⁹ Pensar o conceito πίστις é revisitar diferentes dimensões da vida cristã, mas que todas elas se concretizam na confiança que o homem deposita na missão salvífica de Deus. Pensar a fé implica deixar-se conduzir pela Palavra e pelo Espírito de Deus e abrir-se ao transcendente. Falar em fé, implica falar em Batismo, porque é o sacramento que nos faz cristãos. “Batismo é o sacramento da fé” (CIC 1253) e como refere Marcos Faria é «pórtico da vida no Espírito (“vitae spiritualis ianua”)).⁹⁰

nela. Por um lado, a sua existência assenta na Encarnação que acontece antes da sua fundação por Cristo, «esta existência da Igreja em Cristo é estabelecida duplamente em si mesma. Primeiro, pela eleição e predestinação que Deus confere aos homens e meios de graça no seu Filho. Em segundo, pela tradição patrística que na interpretação da Escritura, o filho de Deus abraçou-se à natureza humana, unindo-a verdadeiramente a si próprio». Por outro, também como Instituição e «como realidade ao qual precede os seus próprios membros não só em Cristo, mas também na sua própria realidade existente neste mundo, aquela pela qual gera os seus filhos e como noiva de Jesus Cristo, ela tornou-se nossa mãe». (Cf. Yves M., J. Congar, *Falsas y verdaderas reformas en la Iglesia*. Trad. Carmen Castro de Zubiri (Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1953) 67-69.

⁸⁸ G. Langevin, «Fe», em *Diccionario de Teologia Fundamental*. Salvador Pié-Ninot. Trad. A. Ortiz, E. Requena y J. M^a Martínez Manero. 2^a ed. (Madrid: San Pablo, 2000) 472.

⁸⁹ Marcos Faria diz-nos que a “globalização, se devidamente tratada, acautelando os seus riscos, perigos ou ameaças, pode ser, efetivamente, uma oportunidade, nomeadamente para a proposta do Cristianismo, no seu ideal de universalidade e unidade da família humana”. Esta é uma realidade que pode transformar-se numa “oportunidade naquilo que diz respeito à identidade Batismal”. (Marcos Faria, «A identidade batismal e a sinodalidade», em *Um só corpo... Um só Batismo (Ef. 4, 4-5). A diversidade dos Carismas e a Construção da Comunhão*, 37. Coord. António Abel Canavarró, Humanista e Teológica (Porto: Universidade Católica Editora, 2021) 139).

⁹⁰ Marcos Faria, «A identidade batismal e a sinodalidade», em *Um só corpo... Um só Batismo (Ef. 4, 4-5). A diversidade dos Carismas e a Construção da Comunhão*, 37. Coord. António Abel Canavarró, Humanista e Teológica (Porto: Universidade Católica Editora, 2021) 140.

“Fé” é um conceito de difícil compreensão, porque não é algo palpável. Por vezes, apresenta-se sem emoção, sem sentido, porque só uma fé sentida dará significado a uma relação que se constrói diariamente. Mas, é por este caminho que o homem busca e fundamenta as origens da humanidade e o porquê da sua existência. Aqui, se percebe a história de Abraão, que colocou a sua vida nas mãos do Senhor, quando teve de partir de Ur da Caldeia e, dessa forma, se percebe que “Abraão confiou no Senhor, e Ele considerou-lhe isso como um mérito” (Gn. 15,6). Desta ação, que simboliza o acreditar de um povo e o início da aliança entre o homem e Deus, nascerá uma nação que virá a viver uma grande experiência como os escolhidos de Deus. Este povo nascerá das mãos d’Aquele que é o princípio de tudo, como refere o profeta Isaías.⁹¹

A realidade cristã tem o seu próprio momento original, que se irá intensificar e aprofundar em cada indivíduo quando cada um a transformar em regra de vida e, assim, o Batismo apresenta-se como uma semente, que dará fruto. Por outro lado, a Última Ceia está na origem do sacramento da Eucaristia, que é como que um replicar da sua presença no coração dos homens. As suas palavras apresentam uma mensagem, cuja compreensão leva o crente para além da morte e ressurreição. Há uma auto-doação da parte de Cristo, que ajuda a explicar a transição da realidade física para a realidade sacramental. É assim que a Eucaristia se transformou no centro da existência da Igreja. Giorgio Mazzanti escreve:

“Agora Jesus Cristo apresentou-se e concebeu-se a si mesmo como a epifania definitiva e decisiva de Deus, como a revelação de toda a Verdade. Ele revelou as "profundezas" da existência como tal; ele foi para a humanidade como aquela água clara que nos permite ver os seus fundos marinhos e mesmo as pedras mais pequenas que ali jazem. Cristo apresentou-se como a transparência total da Verdade; ele foi uma verdadeira revelação da mesma. Isto não significa que o homem possa sondar completamente toda a verdade, porque mesmo "em Jesus Cristo a revelação de Deus se realiza em véu"; agora, porém, ele pode olhar para ela, vê-la. O mistério da verdade e a maravilha antes dela permanecem também no seu tornar-se visível em Cristo: e o homem nunca deixa de olhar para ela”.⁹²

⁹¹ John Oswalt vê em 2 Isaías 43, nomeadamente nos vv. 11-13, um pronúncio do monoteísmo, no qual o povo de Israel são testemunhas de que Deus é alguém que salva, que conhece o futuro e anuncia a sua soberania sobre o mundo e que se exprime na experiência da relação. Por outro lado, a fé do homem do N. T. ganha contornos diferentes. Deus deixa de falar diretamente ao homem e envia o Seu Filho para realizar a obra salvífica iniciada muito antes. (Cf. John N. Oswalt, *The Book of Isaiah, chapters 40-66*. (Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1998) 147-149).

⁹² Giorgio Mazzanti, *I Sacramenti, Simbolo e teologia* (Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 1997) 100.

Esta realidade é possível, porque Deus colocou nas mãos de seu Filho essa tarefa que lhe permitiu uma dinâmica de continuidade, no que respeita ao projeto soteriológico e, desse modo, com Cristo e em Cristo, Deus realiza o seu projeto. Para Rino Fisichella “é necessário voltar a percorrer a lógica do ato de fé”⁹³ para que se compreenda o sentido da expressão “eu creio”. Crer em Deus é aderir à sua Palavra e ao seu amor, que simboliza a adesão de cada um e da comunidade eclesial. A primeira oportunidade que o Homem tem para expressar essa fé é por ocasião do batismo (CIC189) e que depois de interiorizada, relembra Paulo, “obedeceste de coração ao ensino que vos foi transmitido como norma de vida” (Rm. 6,17).

A relação de Deus com a humanidade passa pela relação com Jesus, pela mensagem e anúncio do Reino. Nesta relação está patente a ideia de identidade cristã, como narra S. Marcos «Eles partiram, então, a proclamar por toda parte. O Senhor cooperava com eles e confirmava a palavra pelos sinais que a acompanhavam» (Mc. 16,20). Jesus parece querer confirmar as palavras vv. 11-13, em Isaías. A fé expressa-se através do Verbo Encarnado e que estará na base da fé do N. T. e confirmado no símbolo de Niceia.⁹⁴ O povo de Deus passa da posição passiva, na qual só tinha que confiar e temer a Deus, para o desejo de escolher a fé que os leva a confiar, a obedecer e caminhar apoiados numa escolha de livre vontade. É um crer no sentido de confiar, como no caso da cananeia⁹⁵ quando interpela Jesus (Mt. 15,28). Esta fé, pronunciada a Jesus, tem Deus como fonte e esta mulher simboliza todos aqueles que vivem em busca de uma compreensão, que por vezes, é difícil de entender. É um caminho nem sempre fácil, mas que encaminha o homem para a conversão. Esta mulher apresenta uma fé fortalecida, pois trata Jesus por

⁹³ Rino Fisichella, *A fé como resposta de Sentido, abandonar-se ao mistério*. Trad. António Maia da Rocha (Prior Velho: Paulinas, 2006) 134.

⁹⁴ O símbolo Niceno surge no ano 325 no Concílio de Niceia, num período, em que a jovem Igreja vivia, quer momentos de transformação interna, quer transformação na sua doutrina, por conta das muitas heresias que surgiam na época. “Cremos em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis” (Πιστεύομεν εἰς ἕνα θεὸν πατέρα παντοκράτορα, πάντων ὁρατῶν τε καὶ ἀοράτων ποιητήν), e “O qual por nós homens e para nossa salvação, desceu, se encarnou e se fez homem” (τὸν δι’ ἡμᾶς τοῦς ἀνθρώπους καὶ διὰ τὴν ἡμετέραν σωτηρίαν κατελθόντα καὶ σαρκωθέντα καὶ ἐνανθρωπήσαντα) é o confirmar da identidade cristã.

⁹⁵ À questão de Jesus, a Cananeia responde: “ὦ γύναι, μεγάλη σου ἡ πίστις· γενηθήτω σοι ὡς θέλεις. καὶ ἰάθη ἡ θυγάτηρ αὐτῆς ἀπὸ τῆς ὥρας ἐκείνης”. Esta narrativa da mulher cananeia faz parte de um conjunto de acontecimentos que testemunham o caminho missionário encetado por Jesus e que terá seguimento com a instituição da igreja cristã. Para D. Senior nesta história “Jesus é a afirmação da sua missão exclusiva em Israel e a fé insistente de um gentio que reivindica que Jesus é missão, apesar do privilégio de Israel [...] certamente a mulher cananeia destaca-se como um exemplo de fé forte, sem hesitação e persistente que contrasta com a fé fraca, temerosa e hesitante de Pedro na história do caminhar sobre a água. No entanto, ao mostrar também Jesus a ceder à fé genuína da mulher cananeia, o evangelista que uma missão sobre os gentios fazia parte do plano de Deus, um plano divino que irromperia na realidade e na experiência pós-resurreição da comunidade judaica” (Cf. Donald Senior, *Matthew. Abingdon New Testament Commentaries* (Nashville: Abingdon Press, 1998) 181-182).

“Senhor” e por “Filho de David”. A sua atitude apresenta-se como o oposto ao “orvalho matutino que logo se dissipa” como nos relata Oseias (Os. 6,4; 8,7). Nem deve ser um caminho que endurece (επαχύνθη) o coração como escreve Isaías. (1 Is 6,10) antes de tudo deve ser uma conversão interior, de índole espiritual que “produza frutos dignos de conversão” (Mt. 3,2).

1.2. CRISTO COMO PRIMEIRO SACRAMENTO

A Igreja católica é vista como a Igreja dos sacramentos, em torno da qual se coordena a vida eclesial e pastoral. O conceito de sacramento é algo que faz parte da identidade católica e só o podemos compreender se o situarmos no plano salvífico de Deus. Para Balthasar “a livre escolha e a iniciativa de Deus continuam a ser a forma concreta com que a graça surge entre os homens”.⁹⁶ Aqui surge o poder do amor de Deus. Para Angelo Maffei “no período contemporâneo (...) a consciência da importância da celebração sacramental foi acompanhada por um mal-estar crescente sobre a inadequação da teologia sacramental”,⁹⁷ porque Cristo é a *luz da fé* e nos revela o mistério de Deus. Por outro lado, a Igreja apresenta-se como mediadora entre Deus e o homem. Assim, o anúncio do Reino que Jesus vai fazendo através dos atos e da Palavra, transforma-se em ação salvífica e como refere João Duque “o Reino não é deste mundo e o anúncio é tarefa, de que o Pai o incumbiu”.⁹⁸

Para o Papa Francisco é necessário “recuperar o caráter de luz que é próprio da fé, pois quando a sua chama se apaga, todas as outras luzes acabam por perder o seu vigor” (LF 3). Mais à frente refere o quanto é importante para crescer na fé, através da “escuta e da visão”. A luz permite contemplar, ouvir e ver e, dessa forma, os fiéis são convidados não só procurar a verdade interior, mas também ir ao encontro do ressuscitado (LF 30). A compreensão desta realidade salvífica passa por compreender o seu valor so-

⁹⁶ Hans Urs von Balthasar e Luigi Giussani, *O compromisso do Cristão no mundo* (Prior velho: Paulinas, 2019) 34.

⁹⁷ Cf. Angelo Maffei, *Presentazione» em Franz-Josef Nocke, Dottrina dei sacramenti*. Trad Carlo Danna (Brescia: Queriniana. 2000) 5.

⁹⁸ João Manuel Duque, *O Excesso do Dom. Sobre a identidade do cristianismo* (Lisboa: Alcalá, 2004) 180.

teriológico, sempre em relação ao cumprimento dos desígnios de Deus para com o homem. Como refere Paulo na carta aos Gálatas “todos vós sois filhos de Deus em Cristo Jesus mediante a fé; pois todos os que fostes batizados em Cristo revestistes-vos de Cristo mediante a fé” (Gl. 3,26-27).

Quando se pensa no termo sacramento⁹⁹ surge em mente os sete sacramentos da Igreja Católica. No entanto, só existe um sacramento,¹⁰⁰ Jesus Cristo. Ele é a primeira testemunha do amor incondicional ao Pai e à Igreja. Dele recebeu o seu nome como nos relata Paulo na sua carta aos Filipenses: “Se tem algum valor uma exortação em nome de Cristo, [...] então fazei com que seja completa a minha alegria: procurai ter os mesmos sentimentos; assumindo o mesmo amor, unidos numa só alma tendo um só sentimento” (Fl. 2,1-2). Os sacramentos com os seus sinais visíveis conduzem-nos para uma realidade invisível, que é o que acontece quando a água toca no corpo do batizando. Este é como que introduzido numa realidade que transcende a sua capacidade de a compreender e que se complementa com as palavras que ajudam o homem a encontrar o caminho da fé.

A Igreja primitiva utilizará o conceito *μαρτυρία*¹⁰¹ ligado ao projeto missionário através das palavras dos Evangelistas e das cartas de Paulo. A frequência, com que o termo é usado, mostra a importância que reveste para a missão do anúncio da palavra de Deus. É relevante a importância que S. João atribui à temática do testemunho, porque a ideia de que Cristo é o testemunho diz-nos muito da missão de revelar o projeto salvífico de Deus. João ao usar o termo *Αποκάλυψις* está a querer dizer que Jesus revela o mistério do Pai na pessoa do Filho. O testemunho cristão torna-se importante, pois gera no crente o desejo de saber mais sobre Deus e sobre o seu Filho. É desta forma que motivado pela fé inicia um caminho de conhecimento que o transforma numa testemunha credível para o cristianismo.

⁹⁹ Semanticamente, o conceito sacramento surge na cultura latina, apoiado em duas ideias. Por um lado, como o juramento militar, ao qual o soldado jura fidelidade ao imperador. Quando essa fidelidade é quebrada, o mesmo soldado torna-se um réu a quem lhe é atribuído uma culpa. Por outro lado, como um juramento jurídico, ligado à ideia da “penhor de boa-fé” e para ser usado como depositário, logo guardado no *Sacrarium*.

¹⁰⁰ Por sacramentos podemos entender como “sinais eficazes da graça, instituídos por Cristo e confiados à Igreja, pelos quais nos é dispensada a vida divina. Os ritos visíveis, com os quais são celebrados os sacramentos, significam e realizam as graças próprias de cada sacramento. Eles dão o fruto naqueles que os recebem com as disposições requeridas” (CIC 1131).

¹⁰¹ Para R. Koch “no grande confronto da Igreja primitiva com o judaísmo e o paganismo, o testemunho dos factos, dados pelos Apóstolos, desempenha um papel absolutamente único e primário. Eles são, antes de mais nada, as testemunhas oculares e auriculares do Senhor ressuscitado”. (Cf. R. Koch, «*Testemunha*» em Dicionário de Teologia Bíblica. Trad. Helmuth Alfredo Simon, Vol. II, 2ª ed., (São Paulo: Edições Loyola, 1978) 1096).

A ideia de testemunho ganha importância com os primeiros passos da reforma litúrgica, contudo, nunca deixou de estar presente na Igreja de Cristo. Latourelle defende que o termo “foi progressivamente entrando na linguagem eclesial”,¹⁰² e com o Concílio Vaticano I o conceito ganha importância ao surgir com o intuito de reforçar a credibilidade da Igreja de Cristo no mundo. Mais tarde, o Concílio Vaticano II acrescenta-lhe uma outra dimensão, ao abranger para além do papel da Igreja, a importância dos fiéis como elemento importante na ação da Igreja.¹⁰³ Para o Papa Francisco, este é um tempo que exige um outro olhar sobre a realidade que vivemos, e dessa forma, deixa um alerta de que “os problemas de hoje exigem de nós, sacerdotes, que nos conformemos com o Senhor e com o olhar de amor com que Ele nos contempla. Ao conformar o nosso olhar com o seu, este transforma-se em olhar de ternura, reconciliação e fraternidade. Somente contemplando o Senhor podemos ter isso”.¹⁰⁴ Este é o tempo propício à reflexão sobre o nosso Batismo, o que somos, o que desejamos e, sobretudo, entender que o mundo continua num processo de transformação social, política e religiosa. Mas, a nós cristãos cabe-nos o papel de discernir todas estas realidades e fazer um caminho oposto ao que Ele chama de “mundanismo espiritual”. Por outro lado, temos de combater o indiferentismo religioso que tem contribuído para o vazio do amor de Deus.

¹⁰² R. Latourelle, «*Testimonio*» em *Diccionario de Teologia Fundamental*. Salvador Pié-Ninot. Trad. A. Ortiz, E. Requena y J. M^a Martínez Manero. 2^a ed. (Madrid: San Pablo, 2000) 1523.

¹⁰³ “A noção de compromisso, inerente à de testemunho, estabelece uma continuidade entre os dois aspetos do testemunho: um ativo, quando designa a revelação ou a confiança de Deus aos pobres; o outro passivo, quando designa a atração exercida por uma existência plenamente de acordo com o evangelho. Quando o evangelho vivido e o evangelho pregado respondem perfeitamente um ao outro, a existência vivida torna-se uma razão de credibilidade, um sinal da verdade do evangelho. Esta ação silenciosa e eficaz, em sintonia com o termo que a qualifica, ou seja, “testemunha”, instala-se gradualmente no período pré-conciliar graças aos movimentos da ação católica, que ensinaram que a influência dos leigos na sociedade deve ser exercida, não pelos caminhos da dominação, mas, pelos da presença e da animação. Num mundo secularizado, a Igreja deve ser uma comunidade de membros vivos, ativos e responsáveis que tragam o Evangelho e o espírito do Evangelho para as suas ocupações familiares, profissionais e sociais. A categoria do testemunho tornou-se tão popular que veio a suplantar a atual expressão “santidade”. De facto, após o Concílio, prega-se sobre o testemunho de vida para designar santidade de vida, na medida em que é uma força de atração para aqueles que vivem fora da Igreja” (Cf. R. Latourelle, «*Testimonio*», em *Diccionario de Teologia Fundamental*, Dir. René Latourelle y Rino Fisichela. Trad. A. Ortiz, 2.^a ed. (Madrid: San Pablo, 2000) 1531).

¹⁰⁴ Papa Francisco - «Discurso do Santo Padre Francisco à Comunidade do Pontifício Colégio Mexicano», acedido a 28 de julho 2021,

http://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2021/march/documents/papa-francesco_20210329_pontificio-collegiomessicano.html

1.3. A IGREJA COMPLEMENTO DO PROJETO DE CRISTO

A Igreja existe, porque Deus deseja ver o seu povo unido. Esta é a grande chamada divina, à qual todos são convocados “porque onde estiverem dois ou três reunidos em seu nome, Ele estará no meio deles” (Mt. 18,20). Deste modo, pode-se falar numa convocação¹⁰⁵ que se concretiza, primeiramente, na Igreja local, que pelo Batismo o homem crente é introduzido no seu corpo.¹⁰⁶ Ao enviar o seu filho, com o intuito de reunir o Homem, oferece-lhe uma nova vida e, “comunicando o Seu Espírito, fez misteriosamente de todos os Seus irmãos, chamados de entre todos os povos, como que o Seu Corpo” (LG 7).

“O corpo requer também multiplicidade de membros, que unidos entre si se auxiliem mutuamente. E, como no nosso corpo mortal, quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele, e os sãos ajudam os doentes; assim também na Igreja os membros não vivem cada um para si, mas socorrem-se e auxiliam-se uns aos outros, tanto para mútua consolação, como para o crescimento progressivo de todo o Corpo” (MC 15).

Assim, pelo batismo o crente torna-se membro ativo da Igreja de Cristo e como “pedras vivas participam na construção de um edifício espiritual” (1 Pe. 2,5). Percebe-se nesta relação que existe uma interdependência entre a Igreja e o sacramento do batismo. Desse modo, “o batismo, porta da vida e do reino é o primeiro dos sacramentos da nova lei, que Cristo propôs a todas as igrejas para terem a vida eterna, e em seguida, confiou à Igreja, juntamente com o Evangelho, quando mandou aos apóstolos: ide e ensinai todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (RRCB 3).

¹⁰⁵ É uma convocação, que segundo Donald Senior, está ligada à ideia de adesão e autoridade de Jesus. Em Mateus, a “presença de Jesus no meio da comunidade, mesmo em momentos de discórdia e decisões dolorosas, torna-se a encarnação da Presença Divina e a garantia da autoridade da comunidade”. (Cf. Donald Senior, *Matthew. Abingdon New Testament Commentaries* (Nashville: Abingdon Press, 1998) 210).

¹⁰⁶ Para Warnach “a partir da origem da Igreja no mistério da cruz compreende-se também no seu sentido propriamente teológico as afirmações tão centrais para a eclesiologia paulina sobre o «corpo»”. Acrescenta ainda que “a Igreja não é idêntica ao corpo físico de Jesus que andou na terra”. Em 1 Cor. 10,17 Paulo “afirma a unidade fundamental do corpo do senhor eclesial e eucarístico”. Por outro lado, o corpo eclesial, ou «místico», é de algum modo idêntico ao corpo pessoal de Jesus e é apresentado como meio de reconciliação com Deus, uma vez o «corpo de carne» crucificado e a outra vez o «único corpo» da Igreja. Lembra Warnach que “o único corpo de Cristo tem diversas formas de se manifestar ou de existir: a existência física-material durante a vida histórica de Jesus; a existência celeste e glorificada depois de sua «passagem» para o Pai; a existência sacramental na Eucaristia e a existência social-eclesial. Sob essas diferentes formas de existência, subsiste por sua vez uma unidade analógica em razão da unidade real do corpo pessoal de Cristo”. (V. Warnach, *«Igreja»* em Dicionário de Teologia Bíblica. Trad. Helmuth Alfredo Simon, Vol. I, 2ª ed. (São Paulo: Edições Loyola, 1979) 493-494).

Para Jean Regal “a Igreja nasceu de uma necessidade, a necessidade de encarnar a pregação do Reino”.¹⁰⁷ Acrescenta ainda que, a Igreja não pode ser vista simplesmente na sua existência local, mas enquadrada em todo o mistério cristológico. Para João Duque “o Jesus Cristo confessado e louvado pela comunidade primitiva, sem perder a sua referência ao Jesus histórico, anunciador do Reino, torna-se no anunciado”.¹⁰⁸ Pelo Batismo o crente participa no mistério da Páscoa de Cristo e, simultaneamente, incorpora o corpo eclesial, que através da ação do Espírito Santo lhe oferece a oportunidade de abraçar uma vida nova. Como afirma Paulo pelo “batismo fomos, pois, sepultados com Ele na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova” (Rm. 6,4).¹⁰⁹ Por outro lado, quando escreve a Tito, reafirma que “Ele entregou-se por nós, a fim de nos resgatar de toda a iniquidade e de purificar e constituir um povo de sua exclusiva posse e zeloso, na prática do bem” (Tt. 2,14).

Parece existir uma consciência à qual as comunidades cristãs assumem um papel relevante na transmissão do mistério da Páscoa de Cristo e que segundo Jean Regal¹¹⁰ esta consciência não é mais que a autenticação do anunciado no A. T.

“Quanto aos estrangeiros que se converterem ao Senhor, para o servirem e amarem e serem seus servos, se guardarem o sábado sem o profanar e forem fiéis há minha aliança, hei de conduzi-los ao meu santo monte, hei de cumulá-los de alegria na minha casa de oração; os seus holocaustos e sacrifícios ser-me-ão agradáveis sobre o meu altar, porque a minha casa é casa de oração e assim será para todos os povos” (Is. 56, 6-7).

Esta preocupação em reunir o povo, acontece pelo grande amor que Deus nutre por toda a criação. O Papa Francisco ao citar Jo. 3,16 “Deus amou de tal forma o mundo, que lhe

¹⁰⁷ Jean Rigal, *Descubrir la Iglesia. Iniciación a la Eclesiología*. Trad. Alfonso Ortiz Garcia (Salamanca: Secretariado Trinitario, 2001) 28.

¹⁰⁸ Hans Urs von Balthasar e Luigi Giussani, *O compromisso do Cristão no mundo* (Prior velho: Paulinas, 2019) 180.

¹⁰⁹ Sobre a ideia paulina de batismo-participação-morte, para Leander Keck, a conjunção “portanto” liga várias realidades e, desse modo, «Do ser “batizado até à sua morte” Paulo infere que pelo batismo “fomos enterrados com ele”». Há uma solidariedade, que incita o homem a caminhar para uma nova vida pelo batismo. Keck entende nestas palavras em Rm. 6,4 a ideia de que «Paulo vê uma analogia entre Cristo ser ressuscitado do reino dos mortos e o imerso ser ressuscitado da água. O que realmente importa aqui, claro, não é a analogia em si, mas o que ser batizado significa para aquele que batizou uma vida radicalmente transformada». Mais do que iniciar uma missão ou discipulado, o batismo permite uma descontinuidade entre a vida passada e a nova vida presente, daí a expressão “morrer para o pecado”. (Cf. Leander E. Keck, *Romans. Abingdon New Testament Commentaries* (Nashville: Abingdon Press, 2005) 160).

¹¹⁰ Jean Rigal, *Descubrir la Iglesia. Iniciación a la Eclesiología*. Trad. Alfonso Ortiz Garcia (Salamanca: Secretariado Trinitario, 2001) 24.

deu o seu Filho Unigénito”,¹¹¹ pretende afirmar a importância do amor como base para a ação da Igreja. Assim, o batismo apresenta-se como um convite para fazer caminho de vida apoiado no amor a Deus. No caminho de fé, o ser humano irá fazer algumas descobertas como a alegria de ser amado. É algo que acontece gratuitamente, porque Ele se faz presente nos momentos bons e nos maus. Ele refere ainda que através Dele o homem será conduzido sempre a um porto seguro.

2. O BATISMO COMO PORTA DE ENTRADA NA IGREJA

A discussão em torno dos sacramentos envolvem questões como a identidade cristã, o movimento de renovação eclesiológico e o diálogo ecuménico. A formação dos fiéis torna-se um tema importante para a consciência das diversas dimensões da fé expressas pela palavra, pelas imagens, ações e símbolos. Segundo a *Sacrosantum Concilium* os sacramentos nasceram de um “Cristo adormecido na cruz” (SC 5). Assim, torna-se relevante a reflexão sobre a relação do homem com os sacramentos, nomeadamente com os da iniciação cristã. Karl Rahner defende que “o sacramento é uma intervenção exterior de Deus, pontualmente no espaço e no tempo, pela qual, sob os sinais instituídos por Cristo é conferida a Graça; esta, decisiva para a salvação, permanece, contudo, enquanto tal, fora da consciência «profana»”.¹¹² Nesta relação germina o encontro, quando o homem é tocado pela graça de Deus. Neste encontro, torna-se relevante a palavra, os sinais e gestos, que ajudam a compreender o que está para além de uma simples compreensão da realidade cristológica. Primeiro, com o apoio da comunidade que o recebe e o encoraja a prosseguir caminho e, depois, com o apoio de toda a Igreja que lhe transmite a história e vida de Jesus Cristo, como o enviado do Pai, para salvação de todos os seres humanos.

Hoje, reflete-se acerca das razões do afastamento dos jovens e a sua fraca participação na celebração da Eucaristia. Para Armando Matteo “os jovens mudaram porque

¹¹¹ Papa Francisco, «Santa missa por ocasião dos 500 anos do cristianismo nas Filipinas», acedido a 10 de agosto 2021, https://www.vatican.va/content/francesco/it/homilies/2021/documents/papa-francesco_20210314_omelia-cristianesimo-filippine.html.

¹¹² Karl Rahner, *Os sacramentos da Igreja*. Trad. P. Manuel Ribeiro Alves (Lisboa: Ed. Paulistas, 1992) 12-13.

o mundo mudou, o Ocidente mudou, a família mudou, a escola mudou”.¹¹³ Num passado recente a ideia da transmissão da fé tinha como primeiro ator a “família”, era um processo iniciado no seio familiar, logo como refere Matteo “era uma simples questão de casa”.¹¹⁴ A iniciação acontecia dentro da família, que se enquadrava dentro de uma comunidade mais alargada, como os avós, pais e professores. Agora, percebe-se como escreve Anselmo Borges que “Deus desaparece do horizonte dos homens e, com a extinção da luz que vem de Deus” a humanidade é apanhada pela falta de orientação, “cujos efeitos se manifestam cada vez mais”.¹¹⁵ A fé cristã é abalada nos seus alicerces, porque os cristãos “não se colocam contra Deus ou contra a Igreja, simplesmente afastam-se e aprendem a viver sem Deus e sem a Igreja”.¹¹⁶

2.1. UMA IGREJA QUE ACOLHE

Quando se fala de iniciação cristã, o Batismo surge como o primeiro passo que irá marcar a vida do cristão, transformar-se-á num caminho de formação e amadurecimento da fé. Para perceber o sentido do Batismo, temos que voltar à Igreja primitiva e aos testemunhos neotestamentários¹¹⁷ que umas vezes de forma explícita, outras vezes

¹¹³ Armando Matteo, *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé* (Prior Velho: Paulinas, 2013) 11.

¹¹⁴ Matteo, *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé*, 34.

¹¹⁵ Anselmo Borges, «Últimas conversas. Testamento de Bento XVI», acessado a 10 de janeiro de 2022, <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/anselmo-borges/ultimas-conversas-testamento-de-bento-xvi-1-5506078.html>.

¹¹⁶ Armando Matteo, *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé* (Prior Velho: Paulinas, 2013) 8-9.

¹¹⁷ Para René Latourelle, “a categoria de testemunha” foi progressivamente, desde o final do século XIX, fazendo parte da linguagem eclesial. Surge de forma discreta por altura do Concílio Vaticano I, para falar da presença da igreja no mundo como um “um grande e perpetuo motivo de credibilidade e um testemunho irrefutável da sua missão divina”. Os Padres conciliares acrescentam-lhe a ideia de testemunho “a grupos individuais de cristãos” e depois usado como argumento na ação de evangelização. (René Latourelle, «*Testimonio*», em *diccionario de Teologia Fundamental*. Dir. R. Latoirelle y Rino Fisichella. 2ª ed. (Madrid: San Pablo, 2000) 1523). Há quatro características que os definem como tal: a) como os profetas foram escolhidos por Deus (At. 1:26; 10:41). b) viram e ouviram Cristo (At. 4:20), viveram na sua intimidade (At. 1:21-22). Portanto, têm uma experiência viva e direta da sua pessoa, do seu ensino e das suas obras. Comeram e beberam com ele, antes e depois da sua ressurreição (At. 10,41). Numa palavra eram os intimidados de Cristo e companheiros de refeição. Os outros podem pregar, estritamente falando; só os apóstolos podem testemunhar. c) Eles receberam de Cristo a missão de dar testemunho (At. 10:41) e foram investidos com o poder do Espírito para poderem cumprir este mandato (At. 1:8). d) A última característica dos apóstolos como testemunhas é o seu compromisso, uma atitude que se traduz numa fidelidade absoluta a Cristo e aos seus ensinamentos, reconhecidos como a verdade e a salvação da humanidade. (René Latourelle,

implicitamente, testemunham momentos de conversão. O Sacramento do Batismo foi instituído por Jesus Cristo e transformou-se no “fundamento de toda a vida cristã, o pórtico da vida no espírito (« *vitae spiritualis ianua* – porta da vida espiritual») e a porta que dá acesso aos outros sacramentos” (CIC 1213). Celebrado e administrado no grande acontecimento do Pentecostes e cujas primeiras conversões acontecem na jovem Igreja Cristã como se pode ler em At. 2,37-41. Para Oñatibia esta passagem nos Atos permite perceber que no período apostólico “a conversão apresenta-se como condição para o batismo”¹¹⁸ e que este seja pedido em nome de Jesus Cristo. Este primeiro grande momento dará origem aos primeiros batizados que, em comunhão com a nova Igreja, irão dar início à primeira comunidade cristã. É no “sim” de cada um dos que recebem o batismo das mãos de Pedro que nascerá um movimento de conversões, que serão alimento para o crescimento do número de batizados.

Os primeiros Apóstolos recebem de Jesus Cristo o mandato de batizar “em Seu nome”. Para Oñatibia, todo o protagonismo deve ser dirigido para Deus, porque tudo tem início com o ato da criação que na Antiga Aliança¹¹⁹ irá preparar a chegada do seu Filho. Este tem o intuito de ajudar no projeto de salvação do povo e que terá um primeiro grande momento com o Seu batismo no Jordão. É João Batista quem anuncia a chegada do Messias esperado¹²⁰ e, que ao contrário do batismo de penitência, Jesus batizará no Espírito Santo e na água, modelo esse que se irá impor na Igreja cristã. À medida que os Apóstolos seguem em missão, outros serão batizados como aconteceu na Samaria em que “Pedro e João iam, então impondo as mãos sobre eles, e recebiam o Espírito Santo” (At. 8, 17) ou

«*Testimonio*», em diccionario de Teologia Fundamental. Dir. R. Latoirelle y Rino Fisichella, 2ª ed. (Madrid: San Pablo, 2000) 1527).

¹¹⁸ Nota 4: “Note-se que no NT o verbo “batizar” aparece ou na forma passiva ou na forma ativa com um sujeito diferente daquele que é batizado. Este é um facto que não perde o significado teológico: por um lado, exclui-se o auto-batismo; por outro lado, a forma passiva sugere frequentemente o protagonismo de Deus (*passivum divinum*)” (Cf. Ignacio Oñatibia, *Bautismo y Confirmación*. Sapientia Fidei 22 (Madrid: BAC, 2018) 17).

¹¹⁹ Após a criação do Céu e da Terra, O Senhor abre a porta da vida, mas rapidamente percebe que “a maldade dos homens era grande na terra, que todos os seus pensamentos e desejos tendiam sempre e unicamente para o mal” (Gn. 6,5). Ao longo de todo A. T. percebe-se que Deus vai dando várias oportunidades para que o povo se redima. Depois da libertação da opressão do Egito (Ex. 3,8), o Senhor envia diferentes mensageiros para se fazer escutar, entre eles o profeta Malaquias, que escreve “eis que vou enviar-vos o profeta Elias, antes que chegue o dia Senhor” (Ml. 3,23). O Evangelista Mateus escreve que Jesus associou a figura de João Batista à figura de Elias (Mt. 11,14-15). Tal como João, o profeta Elias defendeu o Senhor como verdadeiro Deus, quando os profetas tentam impor o deus Baal (1 Rs. 18,36-37).

¹²⁰ A tradição evangélica narra a chegada de Jesus de formas diferentes. No entanto, apoiam-se no relato de Is. 40,3-6 “uma voz grita: preparai no deserto o caminho do Senhor [...] é o Senhor quem proclama”. Para Oñatibia, estas narrações (Mt. 3, 13-17; Mc. 1,8-11; Lc. 3,21-22; Jo. 1,29-34) pretendem, além de proclamar a missão de Jesus, apresentar a sua consagração messiânica. Será o início do seu ministério que culminará com a sua morte, ressurreição e dará relevância à sua pessoa. (Ignacio Oñatibia, *Bautismo y Confirmación*. Sapientia Fidei 22 (Madrid: BAC, 2018) 41).

Filipe batiza o eunuco sem antes fazer uma catequese de preparação para o batismo (At. 8,35).

A conversão de Saulo torna-se um momento importante que remete para a questão da escuta, para a importância da imposição das mãos, para a abertura de coração. Paulo às portas de Damasco viu-se “subitamente envolvido por uma intensa luz vinda do Céu. Caíndo por terra, ouviu uma voz” (At. 9,3-4.17). Por fim, Ananias impôs-lhe as mãos para ficar cheio de Espírito Santo. Em Paulo podemos perceber a existência de elementos relevantes para a validade do sacramento. Enquadrado numa dimensão eclesial, como se percebe na narração da conversão e batismo de Lídia, em que o Apóstolo Paulo, dirige-se, a um sábado, para junto da margem do rio, local onde as mulheres se reuniam para rezar. Lídia “pôs-se a escutar. O Senhor abriu-lhe o coração para aderir ao que Paulo dizia” (At. 16, 14-15). Nesta narração está implícita a ideia do Batismo de água perante a comunidade, que testemunha o ato batismal e em Éfeso, Paulo mostra o quanto é importante o Batismo do Espírito Santo, como podemos ler em At. 19,1-6.

Para José Garcia, Deus acolhe o homem para que o mesmo inicie uma longa viagem¹²¹ que “consiste não só preparar os fiéis para o dom sacramental, mas também ensiná-lo para poder dar o máximo fruto”. Por outro lado, refere que a celebração sacramental permite ao crente iniciar essa viagem, que se alonga por toda a vida e que o “batismo representa a incorporação do Cristianismo nessa viagem eucarística”.¹²² Com o crescimento do cristianismo, a Igreja percebe que os batismos em massa começam a trazer problemas, porque os novos batizados nem sempre conhecem a realidade cristã e os seus preceitos e doutrinas. É assim que surge, o que hoje chamamos, catecumenado, com o intuito de melhor preparar quem deseja integrar livremente a Igreja cristã.

A preparação para o Batismo era feita sem pressas, porque se percebeu que o período catecumenal necessitava de tempo para assimilar o sentido da fé antes de dar o “sim” batismal. No período Patrístico, com a abertura que a Igreja obteve com o Édito de Milão do ano 313, surgirão as catequese mistagógicas como projeto formativo resultante do crescimento do número de batizados. Hoje, cada vez mais, nos vamos apercebendo que é necessário investir nas catequese, como nos refere Adérito Barbosa, quando se refere aos desafios da Igreja atual: “hoje são muitas as pessoas que já não se interrogam

¹²¹ Para Bauer, esta é uma viagem comparada aos caminhos que o mesmo Deus percorre. Aqui o autor faz referência à doutrina dos caminhos que tem a sua origem no Antigo Testamento. Relembra as palavras do Evangelista Lucas em 13,24: “Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, porque Eu vos digo que muitos tentarão entrar sem o conseguirem”. (Cf. J. B. Bauer, «Camino», em *Diccionario de Teología Bíblica* (Barcelona: Editorial Herder, 1967) 164).

¹²² José Granados García, *Tratado general de los sacramentos*. Vol. 4 a (Madrid: BAC, 2020) 276.

sobre o sentido da vida ou creem que nada na vida tem sentido”.¹²³ Parece existir um esforço para combater o caminho da indiferença religiosa¹²⁴ e cujo “iluminismo, o racionalismo e o secularismo esgotaram a sua credibilidade. Vivemos numa era pós-cristã e, cada vez mais, numa era pós-secularizada. Estamos chamados a pregar a Palavra de Deus a esta geração e a este mundo tal como é”.¹²⁵

2.2. O CAMINHO DE INICIAÇÃO CRISTÃ

É certo que ninguém nasce cristão, nem é algo que aconteça por iniciativa própria, pois requer um processo iniciático, que no caso de Paulo, começou com o surgir de uma luz seguida da escuta da voz de Cristo. O acontecimento, às portas de Damasco, ajuda a entender como o encontro que resulta no batismo de Paulo é um bom exemplo da iniciação cristã. Por outro lado, a história cristã é rica em relatos de encontro do divino com o Homem, como é o caso de Maria Madalena em Jo. 20, 11-18 ou o relato de Tomé em Jo. 20, 24-29. Para A. Nocent¹²⁶ a iniciação toma o sentido de uma vida nova e, para se cumprir a transformação interior, tem que passar por algumas etapas para dessa forma se integrar plenamente na Igreja de Cristo. Este movimento iniciático, apesar de não ser novidade, acarreta, enquanto fenómeno cristão, uma originalidade que as distingue das demais religiões, porque apresenta um dinamismo que lhe confere o título de itinerário

¹²³ Adérito Gomes Barbosa, *Os jovens portugueses e a nova evangelização*, em Revista Humanística e Teologia (Porto: Universidade Católica Portuguesa, 1993) 87.

¹²⁴ Para Armando Matteo, “a primeira grande etapa de mutação do Ocidente tem lugar em meados do século XIX. Em 1859, Darwin publica *A Origem das espécies*, um texto com o qual, graças à teoria da evolução, liberta o aparecimento do homem sobre a terra da ligação com Deus: convida a colocar a origem da espécie humana, não no alto, mas no seu parentesco comum com outros animais (...) Em seguida, deparamos com Freud, que reformulará o conceito de alma como centro de agregação energética, despojando-o de toda a aura transcendental [...] Na reta final do século XIX, surgem, com efeito, a empresa *General Motors* e a de Henry Ford, e nascem a *Coca-Cola* e a *Fiat*: a terra deixa de ser vista como «vale de lágrimas», mas como um lugar onde as pessoas se podem facilmente instalar”. (Cf. Armando Matteo, *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé* (Prior Velho: Paulinas, 2013) 39-40).

¹²⁵ Adérito Gomes Barbosa, *Os jovens portugueses e a nova evangelização*, em Revista Humanística e Teologia (Porto: Universidade Católica Portuguesa 1993) 88.

¹²⁶ “A iniciação cristã refere-se aos passos indispensáveis para entrar na comunidade eclesial e no seu culto em espírito e verdade”. Nocent relembra que na Igreja primitiva os ritos de iniciação eram secretos e os catecúmenos e já tinham passado pela experiência vital dos sacramentos de iniciação através das catequeses mistagógicas. (A. Nocent, «*Iniciación Cristiana*», em Nuevo diccionario de Liturgia, Dir. D. Sartore, Acchille M. Triacca y Juan María Canals, 3ª ed. (Madrid: San Pablo, 1987) 1051).

cristão. Para Oñatibia “a passagem das trevas para a luz, da morte para a vida, da escravidão para a liberdade; é a gestação e o nascimento; a maturação e o crescimento; a aprendizagem”.¹²⁷ Por outro lado, este processo iniciático é único, no qual todos os agentes (comunidade e Igreja) se articulam para ser um momento especial e que contribui para a uma mudança de vida com reflexos na sua realidade comunitária, religiosa e social.

A transformação interior pressupõe que se olhe para o projeto na perspetiva do hoje, pois cada tempo é um tempo e não interessa deambular pelo passado, nem viver um futuro que não se sabe qual é. O hoje pressupõe aprender a viver a fé, o que acontece através da vivência dos sacramentos que oferece a possibilidade de “mergulhar no Hoje da Ressurreição, tocar a Mão do Ressuscitado e tornar-nos, assim, verdadeiramente Páscoa”.¹²⁸ Parece ser esse o sentido que alguns autores se referem à “noite da Páscoa como a noite do batismo”. Esta é uma realidade que nem sempre está presente quando os pais levam os seus filhos a batizar.¹²⁹ O “Hoje” começa com o Batismo, como início de compromisso, ao qual requer uma integração dinâmica e contínua¹³⁰ para se fazer “um bom cristão”. É uma transformação que conduz ao mistério de Jesus Cristo e, dessa forma, será o primeiro passo na participação sacramental, na morte e ressurreição de Cristo.

Neste caminho, há uma consciência que se tem que desenvolver e como refere Joan Chittister “toda a vida é uma aventura sagrada no advento do Reino de Deus”.¹³¹ Parece existir um número elevado de pessoas a declinar o convite da Igreja e o decréscimo daqueles que abraçam o projeto de Cristo. Parece falhar algo importante como refere Chittister em que “o tempo mais relevante para a nossa santificação é agora”. Desta forma, temos que ir além das necessidades pessoais, porque se queremos ser discípulos de Jesus temos que contribuir para que a semente germine no nosso coração e que, no

¹²⁷ Ignacio Oñatibia, *Bautismo y Confirmación*, Sapientia Fidei 22 (Madrid: BAC, 2018) 8-9.

¹²⁸ Joseph Ratzinger, *Os Sacramentos. Sinais de Deus no mundo*. Trad. Beatriz Luiz Gomes (Cascais: Lucerna, 2020) 20.

¹²⁹ Em diálogo com os pais, o celebrante pergunta: “Pediste o Batismo para o vosso filho (filha). Deveis educá-lo (educa-la) na fé, para que, observando os mandamentos, ame a Deus e ao próximo, como Cristo nos ensinou. Estais conscientes do compromisso que assumis?” (Ritual Romano da Celebração do Batismo das crianças, n.º 37, 2º ed. (Coimbra: Conferência Episcopal Portuguesa, 1994) 70).

¹³⁰ Para Oñatibia “Acima de tudo, é preciso entrar em contacto com o arquétipo do grupo, com os mitos das origens, com os acontecimentos fundadores na base da comunidade: a busca iniciática, nas religiões místicas, promete ao homem a reintegração na sua condição primordial. Daí a importância da anamnese, da memória culta, que permite aos iniciados ligarem-se pessoalmente com as origens do grupo. A iniciação é um processo de socialização, de introdução progressiva no grupo, de assimilação gradual dos valores comunitários, socioculturais e religiosos. Já deste ponto de vista, a iniciação tem uma clara dimensão comunitária: é um acontecimento institucional”. (Ignacio Oñatibia, *Bautismo y Confirmación*. Sapientia Fidei 22 (Madrid: BAC, 2018) 5).

¹³¹ Joan Chittister, *O tempo é agora. Um chamamento para uma coragem invulgar*. Trad. Maria do Rosário de Castro Pernas (Prior Velho: Paulinas, 2019) 35.

dia-a-dia, sejamos um bom testemunho com uma boa dose de ousadia. Tomás Halík, que reflete acerca do tempo de pandemia, escreve “é bom abrir a Bíblia e abrir a mente e o coração”¹³² e quando acontece abre-se a porta da sabedoria. Esta sabedoria de coração leva-nos a ter consciência de que a realidade religiosa, por exemplo, na Europa está envolta numa crise, que teve início no século XVI, conduziu o cristianismo para a condição de marginalizado. Para Schönborn “As Igrejas ainda existem, embora se contem entre as coisas «que foram». Mas raramente têm peso ou influência. Não obstante, não as vejo «obsoletas», numa Europa com vastos recursos espirituais”.¹³³ Parece ser um tempo em que a realidade cristã recorda o início da era cristã, em que o homem esteve rodeado por uma pluralidade de religiões. Isso acarreta novos desafios, que, ao mesmo tempo, são acompanhados de uma força invisível, que ajudará o cristianismo e as suas comunidades a participarem no combate à dita crise de fé. Acrescenta Schönborn “Nos nossos corações, nós, europeus, «laicos» ou crentes, sabemos que as raízes que sustentarão a Europa no futuro são estas: um cristianismo credível, fiel às suas raízes, por muito singular e estranho que esse cristianismo por vezes possa parecer aos nossos olhos”.¹³⁴ Diz-nos Armando Matteo que “só da escuta da Palavra pode nascer algo como a fé. Pois bem, que fé é essa, chamada a acolher a novidade evangélica? A fé é a conversão da liberdade ao mandamento do amor, proposto por Jesus”.¹³⁵

Quando analisamos o uso do termo “sacramento” na Igreja primitiva, somos confrontados com dois termos *Mysterion*, assumido pela Igreja do oriente, e *Sacramentum*, assumido pela Igreja latina. Estes dois conceitos tornam-se relevantes no crescimento da Igreja instituída por Cristo, tendo sempre na sua base a ideia de que o Homem só se salvará se conseguir interiorizar a realidade desse mistério que é Deus. Para compreender esta diferença de conceitos é importante ter presente a ideia de economia da salvação e de que tudo foi criado e ordenado, segundo a vontade de Deus, com a intervenção da Santíssima Trindade. Por um lado, compreender o modo como Deus se revela

¹³² Tomás Halík, *O tempo das igrejas vazias*, Trad. Karin Sousa (Prior Velho: Paulinas, 2021) 47.

¹³³ O teólogo dominicano vê a Europa como uma realidade “bastante estimulante e cheia de oportunidades [...] na Europa, um número sempre crescente de pessoas, após terem levado uma vida completamente secularizada, encontram o seu caminho numa fé consciente. Essas pessoas descrevem muitas vezes a sua viagem como um regresso a casa”. (Cf. Christoph Schonborn, *Cristo na Europa. Uma fecunda interrogação*. Trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas, 2013) 43).

¹³⁴ Christoph Schonborn, *Cristo na Europa. Uma fecunda interrogação*. Trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas, 2013) 45.

¹³⁵ Armando Matteo, *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé* (Prior Velho: Paulinas, 2013) 96-97.

é um caminho que exige possuir algumas ferramentas que ajudem a discernir essa realidade transcendental. Por outro lado, conhecer Deus torna-se possível, porque Deus revela-se na liberdade ao Homem. A via sacramentaria é uma das formas de Deus se revelar, importante para a salvação do Homem. Assim, conhecer Deus acontece pela via da revelação que parte de Jesus e Nele se concretiza. É no amor de Deus que encontramos a abertura para a novidade que é o próprio Deus. Para S. Paulo, Jesus Cristo é o Deus que se revela e “manifestou-nos o mistério da sua vontade, e o plano generoso que tinha estabelecido, para conduzir os tempos à sua plenitude: submeter tudo a Cristo, Reunindo nele o que há no céu e na Terra” (Ef. 1,9). Entender o mistério de Deus passa por aceitarmos que o Filho se manifestou ao Homem e o mesmo Homem crê no acontecimento da morte e ressurreição, isto é, aceitar o Deus que se revela e entender o que Deus diz de si mesmo.¹³⁶

No N. T. a ideia de *mysterion* direciona-se mais para a questão da identidade de Cristo, porque é no Filho do Homem que “estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Cl. 2,3) e “manifestou-nos o mistério da sua vontade, e o plano generoso que tinha estabelecido [...] foi também em Cristo que fomos escolhidos como sua herança, predestinados de acordo com o desígnio daquele que tudo opera” (Ef. 1,9-11). A este projeto universal, que foi entregue nas mãos de Cristo e que reunirá Nele o que há no Céu e em toda a Terra. Toda a criação que adere a este projeto se transformará na Igreja, que chega aos nossos tempos, pela via dos testemunhos apostólicos.

¹³⁶ Carl Rahner, no seu pensamento sobre a Trindade, irá afirmar que o mistério da salvação tem como alvo o homem e, desse modo, cruza o seu caminho, transformando-se num Deus “para nós”. “Consistente com o seu axioma fundamental, Rahner parte da ideia de que, se Deus quer comunicar aos homens, é o Filho que tem de aparecer historicamente na carne como homem e tem de ser o Espírito que opera a aceitação desta comunicação na fé, na esperança e no amor por parte do mundo. Tudo isto pressupõe a liberdade de Deus, mas se Deus quiser comunicar livremente, Ele já não é livre de fazer o contrário, porque então a auto-comunicação nada nos diria sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo” (Cf. Luis F. Ladaria, *El Dios Vivo Y Verdadero. El misterio de la Trinidad*. 4.^a ed (Salamanca: Secretariado Trinitário, 2010) 380-381).

3. O BATISMO CELEBRADO A PARTIR DO BATISMO DE JESUS

São Paulo, quando escreve aos Romanos acerca de Deus, diz-lhes que “porquanto, o que de Deus se pode conhecer está à vista deles, já que Deus lho manifestou. Com efeito, o que é invisível nele – o seu eterno poder e divindade – tornou-se visível à inteligência, desde a criação do mundo, nas suas obras” (Rm. 1, 19-20). É no mistério da vida de Cristo, que o homem encontra a porta que se abre para o encontro do Cristo que se faz “próximo”. Abraçar o cristianismo é reconhecer que há um mistério por detrás do acontecimento pascal. Por outro lado, é na Igreja¹³⁷ que o cristão encontra o ambiente propício à sua conversão. É na Igreja de Cristo, que num processo contínuo, aprende-se a viver em comunhão com Cristo, com a Igreja e com os outros, porque “esta Igreja de Deus vivo, coluna e sustentáculo da verdade” (1 Tg. 3,15) é o espaço e o lugar onde a missão de Deus se realiza e se completa.

Cencini retrata o mundo de hoje como “um grande e brutal orfanato”,¹³⁸ no qual os adultos foram criados e educados na Igreja e cujo desprendimento e afastamento deixou muitos jovens hoje à beira de um abismo, numa luta para satisfação das necessidades e desejos pessoais. Enquanto cristãos, o homem tem uma palavra a dizer, para além da busca do conhecimento humano, deve procurar meios para contemplar a beleza das coisas da natureza, que pertencem ao mundo. Este caminho humano, quando olhado em consciência, afasta o homem do mundo errático da manipulação e abre-se à atitude de preservação, porque “Deus chama todos os seres do nada à existência “ (CIC 2566). Este é o espírito da sabedoria¹³⁹ que cada batizado deve abraçar, para que participe na herança da vida eterna. Este caminho de sabedoria, nem sempre é entendido pelo homem e, nomeadamente, por alguns jovens, que na ânsia de “viver a vida” a vão destruindo, caminhando

¹³⁷ Para S. João Paulo II, a Igreja apresenta dois grandes traços. Por um lado, a dimensão mistérica, que se traduz na “resposta a um desígnio amoroso e salvífico do Pai, prolongamento da missão do Verbo Encarnado, fruto da ação criadora do Espírito Santo”. Por outro lado, tem a missão de evangelizar, logo, “prestar ao mundo o mistério da salvação, mediante o *dialogus salutis* instaurado com ele”. Acrescenta que faz parte da missão da Igreja preocupar-se com o homem na sua ação quotidiana, desde o seu nascimento até à sua partida para a vida eterna (Cf. Carta do Papa João Paulo II, «Aos Bispos da Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil de 9 abril de 1986», nº 2, acedido a 27 de agosto de 2021),

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1986/documents/hf_jp-ii_let_19860409_conf-episcopale-brasile.html.

¹³⁸ Amedeo Cencini, *Tu és...tu serás chamado* (Prior Velho: Paulinas, 2008) 32.

¹³⁹ Para Ziener, a sabedoria do N. T. tem o mesmo sentido e importância que se dava no A. T. Assim “raras vezes se menciona a sabedoria humana”. Acrescenta ainda que a doutrina paulina apela aos cristãos para que sejam “sábios para o bem”, como se pode ler em Rm. 16,19 e, “desse modo, a misteriosa figura da sabedoria divina teve uma grande importância para a revelação no N. T.” (Cf. GG. Ziener, «*Sabiduria*», em *Dicionario de Teologia Bíblica* (Barcelona: Editorial Helder, 1967) 493-495).

por perigosos atalhos. Inconscientes também que as suas ações têm implicação na vida de outros (familiares, amigos, vizinhos), persistem em viver longe das inquietações da vida e procurar “outros deuses” para a satisfação das suas necessidades.

3.1. BATISMO DE JOÃO BATISTA VS BATISMO DE JESUS

Cristo, com o batismo no rio Jordão, passa de um ilustre desconhecido a figura pública em ambiente judaico. Após ser batizado por João Batista (Mc. 1,9) Jesus passa a ser o impulsor para as mudanças, que se vão realizar após a sua morte e ressurreição. Com o seu batismo, Jesus irá instituir o Sacramento do Batismo e abrirá a porta à compreensão sacramental e, “deste modo, o batismo de Jesus é compreendido como síntese de toda a história, pois nele é retomado o passado e antecipado o futuro”.¹⁴⁰ O seu gesto em se deixar batizar é um convite para que outros acolham o seu projeto identificando-os como cristãos. Como se percebe pelas narrações genealógicas dos Evangelistas, Jesus é apresentado como o herdeiro ou o cumprimento da promessa de Deus a Abraão e depois ao Rei David. Apregoados pelos profetas, como podemos ler em Is. 40,3: “Uma voz grita: preparai no deserto o caminho do Senhor, aplanai na estepe uma estrada para o nosso Deus” pode ser como entendido como uma experiência vocacional.¹⁴¹

Do Batismo dos doze apóstolos nada é referido explicitamente no N. T., no entanto, tal como aconteceu no batismo de Jesus, também com os doze, damos conta da descida do Espírito Santo sobre cada um deles, como podemos perceber no livro dos Atos dos Apóstolos: “quando chegou o dia do Pentecostes, encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar [...] viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo” (At.

¹⁴⁰ Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, Trad. José Jacinto Farias (Lisboa: Esfera dos livros, 2007) 49.

¹⁴¹ Para Ratzinger “uma vasta corrente da teologia liberal interpretou o batismo de Jesus como uma experiência vocacional: Ele, que até este momento tinha levado uma vida perfeitamente normal na província da Galileia, aqui teria feito uma experiência marcante; aqui teria alcançado a consciência de uma especial relação com Deus e da sua missão religiosa, consciência essa amadurecida sobre a base das expectativas então dominantes em Israel, a que João tinha dado nova forma e graça à emoção que n’Ele provocou o acontecimento do batismo” (Cf. Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré*. Trad. José Jacinto Farias (Lisboa: Esfera dos livros, 2007) 55).

2, 1-4).¹⁴² Este encontro pode ter sido o primeiro acontecimento batismal dos apóstolos. Por outro lado, Pedro fala para os primeiros convertidos e diz-lhes: “convertei-vos e peça cada um, o batismo em nome de Jesus Cristo, para a remissão dos pecados; recebereis, então o dom do Espírito Santo”. Acrescenta ainda que é o cumprir de uma promessa da parte de Deus “para todos os que o Senhor nosso Deus quiser chamar” (At. 2, 38-39). Esta é a resposta para todos os que aceitaram livremente Jesus e converteram-se à Igreja Cristã. A estes é-lhes dado o batismo no Espírito Santo. Como se percebe a ação do Espírito torna-se relevante para a validade do batismo, porque confirma a união do batizado a Cristo.

Primeiro, o Espírito desce sobre Jesus no rio Jordão, depois sobre os Apóstolos e, por fim, sobre todos os convertidos que se batizam em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.¹⁴³ É, assim que a jovem Igreja cristã passou a celebrar e a administrar o batismo a partir do acontecimento do Pentecostes, sempre em nome de Jesus Cristo (CIC 1226). Após este acontecimento, surgem uns observadores curiosos, que eram apontados como “os seguidores de Cristo, que saíram livremente para a rua, ao fim de tantos anos, repararam que muitas pessoas os aplaudiam, algumas das quais talvez, anteriormente, tivessem-lhes mostrado o punho”. Refere também Tomás Halík “ainda que não repararam que as árvores à sua volta estavam cheias de Zaqueus”.¹⁴⁴

A história de Zaqueu está duplamente relacionada com a questão do testemunho, pois como observador, por entre a folhagem de um sicómoro, por um lado, vai satisfazer a sua curiosidade acerca de Jesus e da mensagem acerca do Reino de Deus. Por outro lado, ele transforma-se em testemunha pela sua mudança interior, que o leva a converter-se à palavra de Deus. Ao aceitar o desafio de mudar de vida, que Jesus lhe oferece, Zaqueu transforma-se numa testemunha credível aos olhos dos cristãos. Seria ele um seguidor de Jesus? Seria ele o “próximo do Filho de Deus? Para falar acerca do “próximo”,

¹⁴² Para Gaventa, Lucas nos vv. 2-3 apresenta um cenário carregado de sinais da presença divina. Nesta teofania o Espírito Santo faz-se presente na comunidade que assiste representando “todas as nações sob o céu que vivem em Jerusalém”. (Cf. Beverly Roberts Gaventa, *The Acts of the Apostles. Abingdon New Testament Commentaries* (Nashville: Abingdon Press, 2003) 74-75). A grande multidão estupefacta com os acontecimentos pergunta: “Irmãos, o que devemos fazer?” Como resposta há um apelo que ecoa que apela ao arrependimento e ao batismo com porta de entrada na comunhão dos crentes e que levará à salvação como se pode perceber no v. 21. Esta é uma promessa para a geração presente e futura, e «estende-se geograficamente para incorporar aqueles que estão “longe”, incluindo os Gentios e cuja extensão dessa promessa vai até “aos confins da terra”». (Cf. Beverly Roberts Gaventa, *The Acts of the Apostles. Abingdon New Testament Commentaries* (Nashville: Abingdon Press, 2003) 79-81).

¹⁴³ Os Evangelistas tratam a questão dos primeiros apóstolos de forma diferente. Para Lucas Jesus diz-lhes “Vós sois as testemunhas destas coisas. E Eu vou mandar sobre vós o que meu Pai prometeu. Entretanto, permaneci na cidade até serdes revestidos com a força do alto” (Lc. 24,48-49). João escreve “Em seguida, soprou sobre eles e disse-lhes: recebei o Espírito Santo”.

¹⁴⁴ Tomás Halík, *Paciência com Deus*. Trad. Maria Rosario Pernas (Prior Velho: Paulinas, 2013) 31.

Jesus narra a parábola do bom samaritano (em Lc. 10, 29-37) para nos dizer que nem sempre o “próximo” é aquele que vive connosco ou faz parte das nossas relações sociais. Para Ratzinger, esta parábola simboliza um alerta e, ao mesmo tempo, um convite a uma sociedade secularizada que vive entre o assustado e a ignorância teológica, que por vezes tende para a alienação e a desmotivação:

“A atualidade da parábola é óbvia. Se a aplicar-se às dimensões da sociedade globalizada, vemos como os povos de África, que se encontram explorados e saqueados, têm a ver de perto connosco. Vemos então como eles são o nosso «próximo»; vemos que também o nosso estilo de vida, a história de que fazemos parte, os saqueou e continua a fazê-lo. Incluído nisto está sobretudo o facto de os termos ferido espiritualmente. Em vez de dar-lhes Deus – o Deus que está próximo de nós em Cristo – e assim acolher das suas tradições tudo o que é precioso e grande para o levar à Perfeição, levamos-lhes o cinismo de um mundo sem Deus, onde conta apenas o poder e o lucro; destruímos os critérios morais, de tal modo que a corrupção e uma vontade pelo poder sem escrúpulos se tornam de certo modo óbvios. E, isto não vale apenas para África”.¹⁴⁵

Deus, ao enviar o seu filho, à terra quis abrir a porta à salvação do homem, que ao ser batizado em Cristo, nasce do Espírito Santo e passa a fazer parte da grande obra salvífica de Deus. Este envio está associado à adoção filial e será sempre uma vocação humana. Para o Papa Francisco “este envio incumbe o cristão, para que a ninguém falte o anúncio da sua vocação a filho adotivo, a certeza da sua dignidade pessoal e do valor intrínseco de cada vida humana desde a conceção até à sua morte natural”.¹⁴⁶ Desse modo, “batizar uma criança é um ato de justiça”,¹⁴⁷ porque como Jesus, também o batizado recebe o Espírito de Deus.

¹⁴⁵ Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré*. Trad. José Jacinto Farias (Lisboa: Esfera dos livros, 2007) p. 254-255.

¹⁴⁶ Papa Francisco, «Mensagem de sua Santidade para o dia mundial das missões de 2021», acedido a 23 de agosto de 2021, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papafrancesco_20190609_giornata-missionaria2019.html.

¹⁴⁷ Papa Francisco, «Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia», acedido em 16 de agosto 2021, https://www.vatican.va/content/francesco/it/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200112_omelia-battesimo.html.

3.2. “TU ÉS O MEU FILHO MUITO AMADO”

A Igreja “torna-lhes presente o mistério de Cristo, principalmente na Eucaristia” (CIC 737). Este é um mistério que, ainda hoje, o ser humano tem alguma dificuldade em entender, mas que continua a ser uma forma de despertar para a fé e que ajuda a que haja uma espiritualidade ativa em cada cristão. Para Manuel Monge “O homem expressa-se através do sacramento do seu corpo, que cobre e revela o seu mundo interior. Palavras, gestos e expressões são a mediação necessária em todas as relações humanas possíveis. Assim, é perfeitamente compreensível que Deus, ao comunicar com a humanidade, o quisesse fazer através de sinais”.¹⁴⁸ Percebe-se que existe uma ação eclesial, que pretende colocar à disposição do crente um conjunto de ferramentas, que ajudam a compreender o sentido de ser cristão. No entanto, é indispensável que haja abertura de coração e, com a ajuda da Igreja, o homem possa fazer caminho para Cristo.

O Batismo é de facto esse início de caminho, porque abre a porta à comunidade, à vida quotidiana na qual o batizado cresce como filho de Deus. O Papa Francisco lembra ao cristão como é importante saborear as pequenas coisas em cada dia, tal como Jesus que nos “revela a grandeza do dia-a-dia, a importância aos olhos de Deus de cada gesto e momento da vida, até o mais simples, o mais escondido”.¹⁴⁹ Jesus ao inaugurar a vida pública¹⁵⁰ com o Batismo, acontecimento marcado pela oração batismal e, em conjunto com o povo que estava presente, realizou-lhes o desejo de serem batizados. A vida pública de Jesus e o seu batismo indicam que Ele é o Messias que é anunciado pelos profetas.

¹⁴⁸ Manuel Sanchez Monge, *Eclesiologia. Iglesia, misterio de comunión y misión* (Madrid: Sociedad de Educación Atenas, 1994) 116.

¹⁴⁹ Papa Francisco, «Angelus de 10 de janeiro de 2021», acedido a 18 de agosto de 2021, https://www.vatican.va/content/francesco/it/angelus/2021/documents/papafrancesco_angelus_20210110.html.

¹⁵⁰ “Portanto, o primeiro ato público de Jesus é a participação numa oração comum do povo, uma prece do povo que se faz batizar, uma oração penitencial, na qual todos se reconhecem pecadores. [...] Mas Jesus insiste: o seu é um ato que obedece à vontade do Pai (v. 15), um ato de solidariedade para com a nossa condição humana. Ele reza com os pecadores do povo de Deus. Ponhamos isto na nossa cabeça: Jesus é o Justo, não é um pecador. Mas Ele queria vir até nós, pecadores, e Ele reza connosco, e quando rezamos Ele está connosco a rezar; Ele está connosco porque está no céu a rezar por nós. Jesus reza sempre com o seu povo, reza sempre connosco: sempre. Nunca rezamos sozinhos, rezamos sempre com Jesus. Ele não permanece na margem oposta do rio -“Eu sou justo, vós pecadores” – para marcar a sua diversidade e distância do povo desobediente, mas mergulha os seus pés nas mesmas águas de purificação. Faz-se de pecador. E esta é a grandeza de Deus que enviou o Seu Filho, que se aniquilou a si mesmo e se manifestou como um pecador”. (Cf. Papa Francisco, «Audiência geral de 28 de outubro de 2020», acedido a 18 de agosto 2020,

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2020/documents/papafrancesco_20201028_udienza-generale.html.

Tratado como o Filho de Deus, o seu nome significa que “o próprio nome de Deus está presente na pessoa de Jesus” (CIC 432). Este título vai mais além da sua experiência pública.

Gesché defende que “o título é visto precisamente como algo honorífico, como um reconhecimento ou resultado de uma especulação e não de uma experiência”.¹⁵¹ Por outro lado, podemos olhar o título na dimensão da filiação¹⁵² ou mesmo da paternidade, o que remete para a intimidade entre Deus e o homem como resultado do projeto salvífico, que tem por base a revelação divina e que nos transforma em filhos do Filho. Esta consciência acontece quando recebemos o batismo “em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo”. Para Justo Collantes “esta tomada de posse por parte de Cristo, juntamente com a consagração por parte do cristão, é uma forma particular de presença efetuada pela ação sacramental do batismo, o que provoca uma intercomunicação pessoal entre os dois”.¹⁵³ A partir deste momento todas as ações do batizado são como que pertencentes a Cristo, pois é Ele que age por ação do Espírito Santo e, desse modo, é o “Espírito de Cristo que governa cada cristão”. Para Henri Nouwen, a ação do Espírito “é o sonho de Cristo em nós”.¹⁵⁴ Está patente a ideia da filiação divina, como parte do caminho de conversão do cristão e que é uma aventura como refere Gesché,¹⁵⁵ ao qual não é possível separar a vida de cada um dos cristãos da vida divina. Há uma maturidade espiritual necessária para se fazer este caminho de conversão, que levará a um caminho de crescimento interior e de escuta, que transformará o batizado num novo filho do Filho.

¹⁵¹ Adolphe Gesché, *Jesuscristo, Dios para pensar*, Trad. José Manuel Bernal (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2020) 207-208.

¹⁵² A esta dimensão filial associa-se a conversão que encaminha o homem para Deus e para uma relação filial. “A adoção filial, torna-nos, pela graça, participantes da natureza divina, pode conferir-nos, segundo a justiça gratuita de Deus, um verdadeiro mérito [...] os méritos das nossas boas obras são dons da bondade divina” (CIC 2009). Deste modo, pode-se dizer que a “paternidade divina é a fonte da paternidade humana” (CIC 2214) e como refere Paulo aos Coríntios: serei para vós um pai e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso” (2 Cor. 6,18).

¹⁵³ Justo Collantes, *La Iglesia de la palabra* (BAC), Vol. 1 (Madrid: La Editorial Católica, 1972) 436.

¹⁵⁴ Henri J. M. Nouwen, *O esvaziamento de Cristo. Movimento descendente e vida espiritual*. 2.^a ed. (Prior Velho: Paulinas, 2012) 16-17.

¹⁵⁵ Adolphe Gesché, *Jesuscristo, Dios para pensar*, Trad. José Manuel Bernal (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2020) 234.

3.3. PELO BATISMO NASCEMOS DE NOVO E DO ALTO

No diálogo entre Jesus e Nicodemos, Jesus alerta que “quem não nascer do alto (άνωθεν) não pode ver o Reino de Deus” e para tal acontecer, a nova criatura tem de nascer da água e do Espírito (ὕδατος καὶ Πνεύματος) como refere o Evangelista João (Jo. 3, 3-5)¹⁵⁶. Está implícito, aqui nesta passagem, a referência ao batismo de Jesus e que está na base da condição existencial do cristão e no seu caminho para entrar no Reino de Deus. Para Oñatibia, “esta vida é a nova vida comunicada pelo Espírito a Cristo na sua ressurreição. É já a vida imutável, incorruptível, imortal, eterna. É a própria vida de Deus, na medida em que, pode ser partilhada por criaturas”.¹⁵⁷ É uma força que aproxima para o encontro e a escuta, que em liberdade ajuda o crente a crescer na fé. A ideia de “novo discípulo” surge associada à ideia de “seguimento” e de “chamamento”.¹⁵⁸

O Batismo não pode ser visto como um acontecimento momentâneo. Este tem de ser entendido como o princípio de uma relação entre o homem e Cristo. Relação essa que vai crescendo e amadurecendo ao longo da vida e, desse modo, deve influenciar o futuro do batizado. Se entendermos o Batismo como princípio e fundamento da comunhão com Deus e com toda a Igreja, então, pode constituir “o vínculo sacramental da unidade que liga todos os que foram regenerados por ele. O Batismo, porém, em si, é o início e o exórdio, pois tende à consecução da plenitude de vida em Cristo. Por isso, o Batismo ordena-se a uma completa profissão da fé, à íntegra incorporação na obra da salvação, tal como o próprio Cristo o quis e finalmente à total inserção na comunhão eucarística”.¹⁵⁹

¹⁵⁶ Neste diálogo entre Jesus e Nicodemus, é no entender de Smith, que a “resposta proporciona uma visão crucial do que se está a passar: Nicodemos e Jesus não podem conversar significativamente porque Nicodemos ainda não nasceu de cima como Jesus. Jesus e Nicodemos habitam dois mundos diferentes do discurso, por assim dizer, como se tornará cada vez mais evidente. A sua conversa é como os navios que passam na noite! Por outro lado, a questão passa pela incompreensão da parte de Nicodemus que “entendeu mal a palavra do outro mundo de Jesus”. O nascimento de cima é agora descrito mais detalhadamente como “nascer da água e do Espírito”. O nascimento pela água é certamente uma referência ao Batismo cristão, que seria acompanhado pelo dom do Espírito. Além disso, nascer da água e do Espírito é obviamente o equivalente a nascer de cima”. (Cf. D. Moddy Smith. *John. Abingdon New Testament Commentaries* (Nashville: Abingdon Press, 1999) 94-95).

¹⁵⁷ Ignacio Oñatibia, *Bautismo y Confirmación*. Sapientia Fidei 22 (Madrid: BAC, 2018) 181.

¹⁵⁸ Para Kredel o “chamamento soberano de Jesus correspondia também à resposta dos chamados por iniciativa de Jesus”. Esta resposta pressupõe uma obediência ao Senhor. É uma obediência incondicional.”. Num primeiro momento, os chamados eram em número de doze, depois estes passaram a constituir a base dos que viriam a ser chamados discípulos. (Cf. E. M. Kredel, «*Discípulos*», em *Dicionário de Teologia Bíblica* (Barcelona: Editorial Herder, 1967) 298).

¹⁵⁹ Cf. Papa Paulo VI, «Decreto Unitatis Redintegratio» n.º 22, acedido a 29 de julho 2021,

O Homem, como nova criatura, é a condição que o capacita a ir mais além de Adão, o que significa abraçar o projeto divino de livre vontade e como nos relembra Paulo “não olhemos para as coisas visíveis, mas, para as invisíveis, porque, as visíveis são passageiras, ao passo que as invisíveis são eternas” (2 Cor. 4,18). É nesta consciência de ser criatura de Deus, que o cristão é introduzido numa nova vida e que viver segundo o Batismo implica viver envolvido na espiritualidade cristã o que acarreta para o batizado algumas responsabilidades. Para Oñatibia¹⁶⁰ a primeira responsabilidade é o podermos conservar o Batismo ou assegurar que a fidelidade e as promessas batismais sejam asseguradas até ao fim da vida terrena. Pelo Batismo todos os batizados passam a ser pertença, de Cristo. Deste modo, o Sacramento do Batismo oferece meios, que o cristão pode usar para fortalecer a sua relação com Deus, tais como, a oração, pôr em prática as obras de misericórdia, ser detentor de uma vida íntegra e, sobretudo, estar sempre vigilante, para que a consciência de que ser batizado, não desapareça. Assim, o Batismo tem de funcionar como uma semente que se não for bem cuidada não germinará ou terá pouca força.

Paulo em Ef. 4, 1-5 quando escreve “um chamamento que recebestes, com toda a humildade e mansidão, com paciência”,¹⁶¹ chama a atenção para a importância do apelo ao Sacramento do Batismo. Esse chamamento tem como fim um só Senhor e um só Batismo. É nesta condição que o homem pode crescer na fé renovada na Vigília Pascal por todos os batizados (CIC 1254). Nesta renovação pascal, o homem crente encontra a força e a alegria para fazer o seu caminho. É um permanente “sair de si” para ir ao encontro do Senhor, porque quem não estiver à alerta arrisca-se a não acreditar em nada e a caminhar no vazio, que se funda num “mal da alma”.¹⁶² Refere Matteo que é esta forma de viver que tem afastado os jovens de ontem e que continua a afastá-los hoje, colocando em causa o caminho de fé. Este “boqueio do futuro” impõe à Igreja e aos cristãos a necessidade de

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decre_19641121_unitatis-redintegratio_po.html.

¹⁶⁰ Ignacio Oñatibia, *Bautismo y Confirmación*. Sapientia Fidei 22 (Madrid: BAC, 2018) 204-205.

¹⁶¹ Para P. Perkins a «A vocação de Deus é criar um povo que se dedique à lei de Deus. Deus trabalha, "para iluminar o coração do homem, para iluminar diante dele todos os caminhos da justiça e da verdade, para estabelecer no seu coração o respeito pelos preceitos de Deus". Esta realidade é importante para o "caminho à Santidade" que tem de estar munido de um conjunto de virtudes que distingam «a comunidade dos "filhos da luz" dos "pecados das trevas". Neste iluminar apresenta-se o batismo como uma semente que se germinar e se for cuidada terá deveras muita força. (Cf. PHEME PERKINS, *Ephesians. Abingdon New Testament Commentaries* (Nashville: Abingdon Press, 1997) 94-96).

¹⁶² Referindo-se à realidade dos jovens da atualidade, diz que a “um observador distraído, a afirmação de que hoje os jovens estão mal poderia parecer pouco realista e sem consistência. Com efeito, nunca como nos nossos dias – sobretudo no Ocidente europeu – lhes foi permitida uma qualidade de vida tão elevada, enriquecida por mil oportunidades sociais, culturais, relacionais, por uma emancipação de pensamento e, em parte, de opções de vida verdadeiramente notáveis” (Cf. Armando Matteo, *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé* (Prior Velho: Paulinas, 2013) 80-81).

repensar a questão educativa resultante de “um amadurecimento falhado”. Para os jovens e adultos da pósmodernidade, Matteo relembra um pensamento de Livi Bacci, que refere que “deveria ser restituído aos jovens as prerrogativas que lhes foram subtraídas: a começar pela possibilidade de um itinerário de formação completo”. O que está em causa é a conversão do coração e a tomada de consciência das comunidades crentes, sendo urgente fazer um esforço para melhorar “as difíceis relações dos jovens com a Igreja”.¹⁶³

É nesta relação aberta, livre e fortalecida pela fé que o ser humano se transforma à imagem de Cristo. Ao tornar-se cristão, deixa de pertencer ao mundo das aparências e passa a participar no projeto de Deus, como nos canta o salmista acerca das coisas que o Senhor fez pelo homem “Aqueles que semeiam com lágrimas, vão recolhendo com alegria. À ida vão a chorar, carregando e lançando as sementes; no regresso cantam de alegria, transportando os feixes de espigas” (Sl. 126, 5-6). Desse modo, viver o Sacramento do Batismo, implica uma abertura de coração. Esta realidade é como que um impulso que ajuda o homem a participar na Igreja de Cristo, como refere Paulo “pois, nós somos cooperadores de Deus, e vós sois o seu terreno de cultivo, o edifício de Deus” (1 Cor 2,9). Como podemos ler na carta de Pedro, são como crianças recém-nascidas que pedem que os ajudem a caminhar para a salvação, mesmo que rejeitadas pelos homens, são pedras vivas acolhidas por Deus (Cf. 1 Pe. 2,2-4).¹⁶⁴

Depois do Batismo, o Homem pode fazer a experiência de ser “filho do Filho”, o que nos remete para a questão da identidade e do sentido da casa comum que é a Igreja de Cristo. Pelo batismo há uma “confiança existente e à sua reconfiguração na *fé-que-nos* salva em Jesus Cristo a partir da suposição imaginada de uma fisionomia negativa do humano e do sentido que, a partir daí se poderia entrever”.¹⁶⁵ Esta fisionomia negativa remete para a questão da ética e da moral e para uma vida levada na retidão e na satisfação

¹⁶³ Armando Matteo, *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé* (Prior Velho: Paulinas, 2013) 85-87.

¹⁶⁴ Para Eugene Boring em 1 Pedro está refletido a tradição cristã primitiva interligada com a judaica da palestina. Esta referência visa alertar para os comportamentos que destroem as comunidades, tais como a malícia, o engano, a falsidade, a inveja e a calúnia. Estes alertas têm como alvo especificamente a “vida interna da igreja”, bem como todos aqueles que foram batizados e cuja atitude ético-moral nem sempre ajuda a caminhar rumo à salvação. Aqui podemos encontrar uma reflexão do que é “ser cristão” porque, o batismo não pode ser entendido como um acontecimento passageiro, mas sim, algo que vai atuando no coração de cada um, como que de uma “criança recém-nascida” que reage ao mundo. É como que “ao tirar a roupa velha para entrar nu no batistério e emergir para depois, do outro lado vestir roupa nova” (Cf. M. Eugene Boring, *1 Peter. Abingdon New Testament Commentaries* (Nashville: Abingdon Press, 1999) 90-92).

¹⁶⁵ José Frazão Correia, «*A Experiência da fé como reconfiguração da confiança existencial*» em *Não tenhais medo. A confiança, um estilo cristão de habitar o mundo*. Coord. Isabel Varanda e Alfredo Teixeira (Fátima: Santuário de Fátima, 2014) 113.

dos afetos e desejos vividos na sinceridade, quer para com o próximo, quer para com Cristo, que se faz presente para condução do homem pelos bons caminhos da vida.¹⁶⁶

Após o Batismo, a grande tarefa é deixar-se encontrar por Cristo. Não é tarefa do momento, mas para uma parte da vida, senão para toda a vida terrena. Esta é uma sabedoria que nos chega de “alto”, porque “aqueles que se conduzem segundo as leis santas serão reconhecidos como santos, e os que se deixam instruir por elas, nelas encontrarão a sua defesa. Ansiai, pois, pelas minhas palavras, desejai-as ardentemente e sereis instruídos” (Sb. 6,10-11). novo”. Luís Rocha refere-se a este cristão como “homem Espiritual”:

“O homem espiritual é pessoa em estado permanente de mudança provocada pelo dinamismo do espírito [...] Podemos dizer o mesmo do homem ou da mulher (adultos), segundo a natureza, que não são a criança de outrora ampliada; são a criança transfigurada pelo dinamismo interno da própria vida; a nível biológico, psicológico, cultural, espiritual, há elementos radicalmente novos resultantes da transfiguração dos antigos”.¹⁶⁷

Este é um dom que o homem recebe, porque com a ajuda do Espírito, o homem crente faz caminho, deixando-se transformar numa nova criatura e, deste modo, contribui para gerar uma “nova humanidade” apoiada na Páscoa de Jesus. Esta realidade só é possível quando o homem em liberdade aceita e compreende esse despertar interior, que muitas vezes é de difícil compreensão. Ao iniciar esse projeto encontra dificuldades e obstáculos, mas, sobretudo, a alegria do encontro. É aceitar o apelo do Apóstolo Paulo, quando escreve aos Coríntios “Sede meus imitadores, como eu sou de Cristo” (1 Cor. 11,1). Será uma vida fecundada pelo amor, que abre o coração ao desejo de viver a fé, através do bem, da gratidão, da bondade. É um “sim” de coração sincero ao qual “Deus tem sede de que nós tenhamos sede d’Ele” (CIC 2560).

¹⁶⁶ Frazão Correia apresenta o exemplo da serpente do livro do Genesis, que pela sua astúcia e imaginação deixa uma herança, à qual o homem tem dificuldade de lutar contra a possibilidade de cair em tentação. Refere ainda que “associado a este caráter misterioso da experiência do limite e do sofrimento”, surge a interrogação acerca da capacidade de decidir na liberdade e o não cumprimento do tudo ou nada. Podemos assistir a duas realidades diferentes no livro dos Génesis. Por um lado, a serpente com um comportamento libertino que conduz ao mal. Por outro, Abraão, que em liberdade, decide pelo bem e aceita o desejo de Deus de o enviar para terras desconhecidas (Cf. José Frazão Correia, «A Experiência da fé como reconfiguração da confiança existencial», em *Não tenhais medo. A confiança, um estilo cristão de habitar o mundo*. Coord. Isabel Varanda e Alfredo Teixeira (Fátima: Santuário de Fátima, 2014) 122.)

¹⁶⁷ Luís Rocha Melo, *O vento sopra onde quer. Notas de Espiritualidade* (Braga: Editorial A. O., 2001) 70.

PARTE III

CONSEQUÊNCIAS QUE DECORREM DO BATISMO: MISSÃO, TESTEMUNHO E COMPROMISSO

Aproximadamente cinquenta anos passaram e muitas reflexões foram feitas acerca das conclusões dos documentos conciliares. Após um período de euforia com ímpetos reformistas vivemos um período no qual se percebeu que a herança¹⁶⁸ recebida é a de uma Igreja em crise. Na opinião de Andrea Riccardi, “hoje a crise vem sobretudo do decréscimo dos indicadores da vitalidade católica. Portanto do interior e não tanto do exterior”.¹⁶⁹ Parece existir uma incompreensão generalizada do “ser cristão”, provavelmente, resultante da crise de identidade que atinge todos os continentes e com especial incidência na Europa. Será Deus importante para a vida do cidadão comum? Ser batizado terá alguma implicação na vida das pessoas? E o projeto de Deus será de facto importante para quem diz professar a fé cristã? Para refletir acerca destas ideias, primeiro que tudo, há que questionar sobre o sentido de pertença e acerca dos valores cristãos fundamentais para a vida do Homem crente.

Hoje, vive-se uma realidade multicultural, em que muitos elementos se misturaram, gerando relações sociais tensas, desconfianças e que tem contribuído para “gerar muros”, que impedem, de uma forma geral, que os cristãos façam uma “experiência autêntica” de fé. Os escândalos recentes têm abalado não só a credibilidade, como dão um mau testemunho, nomeadamente, para a geração jovem, que defende a ideia de religião do “crer sem participar”. Por outro lado, “formar” parece ser a palavra muito usada dentro

¹⁶⁸ Para Pesch “o direito israelita de posse e de herança partia do fato de que toda a terra era propriedade de Javé [...] Herança é um dom que provém de Deus, que foi concedido a Israel como porção sorteada e que lhe pertence seguramente e para sempre” [...] “como se vê, o conceito de «herança», quando aplicado à terra de Canaã, é uma prova da materialidade da expectativa salvífica do Antigo testamento, da fidelidade de Deus para com suas promessas, da esperança no seu cumprimento e das obrigações de Israel para com o proprietário da terra, Javé”. (W. Pesch, «Herança», em Dicionário de Teologia Bíblica. Trad. Helmuth Alfredo Simon. 2ª ed. (São Paulo: Edições Loyola, 1979) 457-458).

¹⁶⁹ Andrea Riccardi, *La Chiesa Brucia. Crisi e futuro del cristianesimo* (Bari-Roma: Guius Laterza & Figli, 2021) 10.

da Igreja. Formar como e para quê? Certamente para que o homem faça um processo de conversão, de consciencialização da sua realidade cristã. Num tempo que o “digital” comanda as nossas vidas, torna-se relevante abandonar-se o mundanismo crescente na sociedade e colocar as novas tecnologias ao serviço da “nova evangelização”, desejando que a “palavra de Deus” volte a estar no centro do projeto evangelizador.

1. TRANSFORMAÇÕES QUE RECLAMAM COMPROMISSO

O mundo vive em constante transformação. Aqui cada povo ou região vive segundo os padrões que lhe são próprias. A forma de servir a Igreja também é influenciada pela cultura e esta influenciará a forma de se transmitir a fé. Há distância de dois mil anos, será possível conseguir apresentar um “Jesus vivo”? Aqui sobressai outra realidade, a da fidelidade.¹⁷⁰ Para Josemaria Escrivá, quando se olha para o projeto cristão e, muito especialmente, para a vida da Igreja, esta “obedece, não a um precário projeto do homem, mas a um desígnio de Deus”. Todo o projeto cristão assenta na “obra da fidelidade amorosa e filial de Jesus Cristo”. Enquanto cristãos, falar de fidelidade é falar da relação que o cristão tem para com Jesus Cristo, o enviado do Pai e que se traduz na “reafirmação gozosa da fidelidade do povo de Deus à missão recebida, ao Evangelho”.¹⁷¹

A família¹⁷² como primeiro centro de iniciação cristã tende a desaparecer num tempo em que a maior parte das pessoas nasce cristão, mas nem todos vivem como cristãos. Este é o resultado de um caminho traçado a partir do final do século XVIII e que as transformações sociais, ocorridas no final do século XX, levaram ao afastamento de muitos crentes. Parece que “a fé cristã sofre, nos nossos dias, um processo de ocultação da

¹⁷⁰ “A fidelidade dos batizados é condição primordial para o anúncio do Evangelho e para a missão da Igreja no mundo. Para manifestar diante dos homens a sua força de verdade e irradiação, a mensagem de salvação deve ser autenticada pelo testemunho de vida dos cristãos. «O testemunho de vida cristã e as obras realizadas com o espírito sobrenatural são meios poderosos para atrair os homens à fé e a Deus»” (CIC 2044).

¹⁷¹ Josemaria Escrivá, *Temas actuais do Cristianismo* (Lisboa: Editorial Aster, 1967) 17.

¹⁷² “A cristã é uma comunhão de pessoas, vestígios e imagem da comunhão do Pai e do Filho, no Espírito Santo. A sua atividade procriadora e educativa é o reflexo da obra criadora do Pai. É chamada a partilhar da oração e do sacrifício de Cristo. A oração quotidiana e a leitura da Palavra de Deus fortalecem nela a caridade. A família cristã é evangelizadora e missionária” (CIC 2205).

sua capacidade de humanizar”.¹⁷³ A forma como a sociedade estava organizada, até à década de 50 do século XX, determinava que “a juventude era um breve intervalo, vivido, entre outras coisas, quase como uma estúpida e insignificante doença”.¹⁷⁴ O problema é, sem dúvida, uma questão cultural, resultante das alterações vividas no mundo ocidental e, nomeadamente, na Europa. Aqui, coloca-se a questão do “anúncio Cristão” e como afirma João Duque “abordar o «hoje» do anúncio constitui, possivelmente, a tarefa mais difícil”.¹⁷⁵ Para Matteo, “aquilo que hoje em dia a inteligência teológica mais avisada sabe com maior precisão, acerca do passado, é o conhecimento de que a própria possibilidade da fé pressupõe um autêntico exercício de liberdade”.¹⁷⁶ Olhando para a história, notamos que a Igreja, ao longo dos séculos, soube encontrar novos caminhos e novas linguagens para falar de Jesus Cristo.

1.1. A CONSCIÊNCIA DO SENTIDO DE PERTENÇA

Parece existir uma espécie de muro que não permite a uma parte dos jovens compreenderem o sentido último da fé¹⁷⁷ e, conseqüentemente, qual o sentido do Sacramento do Batismo. Este é um caminho, que há muito se previa, como se percebe nos escritos de alguns autores quando mencionam a revolução cultural iniciada no século XIX. É uma realidade que vai ao encontro da ideia de uma “sociedade secularizada” e para onde o mundo caminha desde esse período. Desde então percebe-se que há um esforço para lutar contra o fundamentalismo protestante, inicialmente e na contemporaneidade, contra outras religiões. Como refere Peter Stillwell a Igreja faz um “esforço de renovação que se empreendia pelo regresso aos fundamentos da fé cristã”.¹⁷⁸ Deste modo,

¹⁷³ Armando Matteo, *A primeira Geração incrédula, a difícil relação entre os jovens e a fé*, Trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas, 2013) 8.

¹⁷⁴ Matteo, *A primeira Geração incrédula, a difícil relação entre os jovens e a fé*. Trad. Maria do Rosário Pernas, 71.

¹⁷⁵ João Manuel Duque, *O Excesso do Dom. Sobre a identidade do cristianismo* (Lisboa: Alcalá, 2004) 185.

¹⁷⁶ Armando Matteo, *A primeira Geração incrédula, a difícil relação entre os jovens e a fé*. Trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas, 2013) 97.

¹⁷⁷ “Com este sentido da fé, que se desperta e sustenta pela ação do Espírito de verdade, o povo de Deus, sob a direção do sagrado Magistério [...] adere indefetivamente à fé, uma vez por todas, confiada aos santos; penetra-a mais profundamente com juízo acertado e aplica-a mais totalmente na vida” (CIC 93).

¹⁷⁸ Peter Stillwell, «Notas para o entendimento de algum extremismo religioso», em *Religião e Violência* (Lisboa: Paulus, 2002) 25-26.

o mundo “manifesta com maior clareza a erosão sistemática das práticas e dos valores religiosos, assim como das atitudes de fé [...] não significa que nas sociedades relativamente seguras não existam restos de religião”.¹⁷⁹

Como vimos anteriormente, com o crescente pluralismo religioso, a Igreja tem de estar consciente que é tempo de retirar os ramos secos e podar as ramagens que ainda poderão frutificar, para que os mais fortes deem mais e melhores frutos. Este é um tempo no qual podemos analisar as inquietações surgidas pelo crescimento dos movimentos seculares - alguns deles fundamentalistas - que leva muitos dos quadrantes da Igreja a exigirem um “regresso às fontes”.¹⁸⁰ Neste processo, torna-se relevante um “testemunho de gratuidade, de solidariedade e de espírito de serviço. Quando se é transparente no coração e sensível na vida, o discípulo de Cristo leva a luz do Senhor aos lugares onde vive e trabalha”.¹⁸¹ Aqui pode-se falar da relação entre Deus e o Homem e o Homem e Deus. Nesta duplicidade de relação tem de existir “encontro entre quem escolhe e quem é escolhido”.¹⁸² Desse modo, cada um pode dar o seu contributo, tendo como base um estilo de vida cristã, apoiado sempre no desejo de serviço na gratuidade e solidariedade. Toda a ação tem de ter na sua base o sentimento de pertença ao projeto de Cristo. No entanto, como refere Paulo, o cristão tem de ter cuidado na forma como testemunha a sua fé, porque “nem tudo é conveniente. «Tudo é permitido», mas nem tudo edifica”¹⁸³ (1 Cor 10, 23).

¹⁷⁹ George Augustin, *Por uma Igreja em saída*. Trad. António Maria da Rocha (Prior Velho: Paulinas, 2015) 40.

¹⁸⁰ Para Arnaldo Pinho, perante movimentos que tendem a dominar a mentalidade religiosa e, referindo-se a uma nota de Gonzalez Cardedal, escreve que “face a esta mentalidade cultural dominante, muitos católicos foram perdendo a confiança na igreja, ou, porque esta não soube adaptar-se aos tempos, ou, porque se adaptou demasiado aos tempos. Em qualquer dos casos, com oscilações e problemas para a questão da identidade cristã” (Cf. Arnaldo Pinho, *Cultura da modernidade e evangelização* (Leça da Palmeira: Letras e Coisas, 2016) 81).

¹⁸¹ Francisco, «Discurso aos membros do movimento de trabalhadores cristãos em 16 de Janeiro de 2016», acedido a 30 de agosto 2021,

https://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2016/january/documents/papa-francesco_20160116_movimento-cristiano-lavoratori.html.

¹⁸² Hans Urs von Balthasar e Luigi Giussani, *O compromisso do Cristão no mundo* (Prior velho: Paulinas, 2019) 51.

¹⁸³ Paulo, quando afirma “Πάντα ἔξεστιν, ἀλλ’ οὐ πάντα συμφέρει. πάντα ἔξεστιν, ἀλλ’ οὐ πάντα οἰκοδομεῖ.” (v. 23), tem o intuito de alertar os Coríntios para a questão do princípio do bem comum, ao qual está implícita a ideia de testemunho. Há uma preocupação pelas atitudes dos cristãos no respeito a si mesmos (1 cor. 6, 12) e para com os outros (1 cor. 10, 23). Horsley defende que em Paulo “A sua exigência em 10:24 de “não procurar a sua própria vantagem, mas a do outro” é mais que uma qualificação do seu princípio. Paulo não é nenhum campeão da liberdade de consciência. Ele insiste que procedam com base no princípio do bem comum e da edificação da comunidade, em vez do princípio da liberdade absoluta gerada pela sua gnose” (Cf. Richard A. Horsley, *1 Corinthians. Abingdon New Testament Commentaries* (Nashville: Abingdon Press, 1998) 142).

Se o testemunho cristão¹⁸⁴ torna-se relevante para a missão da Igreja, ainda mais importante é a autenticidade do testemunho que passa pela forma como a pessoa vive a sua fé. Pelo testemunho nasce a relação que se transforma num instrumento para combater a indiferença. Esta é uma realidade que diz muito do “ser cristão”:

“Na medida em que o futuro da Igreja depende de nós, o decisivo será a resposta à pergunta de como nós próprios, como cristãos crentes, vivemos o Evangelho de Jesus Cristo e, conseqüentemente, nos tornamos modelos e mestres da fé. Esta função de modelos é pedida sobretudo aos ativamente comprometidos na pastoral. Porque só o Evangelho vivido pode comover verdadeiramente o coração das pessoas [...] Tudo o que dizemos da Igreja e lhe exigimos, não devemos formular na terceira pessoa, mas, na primeira pessoa do singular: eu! ”.¹⁸⁵

A fé cristã conseguirá voltar a ter importância para a maioria dos cristãos, quando voltar a despertar e a encontrar o sentido e beleza do “ser batizado”, porque não haverá maior dignidade para o crente do que “ser batizado”. Esta é uma forma e modo de vida cristão, é o primeiro passo para um bom testemunho e isso, só é possível, se existir uma boa relação com Deus.

Parece relevante recordar o testemunho dos Evangelistas, no que se refere ao convite¹⁸⁶ de Jesus aos primeiros discípulos. Deste modo, podemos considerar que o

¹⁸⁴ Para Balthasar o testemunho é comparável a “um grão de trigo”, porque ao cair na “terra negra do mundo, se se decompõe e se une estreitamente a ela, não sentirá então toda a incerteza do destino humano, como a experimentam os irmãos não cristãos, talvez grato por uma experiência semelhante em que se estabelece uma verdadeira comunhão, e talvez deixando para trás, de boa vontade, a consciência dogmática derivada da doutrina cristã para experimentar assim um último muro divisório” (Cf. Hans Urs von Balthasar e Luigi Giussani, *O compromisso do Cristão no mundo* (Prior Velho: Paulinas, 2019) 102).

¹⁸⁵ George Augustin, *Por uma Igreja em saída*. Trad. António Maria da Rocha (Prior Velho: Paulinas, 2015) 151.

¹⁸⁶ O convite e aceitação dos primeiros discípulos são narrados pelos quatro evangelistas de forma diferente, apesar de as narrações de Mateus e Marcos estarem muito próximas, acontecendo o mesmo a Lucas e João. Para Donald Senior, Mateus “ênfatiza a autoridade de Jesus”, que imediatamente “εὐθέως” (v.20) seguiram Jesus. Mateus parece querer apresentar com esta imagem a ideia do seguimento, da obediência dos discípulos, logo um forte testemunho (Cf. Donald Senior, *Matthew. Abingdon New Testament Commentaries* (Nashville: Abingdon Press, 1998) 63-64). Por outro lado, C. Black defende que “Jesus aqui e ali, ao longo deste Evangelho, assume uma iniciativa completa na convocação dos seus discípulos. Anúncios instantâneos à medida que a convocação é feita, assim também é aceite”, mas que não terão tarefa facilitada e transmite ao leitor a ideia de que o “arrepentimento envolve a expulsão das responsabilidades convencionais, que a confiança no evangelho implica insegurança mundana, que o discipulado de Jesus tem um preço”. (Cf. C. Clifton Black, *Mark. Abingdon New Testament Commentaries* (Nashville: Abingdon Press, 2011) 70-71). Já R. Tannehill torna relevante a ideia da captura do peixe como sinónimo de missão. Pedro surge nesta metáfora da pescaria como o precursor da atividade missionária. Pedro simboliza a “boa pescaria” de Jesus e será a grande testemunha do início da Igreja cristã. (Cf. Robert C. Tannehill, *Luke. Abingdon New Testament Commentaries* (Nashville Abingdon Press, 1996). Por fim, D. Smith analisa o evangelho de João, tendo por base a ideia de “precedência” apresentada por Bultmann, isto é, na qual “Jesus também pode ter sido em tempos um seguidor do Baptista. Se assim fosse, haveria ainda mais razões para o evangelista explicar e insistir na verdadeira ordem teológica de precedência”. De qualquer modo, Pedro é apresentado por João como uma figura central que tem um papel relevante no início da missão da

grande lago da Galileia foi o local escolhido por Jesus para iniciar o projeto de conversão, após ter sido batizado por João Batista. Dos Evangelhos sinópticos Lucas apresenta uma narração mais pormenorizada, segundo o Papa Bento XVI:

«Ele mostra o caminho de fé dos primeiros discípulos, esclarecendo que o convite para o seguimento chega-lhes depois de terem ouvido a primeira pregação de Jesus e experimentam os primeiros sinais prodigiosos por ele realizados. Em particular, a pesca milagrosa constitui o contexto imediato e oferece o símbolo da missão de pescadores de homens, que lhes foi confiada. O destino destes “chamados”, de agora para o futuro, estará intimamente ligado ao de Jesus».¹⁸⁷

A narração do Evangelista João vai numa linha diferente. Há um diálogo com os homens, que serão os primeiros a receber o convite. Jesus responde “vinde e vereis” e com esse convite temos as primeiras testemunhas do projeto de Jesus que ajudarão na “fundação” da jovem Igreja cristã. Com a partida dos primeiros discípulos para anunciar o Reino de Deus, os doze são enviados “a todo o mundo” e por “todas as nações” para que dessa forma possam chegar “até aos extremos confins da terra”.

1.2. UM TESTEMUNHO APOIADO NUMA EXPERIÊNCIA AUTÊNTICA

O movimento cristão, surgido no primeiro século, hoje pede-nos para reformular os discursos e a forma de se estar em Igreja, porque a “experiência cristã é uma experiência jovem”.¹⁸⁸ Esta é uma tentativa de conseguir acompanhar o ritmo da vida cristã, conseguir superar os muros e as heresias, mantendo sempre viva a luz de Cristo.

“A religião cristã, portanto, é uma religião jovem porque não teme o tempo; pelo contrário, com o tempo soube conquistar acessos contínuos e cada vez mais consistentes à profundidade do Evangelho [...] Pode-se até dizer que a mudança das épocas, cuja pressão, e por vezes

Igreja primitiva cristã. (Cf. D. Moody Smith, *John. Abingdon New Testament Commentaries* (Nashville: Abingdon Press, 1999) 71-72).

¹⁸⁷ Bento XVI, «Audiência Geral de 22 março de 2006», acedido a 30 de agosto 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/it/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20060322.html.

¹⁸⁸ Armando Matteo, *A primeira Geração incrédula, a difícil relação entre os jovens e a fé*. Trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas, 2013) 91.

violência, a Igreja tem sofrido, serviu para torna-la mais sensível, mais sintônica, com a irradiação de fundo da palavra de Jesus. Não sem dificuldades. Não sem resistências. E isso serviu [...] e pode continuar a servir [...] rejuvenescer a sua presença”.¹⁸⁹

A experiência passa pela escuta, pelo convite, do mesmo modo que Jesus fez com os discípulos, em que lhes diz: “Vinde e vereis” (Jo. 1, 39). Este é o primeiro passo para conhecer Jesus, depois pode testemunhar, porque já o conheceu, já entrou no seu mistério e isso é condição primária para evangelizar, para estar em missão cristã. O testemunho¹⁹⁰ é uma herança cristã, é um “símbolo que a Igreja de Roma conserva” como refere Rino Fisichella¹⁹¹ e dá continuidade a outros testemunhos da Sagrada Escritura, nomeadamente narrados nos Atos dos Apóstolos. Os Apóstolos decidiram de livre vontade, porque “Deus, em Jesus Cristo, veio ao nosso encontro, envolveu-nos no mistério da sua Igreja, ou seja, da sua Presença e do seu Poder na atualidade dos nossos dias”.¹⁹² Este encontro acontece no Batismo, no qual uma nova porta se abre. A partir deste momento, cada um dos batizados, no momento ou posteriormente, pode fazer a sua profissão de fé e, assim, é Jesus que se abre ao mundo a dizer para “que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo. 10, 10).

Cada um sentirá a necessidade de pela ação de Espírito e da Graça de Deus professar a sua fé como fortalecimento do Batismo que recebeu. Esta vida resulta da conversão de coração que faz do convertido um elemento da comunidade cristã. No entanto, Vicente Vide relembra-nos uma máxima de Ernest Gellner “a secularização trouxe um desencanto de desencanto”.¹⁹³ Há uma autoconsciência de que, para “terem direito à árvore da vida”, tem que se abrir ao modo de vida de Jesus, isto é, aceitar-se como filho do Filho e, dessa forma, abraçar a linguagem da Cruz. E como refere Díaz Salazar:

“Não estamos no Ocidente numa sociedade irreligiosa, mas sim num longo e complexo processo de transmissão religiosa, que poderíamos descrever como a transição para um tipo de sociedade O teste de interesses principalmente intramundanos. A religião é valorizada, mas

¹⁸⁹ Matteo, *A primeira Geração incrédula, a difícil relação entre os jovens e a fé*, 93.

¹⁹⁰ O testemunho como herança encaminha todos os batizados para a ideia de “O dever dos cristãos, de tomar parte na vida da Igreja, leva-os a agir como testemunhas do Evangelho e das obrigações que dele dimanam. Este testemunho é transmissão da fé por palavras e obras. O testemunho é um ato de justiça que estabelece ou que dá a conhecer a verdade” (CIC 2472).

¹⁹¹ Rino Fisichella, *A fé como resposta de Sentido, abandonar-se ao mistério*. Trad. António Maia da Rocha (Prior Velho: Paulinas, 2006) 136.

¹⁹² Hans Urs von Balthasar e Luigi Giussani, *O compromisso do Cristão no mundo* (Prior velho: Paulinas. 2019) 143.

¹⁹³ Vicente Vide, *Comunicar la fe en la ciudad secular* (Santander: Sal Terrae, 2013) 23.

não se torna o centro da vida pessoal e social, mas limita-se sobretudo ao domínio do cognitivo-último (crenças teístas) e do ritual-celebrativo (grandes marcos da vida)".¹⁹⁴

Ser apóstolo é aceitar o convite de Jesus e, assim, iniciar a maior aventura daqueles que partem à descoberta da pessoa de Jesus Cristo. Esta é a maior manifestação do filho de Deus quando diz: “Eu sou o descendente e a estirpe de David, Eu sou a brilhante estrela da manhã” (Ap. 22, 16). É um convite que passa também pelo anúncio do Evangelho e que “entregue à Igreja e por ela assimilado, precisa de ser diariamente anunciado e testemunhado.

O testemunho é a “vocação própria da Igreja em todos os tempos e lugares” (EE 45). Neste tempo em que o número de batizados diminui e a tradição cristã na Europa tende a sofrer com o crescente aumento de outras confissões religiosas, “em várias partes da Europa, *há necessidade do primeiro anúncio do Evangelho*. [...] Com efeito, a Europa faz parte já daqueles espaços tradicionalmente cristãos, onde, para além de uma nova evangelização, se requer em determinados casos a primeira evangelização” (EE 46). Por todos os cantos da Europa, encontramos com frequência, batizados que “vivem como se Cristo não existisse”. Na experiência diária, a fé tende a abraçar práticas de tendência ateuista ou abandona-a por completo e “assiste-se a uma espécie de interpretação secularista da fé cristã, que a corrói, suscitando uma profunda crise da consciência e da prática moral cristã” (EE 47). Esta realidade evidencia a grande necessidade de repensar a pastoral e a metodologia da evangelização. Para Andrea Riccardi, esta crise resulta de modelos pastorais ultrapassados.¹⁹⁵

Hoje, assistimos a uma Igreja europeia que apresenta sinais de fraqueza e cansaço. Alguns modelos religiosos apresentam-se assentes em situações de contradições e que, de certo modo, baralham as comunidades.¹⁹⁶ Para Fisichella “vivemos numa situação relativamente nova e, de algum modo, sujeita, nos últimos anos, a diversas análises nem sempre coerentes”.¹⁹⁷ Apesar de confuso, tal como cada cristão individualmente, também

¹⁹⁴ Vicente Vide, *Comunicar la fe en la ciudad secular* (Santander: Sal Terrae, 2013) 23 (Cf. R. Díaz Salazar, S. Giner e F. Velasco (eds.), *Formas modernas de religión* (Madrid: Alianza, 1994) 107).

¹⁹⁵ No seu entender, “A crise não é declínio, ou talvez estejam em declínio os modelos do passado. Parece lógico que o passado esteja em declínio: sobretudo porque a crise é uma passagem em direção ao futuro, não só de gerações de conceção do mundo, com a afirmação das dimensões globais”. (Cf. Andrea Riccardi, *La Chiesa Brucia. Crisi e futuro de cristianesimo* (Bari-Roma: Guius Laterza & Figli, 2021) 239).

¹⁹⁶ Como podemos ler no CIC 1253 “O batismo é o sacramento da fé. Mas a fé tem necessidade da comunidade dos crentes. Só na fé da igreja é que cada um dos fiéis pode crer. A fé que se requer para o batismo não é uma fé perfeita e amadurecida, mas um princípio chamado a desenvolver-se. Ao catecúmeno ou ao seu padrinho pergunta-se: «que pedis à Igreja de Deus? E ele responde: «a fé»”.

¹⁹⁷ Rino Fisichella, *A fé como resposta de Sentido, abandonar-se ao mistério*. Trad. António Maia da Rocha (Prior Velho: Paulinas, 2006) 34.

as comunidades cristãs da Europa são chamadas a testemunhar uma nova conversão. Para D. Manuel Clemente, “das famílias às paróquias, dos institutos a todas as formas agregativas da vida cristã, a partilha do Evangelho e da vida é, fonte essencial da missão e da nova evangelização”.¹⁹⁸ Como se percebe o trabalho de base tem que começar prioritariamente pelas comunidades, para que se transformem no autêntico testemunho de fé.

Há dois mil anos a evangelização era direcionada para grupos que constituíam e formavam uma comunidade. Vemos isso nas cartas paulinas, quando se refere à Igreja dizendo: “Pois como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, constituem um só corpo, assim também Cristo” (1 Cor 12,12). Esta dimensão comunitária remete cada cristão para a dimensão de pertença, à qual “num só Espírito, fomos todos batizados para formar um só corpo, judeus e gregos, escravos ou livres, e todos bebemos de um só Espírito. O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos” (1 Cor 12,13-14). E porque as comunidades foram sempre alvo de atenção por parte de Jesus, hoje as comunidades paroquiais, como refere Radcliffe passaram a ser “o sinal mais pequenino da comunidade de toda a Igreja espalhada pelo mundo inteiro”.¹⁹⁹ A comunidade é quem testemunha a chegada de um novo membro da Igreja e esta faz parte de uma grande família, que tem Cristo como cabeça. E como refere Balthasar “neste esforço, o Homem é solidário com os outros homens”.²⁰⁰

1.3. O QUE DEUS ESPERA DO CRISTÃO

Pelo Batismo, o Homem torna-se uma nova pessoa, recebendo uma nova identidade. Desse modo, deixa de controlar a sua própria vida, porque ela passa a ser de Deus. Confiar no Senhor é para o homem uma atitude ousada, que nem sempre é compreendida

¹⁹⁸ Manuel Clemente, *O tempo pede uma Nova Evangelização* (Prior Velho: Paulinas, 2013) 64.

¹⁹⁹ Timothy Radcliffe, *Imersos na vida de Deus, viver o batismo e a confirmação*. Trad. Artur Morão (Prior Velho: Paulinas 2012) 64.

²⁰⁰ Para Balthasar, o Homem deve “dar testemunho desta luz não apenas de forma abstrata, através da profissão de fé, mas concretamente no próprio compromisso de trabalho e de cooperação” (Hans Urs von Balthasar e Luigi Giussani, *O compromisso do Cristão no mundo* (Prior velho: Paulinas, 2019) 95).

por muitos cristãos. Neste sentido, a cada cristão é-lhe atribuído uma missão e como refere Balthasar este “é um sinal dos tempos” e que faz parte do existencial cristão.²⁰¹ Todos os batizados têm uma missão, isto é, atua conforme os preceitos cristãos. Para Paulo de Tarso, “o homem não é justificado pelas obras da lei, mas, unicamente pela fé em Jesus Cristo” (Gl. 2, 16). Ele utiliza diversas expressões para salientar a nova condição do crente e, desse modo, dizer que cada batizado faz parte da vida de Cristo. A expressão ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ (em Cristo Jesus) surge diversas vezes nas suas cartas. Parece que Paulo tem a necessidade de reforçar às comunidades, com quem troca correspondência, de que o ser humano tem dificuldade em conciliar o seu modo de vida cristã. O Papa Francisco relembra que “Há uma só porta para entrar no Reino de Deus. E esta porta é Jesus. Quem tentar entrar por outro caminho é «um ladrão» ou «um salteador» ou ainda é «um arrivista a que pensa só na sua vantagem», na sua glória, e rouba a glória de Deus”. Por outro lado, quando fala sobre “Atitudes que impedem de conhecer Cristo” realça a atitude da rigidez, que impede o crente de se abrir a Cristo. Esta atitude pode ser uma forma de segurança, no entanto, impede uma fidelidade mais autêntica para com Jesus Cristo.²⁰² Esta fidelidade acontece porque somos fiéis ao compromisso batismal, porque “se formos infiéis, Ele permanecerá fiel, pois, não pode negar-se a si mesmo” (2 Tm. 2,13).

Este tempo parece ser “o tempo da Igreja”, em que o cristão revestido de uma nova realidade, é “chamado” à Fé. Esta é uma condição para passar a pertencer ao grupo dos convocados, como refere Paulo “em Cristo Jesus, vós, que outrora estáveis longe, agora, estais perto, pelo sangue de Cristo” (Ef. 2, 13). Há neste espaço de encontro, como refere L. Giussani, uma “convivência cristã explícita” que transforma o homem num “ser para o mundo”:

“Esta grande amizade, na qual é implementada a verdade plantada no mundo pelo ministério da morte e ressurreição do Senhor, estende-se totalmente ao mundo. O destino e a intenção profunda da comunidade cristã é o mundo, «para os homens»: uma dedicação profunda e

²⁰¹ Num tempo em que o facto de vivermos uma religião assenta numa tradição de compromisso, foi perdendo o valor e peso na sociedade. “A tradicionalidade e as teorias conseguem ainda manter desperta uma devoção ou uma admiração, mas dificilmente constituem razão de adesão da pessoa, ou seja, motivo de conversão” (Cf. Hans Urs von Balthasar e Luigi Giussani, *O compromisso do Cristão no mundo* (Prior velho: Paulinas, 2019) 111).

²⁰² Cf. Francisco, «Cristo é a porta do Reino», acedido a 25 de janeiro 2022, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2013/documents/papa-francesco_20130428_meditazioni-4.html;

Cf. Francisco, Atitudes que impedem de conhecer Cristo, acedido a 25 de Janeiro 2022, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2020/documents/papa-francesco-cotidie_20200505_perentrare-nelgregge-dicristo.html.

apaixonada aos homens e ao seu destino, uma tensão a tornar presente nas tramas das relações habituais, em que os homens sofrem, esperam, tentam, negam, aguardam o significado último das coisas, o facto de Jesus Cristo, única salvação dos homens”.²⁰³

Esta transformação pode ser vista em duas dimensões. Por um lado, o amor a Cristo que se manifesta na vida através do Espírito de Deus, para que a “Graça, multiplicando-se na comunidade, faça aumentar a ação de graça, para a glória de Deus” (2 Cor. 4,15). Por outro lado, o amor pelo “outro”, o irmão em comunidade, aquele com quem partilhamos o sentido de ser cristãos.

Este é um tempo de mudança, ao qual a Igreja pede uma reconfiguração para fazer face aos novos desafios. As comunidades cristãs estão, como que num compasso de espera (mas, do tipo kairológico), esperando um sinal para que o mundo acorde e pare com as agressões aos seres humanos e ao planeta. Este é o tempo certo, porque o cristão já percebeu que o Kairos “caminha sobre bicos de pés”²⁰⁴ e caso não se esteja atento, passa despercebido no silêncio da noite. Para A. Matteo “tudo isto interpela uma comunidade dos crentes, que se pretenda mover na direção dos jovens”,²⁰⁵ porque é neles que a Igreja deposita a sua esperança. Deles se espera novos compromissos e contributos para um mundo melhor e que sejam mais solidários e coerentes com o que Deus lhes pede.

Este é um caminho com o qual a Igreja tem de lutar, contra o que o Papa Francisco chama de “pragmatismo cinzento da vida quotidiana da Igreja” (EG 83), resultante de um estilo de vida degenerativa, que leva a uma Igreja estática, que conduz à desilusão e à desesperança. Para G. Satriano “só a fé, o abandono em Deus Criador, pode levar-nos a essa autoestima saudável, livre de todas as formas de discriminação, livres de todo o condicionamento vazio”.²⁰⁶ Este refere ainda que estas palavras devem servir de alerta para o cristão estar atento aos jogos de poder que é demonstrativo de uma “pobreza de fé”. É necessário defender “uma cultura de limites”, porque esta é uma ameaça à atualidade com que a Igreja se depara. É urgente olhar da perspetiva “d’Aquele que nos criou”.

²⁰³ Hans Urs von Balthasar e Luigi Giussani, *O compromisso do Cristão no mundo* (Prior velho: Paulinas, 2019) 157.

²⁰⁴ “Caminha sobre bicos de pés” é uma ideia apresentada por Anselm Grün para falar do cronos e do kairos, duas formas de viver a vida, dois conceitos que transmitem a ideia de “tempo”. Se por um lado, cronos é visto como aquele que “devora os seus filhos”, como é o caso na atualidade, em que a sociedade vive constantemente a cronometrar o seu dia. O *kairos*, pelo contrário, aproxima o homem da fé, de Cristo, “é o tempo em que as pessoas são curadas e atingem o seu verdadeiro ser, preenchidas em Jesus Cristo” (Cf. Anselm Grün, *Ao ritmo do tempo dos monges*. Trad. Ana Varela (Prior Velho: Paulinas, 2006) 11-16).

²⁰⁵ Armando Matteo, *A primeira Geração incrédula, a difícil relação entre os jovens e a fé*. Trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas, 2013) 107.

²⁰⁶ Giuseppe Satriano, «Teologia ed Evangelizzazione, per una Chiesa che torni a essere generativa», *Alpha Omega*, XXII, 3 (2019) 400.

Estamos novamente na questão do Batismo no qual Cristo iniciou o caminho de três anos que o levaria à morte na cruz. A morte é o que de mais certo encontramos na vida, mas sobre esse momento reside alguma ignorância, porque se somos cristãos então morremos para a “vida eterna”. Pode ser o fim do percurso terreno, “até que voltes à terra de onde foste tirados; porque és pó e ao pó voltarás” (Gn. 3,19). Isto significa que este caminho de vida cristã dá a oportunidade de caminharmos para a vida eterna, porque esta “começa, sempre que eu amo, por isso, sou inserido no amor eterno do Pai e do Filho, que é o Espírito Santo”.²⁰⁷

O amor que se recebe e se transforma num dom de Deus deve conseguir dar a sabedoria necessária para se entender que nos faz filhos de Deus. Este amor ilumina-se no rosto de cada um e oferece a alegria que dá Vida. E como refere Pedro “a vós que outrora não éreis um povo, mas sois, agora povo de Deus, vós que não tínheis alcançado misericórdia e agora alcançastes misericórdia” (1 Pe. 2,10). Há nestas palavras a ideia de comunidade e de povo de Deus como podemos ler nas palavras de Cipriano de Cartago:

“Quem rompe a paz e a concórdia de Cristo está contra Cristo [...] Quem não mantém esta unidade não guarda a lei de Deus, não guarda a fé no Pai e no Filho, não guarda a vida e a salvação [...] O Corpo de Cristo e o Sangue do Senhor não podem ser lançados fora, e os crentes não têm nenhuma outra casa além da Igreja. Esta casa, este refúgio da unidade designa-o e revela-o o Espírito Santo nos Salmos, ao dizer: Deus faz habitar numa mesma casa os que têm o mesmo sentir. Na casa de Deus, na Igreja de Cristo vivem os que têm um mesmo sentir, perseveram os que têm um mesmo parecer e os simples”.²⁰⁸

Com estas palavras percebe-se que a tarefa da Igreja é traçar caminhos de autenticidade, que conduz o Homem a fazer opções de vida e de compromisso com o Evangelho. No entanto, devemos estar à alerta, porque há como que uma fadiga, que desgasta e afasta o cristão da Igreja.

²⁰⁷ Timothy Radcliffe, *Imersos na vida de Deus, viver o batismo e a confirmação*. Trad. Artur Morão (Prior Velho: Paulinas, 2012) 194.

²⁰⁸ Cipriano de Cartago, *Sobre a unidade da Igreja Católica*, em *Antologia Litúrgica*, nº 976,978. Org. José de Leão Cordeiro (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2004) 277.

2. A VOCAÇÃO CRISTÃ INICIA NA COMUNIDADE

Um dos grandes desafios da Igreja na atualidade parece ter a ver com a “saúde” das comunidades. Enquanto testemunhas de fé têm de ser o motor para se transformarem em comunidades autênticas e testemunhas de uma “fé celebrada, processada e confessada”. Esta dinâmica deve servir como alimento para as comunidades cristãs, como refere o Papa Francisco em relação aos religiosos, mas que se adequa a qualquer cristão: “sede testemunhas de um modo diferente de fazer, de agir, de viver. É possível viver neste mundo diferentemente”.²⁰⁹ Este alimento é um dom que Cristo deixou como herança e que é como refere Irineu de Lião “como o sopro de vida inspirado na obra modelada, para serem vivificados todos os membros que o recebem”.²¹⁰ Refere ainda que “na Igreja foi depositada também a comunhão com Cristo, isto é, o Espírito Santo, penhor de incorrupção, confirmação da nossa fé e escada para subir a Deus”.

Há um desafiante modo de viver hoje, nomeadamente para os jovens, havendo entre eles e a Igreja uma relação de tensão que os impede de viver uma autêntica experiência de fé. É preciso dar-lhes espaço, para que encontrem a sua Páscoa e que, em liberdade, possam encontrar espaço para a fé. Para Kasper a “Páscoa é a festa da liberdade cristã [...] é uma liberdade libertada”.²¹¹ É uma festa que começa com o Batismo e desenrola-se através de uma tensão escatológica. Este é um programa de vida, ao qual os jovens vão sendo integrados numa caminhada que lhes propõe uma forma diferente de ser cristão. Este ritmo de vida oferece a cada um, uma renovação interior, mas também a possibilidade de renovar a sua identidade cristã.

²⁰⁹ Francisco, *Iluminai o futuro, uma conversa narrada por Antonio Spadaro* (Prior Velho: Paulinas, 2015) 12.

²¹⁰ Irineu de Lião, *Contra as heresias*. Livro III. Em *Antologia Litúrgica*, nº 506. Org. José de Leão Cordeiro (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2004) 170.

²¹¹ Walter Kasper, *O coronavírus como interrupção: demolição e edificação*. In *Demolição e Reconstrução, tempo de crise gravado na nossa memória*. Org. Walter Kasper, George Augustin (Prior Velho: Paulinas, 2020) 24.

2.1. A COMUNIDADE QUE NOS CONVOCA À MISSÃO

“Onde está a Igreja, aí está também o Espírito de Deus, e onde está o Espírito de Deus, aí está a Igreja e toda a sua graça”. Esta forma de estar e trabalhar em Igreja, deve ter presente que os jovens de hoje serão os adultos no futuro próximo. Essa realidade requer uma forma de comunicar e agir diferente, o que implica abandonar os caminhos assentes na vulgaridade. Como refere Armando Matteo a conversão “implica olhar para a frente para alguns problemas da Igreja. Olhando para eles, possivelmente encontraremos pistas para uma transformação da Igreja e dos jovens contemporâneos”.²¹² E como refere Adérito Barbosa:

“É que o mundo moderno é o nosso mundo. Porque é nosso e porque tem muito de bom e o queremos ainda melhor, devemos amá-lo, alegrar-nos com os seus bens e valores, purificá-lo dos seus erros e males. Não basta um conhecimento superficial. É preciso estudá-lo por dentro, aprofundar os seus problemas, descobrir pistas de solução, ganhar forças para as percorrer”.²¹³

Quando se olha para a instituição Igreja, esta só pode ser entendida quando está presente a dimensão missionária. No seu papel missionário encontra primeiro que tudo, o dar testemunho de Deus e do seu projeto salvífico, como nos refere o Papa Paulo VI “Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa, como memorial da sua morte e gloriosa ressurreição” (EN 14).

Participar no projeto de Deus é confirmar a vocação de cada um e, desse modo, a dimensão do “ser cristão”. Porque a dimensão evangelizadora faz parte do caminho de fé, a paróquia²¹⁴ deve ser espaço onde o cristão a exercita. Esta consciência missionária não é de agora, mas faz parte da história da Igreja. A ideia de missão, no tempo em que

²¹² Armando Matteo, *A primeira Geração incrédula, a difícil relação entre os jovens e a fé*, Trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas, 2013) 11.

²¹³ Adérito Gomes Barbosa, *Os jovens portugueses e a nova evangelização*, em *Revista Humanística e Teologia* (Porto: Universidade Católica Portuguesa, 1993) 466.

²¹⁴ Por Paróquia entende-se como “Uma certa comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, cuja cura pastoral, sob autoridade do Bispo diocesano, está confiada ao pároco, como seu pastor próprio (Cân. 515, § 1).

vivemos, parece voltar a ser tema de reflexão. Os tempos são outros e as dificuldades de uma sociedade plural diferem em relação às dificuldades da segunda metade do século XX. Como nos refere o Papa Paulo VI “animados pela esperança, mas, em simultâneo, torturados muitas vezes pelo medo e pela angústia, é sem dúvida alguma, um serviço prestado à comunidade dos cristãos, bem como a toda a humanidade” (EN 1). Na *Evangelii Gaudium* está expresso um convite ao crente, para que este se ponha a caminho, porque a vida cristã é feita de ações, gestos e palavras. É Jesus Cristo que faz de todos os cristãos discípulos missionários,²¹⁵ numa era em que se denota algum desgaste. Podemos perceber essa realidade, quando na “situação global da Igreja, qualquer pessoa pode perceber que as Igrejas jovens crescem, enquanto no continente que durante centenas de anos imprimiu a sua marca no cristianismo, isto é, na Europa, a Igreja está cansada relativamente à fé”.²¹⁶ Os cristãos perante esta realidade são chamados a intermediar um diálogo difícil, resultante de protestos em massa por uma liberdade maior silenciada por uma justiça, que nem sempre escolhe o melhor caminho a percorrer (EG 74).

Julián Carron, em tempo de Coronavírus, refere que há outro inimigo, o medo, porque descobrimos que afinal não dominamos as coisas do mundo e vem ao de cima a impotência no momento da resolução dos seus problemas.²¹⁷ Neste inimigo, que já não é de agora, há algo que une o homem: o chamamento a uma realidade que tem no Espírito de Cristo, uma força que se faz presente e orienta para o mistério de Deus. É tempo para “juntar as pedras”, mas também de estar em estado de alerta, pois os tempos de outrora não são os mesmos do agora. É necessário estar atento aos profetas da modernidade, porque o que fazem é contribuir para a decadência da religião cristã. Podemos cuidar da família, da natureza, lutar contra a violência, mas como escreve Joan Chittister:

“Uma vida espiritual profética não precisa de uma corporação, nem de um *campus*, de grandes edifícios nem de grandes instalações para mudar o mundo. Agora, o apelo é feito a que ressoe uma voz clara e comum que desafie a opressão e a discriminação de qualquer modalidade, que apele à eliminação da injustiça e da invisibilidade de qualquer tipo [...] É dessa

²¹⁵ Este convite surge no momento em que os primeiros discípulos dizem “sim” ao apelo de Jesus, como se pode ver na nota (8) no ponto 3.1, convite esse que se estenderá a toda a humanidade, desde o momento em diz o Senhor, derramarei o meu Espírito sobre toda a criatura” (At. 2, 17).

²¹⁶ George Augustin, *Por uma Igreja em saída*. Trad. António Maria da Rocha (Prior Velho: Paulinas, 2015) 29-30.

²¹⁷ Julián Carrón, *O despertar do humano, reflexões de um tempo vertiginoso* (Lisboa: Paulus, 2020) 28.

nova voz profética que o mundo está à espera. As vozes de Amós e de Oseias, de Isaías e de Miqueias, de Jeremias, Ezequiel – e, agora, a sua - são necessárias para mudar o mundo”.²¹⁸

Este tempo é o da reconstrução de relações para combater o individualismo e a indiferença, que conduz a sociedade para a generalização e banalização das relações familiares, de amizade e comunitárias. É tempo para recuperar o cristianismo autêntico e lutar contra o conformismo. Para Fisichella, “muitos são os modos como a verdade pode ser defendida dos tagarelas e tornada acessível a quem a procura”.²¹⁹ Esta é uma linguagem pouco atrativa para os jovens de hoje, movidos por interesses pessoais e cuja linguagem cristã torna-se pouco apetecível. É um tempo em que procuram o seu espaço no mundo, com as suas escolhas, por isso “os jovens pedem para ser acolhidos e respeitados na sua originalidade”,²²⁰ porque anseiam por uma Igreja renovada que, sem esquecer o passado, os acolhe e, sobretudo, que os escute.

2.2. OS JOVENS COMO PARTE DO PROJETO DE UMA IGREJA QUE EDUCA

O século XXI vive um estilo de sociedade descrito por Bauman, a “sociedade líquida”. Em parte, porque ainda é um fenómeno considerado recente e continua a fazer parte da reflexão atual da Igreja. Esta nova realidade trouxe uma dinâmica social impulsionada por um ritmo de vida, de informação e conhecimento nunca visto. Para os neofitos, este é um mundo sedutor e, que alimentado por uma dinâmica social, se reconfigura em rede e pode transformar-se numa real armadilha para as famílias.²²¹ Hoje, quando

²¹⁸ Joan Chittister, *tempo é agora, um chamamento para uma coragem invulgar*. Trad. Maria do Rosário de Castro Pernas (Prior Velho: Paulinas, 2019) 130.

²¹⁹ Rino Fisichella, *A fé como resposta de Sentido, abandonar-se ao mistério*. Trad. António Maia da Rocha (Prior Velho: Paulinas, 2006) 122.

²²⁰ XV Assembleia geral ordinária, Sínodo dos Bispos, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (Porto: Ed. Salesianas. 2018) 29.

²²¹ Para Alfredo Teixeira e no que respeita à família refere: “não se perca de vista que a geração dos pais que hoje está, ou esteve recentemente, em posição de transmitir a religião aos seus filhos, experimentou uma ampla relativização das dimensões institucionais das igrejas. Essa mesma geração vive uma incerteza profunda quanto ao seu papel educativo, em geral, e quanto ao seu papel na transmissão religiosa, em particular. A reprodução de uma tradição religiosa pelo canal da família parece pois ser contrária ao espírito do tempo” (Cf. Alfredo Teixeira, *Entre a exigência e a ternura, uma antropologia do Habitat Institucional católico* (Prior velho: Paulinas, 2004) 379-380.

olhamos para a história da Igreja, vemos um cristianismo que nem sempre pautou por uma atitude linear, mas que temporalmente soube renovar-se para se transformar numa presença viva na educação da fé. Como educadora, a Igreja sente um forte apelo para se abrir à sociedade e, principalmente, aos jovens, escutando as suas preocupações, porque “a experiência religiosa dos jovens está fortemente influenciada pelo contexto social e cultural em que vivem”.²²² Esta é uma realidade a que não se pode fazer silêncio, porque os seus comportamentos, ações e linguagem tendem a direcionar para o afastamento.

Para A. Matteo “o presente torna-se o tudo e, em simultâneo, o nada, porque, embora disponível para todas as coisas, para qualquer coisa, na verdade, não está disponível praticamente para nada”.²²³ Este refere ainda que muitos dos jovens de hoje vivem como que no “limiar de um presente suspenso”, mas que conseguem absorver o todo de si, bloqueando-lhes, por vezes, a consciência da realidade presente e futura. Esta é a “geração Millennials”²²⁴ ou mais recentemente apelidada de “geração Uber” que configuram o ambiente social, com forte influência nos adolescentes atuais também denominados “geração Z”. Pode-se dizer que com o Batismo, o jovem renasce para a vida e, desse modo, uma nova história está prestes a começar. No entanto, é uma geração que se afasta dos sacramentos, logo a começar pelo Batismo. Radcliffe²²⁵ fala numa história diferente da vida que “é a do amor de Deus pela humanidade, consumada na morte e na ressurreição do seu filho, Jesus”. Timothy refere-se ao Credo que retrata a vida do Pai e do Filho e do Espírito Santo, porque o Batismo acontece por ação da Trindade. Este renascer oferece uma forma de vida diferente, tal como Jesus após o seu batismo no Jordão, também “«a respiração» de Cristo Ressuscitado enche de vida os pulmões da Igreja”.²²⁶

²²² XV Assembleia geral ordinária, Sínodo dos Bispos, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (Porto: Ed. Salesianas, 2018) 31.

²²³ Armando Matteo, *A primeira Geração incrédula, a difícil relação entre os jovens e a fé*. Trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas, 2013) 82.

²²⁴ “Geração Y – Millennials – (1980 / 1996) São nativos digitais, nasceram a saber teclar e comunicam através do texto. São multiculturais, tolerantes, filhos da globalização. Também são conhecidos como Generation Me (Geração Eu), pois são os grandes protagonistas das “selfies”. Preferem os produtos personalizados e os serviços “à medida” – é este o grande desafio atual do mercado. Inicialmente, apelidados de “preguiçosos”, por viverem em casa dos pais até mais tarde (sobretudo o subgrupo “nem-nem”, que nem estuda nem trabalha), revelaram-se bem mais empreendedores do que os seus antecessores. São bastante mais racionais a consumir e corresponsáveis, menos fiéis às marcas, dando sempre preferência à experiência, não à posse.” (Cf. Rita Montez, «Millennials: A geração que vem revolucionar o capitalismo», acessado a 2 de setembro 2021),

<https://visao.sapo.pt/atualidade/sociedade/2016-09-23-millennials-a-geracao-que-vem-revolucionar-o-capitalismo>.

²²⁵ Timothy Radcliffe, *Imersos na vida de Deus, viver o batismo e a confirmação*. Trad. Artur Morão (Prior Velho: Paulinas, 2012) 193ss.

²²⁶ Francisco, *Catequeses sobre a iniciação cristã* (Fátima: Secretariado Nacional de liturgia, 2019) 30.

Os jovens quando tomam consciência da sua realidade cristã, gradualmente, percebem que na Sagrada Escritura encontram o fundamento e chaves de leitura que lhes permite perceber qual o caminho a fazer na Igreja, como Refere A. Cencini:

“Só Ele lhe pode revelar o lugar que deve ocupar na vida, e não pretende descobrir tudo imediatamente, nem espera, revelações expeditas que evitem o trabalho de busca e reduzam o tempo de espera. Necessita de ter com ele um educador «paciente» com a palavra, que tenha aprendido a «sofrer» a palavra, e que não lhe imponha os seus ritmos, mas sim, que consiga acolher dela, cada dia, nem que seja só uma pequena semente, para a fazer florescer no seio da própria vida, ou um fragmento que possa transcrever para si”.²²⁷

É na escuta silenciosa do coração que o jovem aprende a ouvir a voz de Deus, a meditar os seus ensinamentos. Este caminho torna-se relevante para colmatar o vazio de Deus no coração de muitos jovens e adultos, porque a Páscoa de Jesus é a herança deixada pelo Filho de Deus e “é próprio de Deus responsabilizar os homens no seu projeto de salvação”.²²⁸ Ao homem cabe a tarefa de dar continuidade ao anúncio do Reino. Hoje, para um adulto jovem é difícil entender o sentido da expressão “Eu Creio”, pois como refere Fisichella “está tao carregado de significado e de responsabilidade dizer «eu creio», como é comovente e expressivo professar «nós cremos»”.²²⁹ São duas formas que exprimem uma única verdade: a fé. Interiorizar estas expressões é fazer caminho numa “fé participada” e, apesar de a primeira profissão ser recebida pelo compromisso dos pais, padrinhos e Igreja²³⁰ em nome da criança, em adulto a expressão é um ato pessoal de fé cristã.

²²⁷ Amedeo Cencini, *Luz no meu caminho, Palavra de Deus e caminho vocacional* (Prior Velho: Paulinas, 2008) 15-16.

²²⁸ Luís Rocha Melo, *O vento sopra onde quer. Notas de Espiritualidade* (Braga: Editorial A. O., 2001) 274.

²²⁹ Rino Fisichella, *A fé como resposta de Sentido, abandonar-se ao mistério*. Trad. António Maia da Rocha (Prior Velho: Paulinas, 2006) 131.

²³⁰ A “Igreja”, segundo Fisichella, “não é apenas conteúdo da fé, mas também e em primeira instância, sujeito que crê no seu Senhor, e no seguimento fiel da sua palavra põe a essência da sua própria existência” (Cf. Rino Fisichella, *A fé como resposta de Sentido, abandonar-se ao mistério*. Trad. António Maia da Rocha (Prior Velho: Paulinas, 2006) 131).

2.3. PROMOÇÃO DA “CULTURA DO ENCONTRO”

As comunidades paroquiais são como as equipas desportivas cujo objetivo é que todos os elementos trabalhem de forma coordenada para atingirem os seus fins. Num período em que se afirma que há “uma Igreja em crise”, é tempo de repensar a paróquia na totalidade, para que a Igreja se torne um lugar de acolhimento, de aprendizagem e, sobretudo, de encontro. Em “*conversas com Jorge Bergoglio*”,²³¹ pode-se ler que o Papa Francisco defende que o “outro” é sempre alguém que tem algo para nos dar, o que pressupõe estarmos abertos ao diálogo, à escuta, independentemente de quem é. Este parece ser um desafio na atualidade, que permite combater a cultura do preconceito²³². A “cultura do encontro, dá um forte impulso à comunicação para promover o entendimento entre todos e combater a dita “psicologia do pátio” como refere o Papa Francisco que promove o desencontro e a desunião.²³³

A ideia do “próximo” torna-se relevante na atualidade e, nomeadamente, na ideia da “cultura do encontro”.²³⁴ A parábola do bom samaritano vai mais além do próximo, como vizinho ou amigo, porque a mensagem passa por “fazer-se presente a quem precisa de ajuda, independentemente de fazer parte ou não do próprio círculo de pertença” (FT 81). Se adaptarmos as palavras de Jesus “vai e faz tu também o mesmo” (Lc. 10,37), a realidade de hoje, pode ser interpretada como uma chamada à missão de nos fazermos próximos. É dar a mão a quem precisa, é abrir a porta da fé, é acolher na comunidade, é mostrar e anunciar o projeto salvífico de Deus. Esta ação é uma grande missão, porque estar atento, escutar e dar a mão é uma experiência que pode possibilitar o encontro do outro com Deus. Esta é uma virtude, à qual encontramos fundamento na Palavra de Deus. Ao encontro desta ideia, escreve Amedeo Cencini:

²³¹ Francesca Ambrogetti e Sergio Rubin, *Papa Francisco, Conversas com Jorge Bergoglio*. Trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra. 3.^a ed. (Prior Velho: Paulinas, 2013) 113.

²³² Fazendo referência ao diálogo social, o Papa Francisco cita Vinicius de Moraes, salientando que “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida” (FT 215).

²³³ Sobre a realidade atual, o Papa Francisco apresenta um caminho para a cultura atual ao dizer que “na realidade, de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo. Isto implica incluir as periferias” (FT 215).

²³⁴ Nesta cultura do encontro diz o Catecismo “Não podemos estar em união com Deus se não escolhermos livremente amá-lo. Mas não podemos amar a Deus se pecarmos gravemente contra Ele, contra o nosso próximo ou contra nós mesmos: «Quem não ama permanece na morte»” (CIC 1033).

“O homem não só descobre a sua própria vocação, como também descobre a sua fundamental vocação à relação e à relação com a alteridade, ou descobre-se capaz de diálogo e até companheiro do eterno num novo intercâmbio quotidiano, e, precisamente, a partir dele, pode dialogar com o seu semelhante, livre para reconhecer a dignidade do outro, escutá-lo. Mas também dirigir-lhe uma palavra cheia de vida, acolhê-lo na sua alteridade-diversidade e deixar-se provocar, sem homologá-lo absolutamente consigo, crescendo precisamente graças à relação com o outro de si”.²³⁵

Esta é uma revelação que acontece na vida do Homem, porque percebe que o horizonte do seu caminho é muito amplo. Este é um olhar que se abre, resultante de um caminho de maturidade e se constrói de forma mais consistente.

Esta necessidade de construir uma relação resulta do facto descrito por Augustin ao comentar uma ideia de Charles Taylor que defende que atualmente “a fé em Deus não é mais que uma opção, uma possibilidade entre outras”.²³⁶ É nesta abertura da sociedade que os povos cristãos se vão defrontar com outras formas de religiosidade. A não percepção dessa realidade, leva a que não se apercebam de que se vão “ausentando de Deus”. Este é, sem sombra de dúvida, o sinal dos tempos que contribui para o crescer da geração Millennials. A tradição e os costumes cristãos não contam no presente, o que conta é o “Eu” e o compromisso passa por satisfazer as suas necessidades e estas são de consumo material. Para Luigi Giussani estes são os novos sinais, com os quais não é “possível preservar ou difundir a cristandade, a menos que esteja recuperada do cristianismo autêntico; o nosso tempo é um tempo em que não é possível substituir o anúncio por qualquer outra coisa”.²³⁷ Nesta cultura da indiferença religiosa a Igreja tem de ser paciente, pois necessita de formar todos aqueles que se dispõem a participar na missão de evangelizar para que mais eficazmente possam lutar contra a cultura da indiferença religiosa. Este é um equilíbrio necessário e pode acontecer com a aplicação de novas abordagens para se falar de Deus e de Cristo, um diálogo que pode beneficiar a Igreja e o projeto missionário. Através de formas atuais, pode-se levar Deus aos outros, porque “a adesão da fé implica e pressupõe logicamente um Juízo de credibilidade sintético, que nasce no ato de uma intuição global de um facto presente”.²³⁸ Como nos diz Fisichella “a fé é um caminho

²³⁵ Amedeo Cencini, *Luz no meu caminho, Palavra de Deus e caminho vocacional* (Prior Velho: Paulinas, 2008) 21.

²³⁶ George Augustin, *Por uma Igreja em saída*. Trad. António Maria da Rocha (Prior Velho: Paulinas, 2015) 46.

²³⁷ Hans Urs von Balthasar, Luigi Giussani, *O compromisso do Cristão no mundo* (Prior Velho: Paulinas, 2019) 113.

²³⁸ Balthasar, Giussani, *O compromisso do Cristão no mundo*, 112.

pessoal, e Deus descobre-o quando e onde Ele decidiu encontrar-se com cada um de nós”.²³⁹ Esta ideia credibiliza e é como que um encher dos pulmões, de um grito que dá vida, mas também é encontro.

3. O COMPROMISSO CONVOCA PARA A MISSÃO

Todo o Homem tem um pouco de missionário e nas pequenas ações, vai pondo em prática o que Jesus pede aos seus discípulos: que sejam cristãos em missão. Por outro lado, ser cristão é conseguir ultrapassar o limiar da ombreira da porta e, a partir do mundo real, penetrar no mundo transcendental que é uma realidade invisível da verdade de Deus. O redescobrir de Deus acontece na alegria do encontro que é dom e graça. Na *Evangelli Gaudium* podemos ler acerca do prazer espiritual, necessário para encontrar o espaço interior, que seja sinal e dê sentido ao compromisso cristão (EG 262). Podemos reter igualmente a ideia de que este permite fazer uma experiência autêntica e esta acontece “quando vier o paráclito, o espírito da verdade, que precede do Pai e que Eu vos hei de enviar da parte do Pai, Ele dará testemunho a meu favor. E vós, também haveis de dar testemunho, porque estais comigo desde o princípio” (Jo. 15,26-27).

Quando se fala de “compromisso” e de “cristianismo” em contexto europeu, temos de olhar a uma história cristã muito influenciada por questões de identidade cultural. Para João Duque “não se pode falar de uma clara e regida unidade identitária para a Europa, nem na sua história, nem no seu presente”,²⁴⁰ porque a diversidade religiosa tomou parte de todos os continentes. No entanto, na Europa os povos, apesar de terem culturas diferentes, desde sempre se pautaram pelo compromisso de se relacionarem uns com os outros. Desta forma, não se pode olhar o continente europeu pela dimensão da uniformidade, porque “se a Europa possui uma identidade será precisamente, a da não uniformidade, mas imensamente diversificada ou plural”.²⁴¹

²³⁹ Rino Fisichella, *A fé como resposta de Sentido, abandonar-se ao mistério*. Trad. António Maia da Rocha (Prior Velho: Paulinas, 2006) 28-29.

²⁴⁰ João Manuel Duque, *Cultura Contemporânea e cristianismo* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004) 87.

²⁴¹ Duque, *Cultura Contemporânea e cristianismo*, 87.

3.1. SER CRISTÃO É ESTAR AO SERVIÇO DA IGREJA E DE DEUS

A dimensão “serviço”²⁴² é uma experiência, que segundo Spadaro, “aumenta a compreensão do homem e também a capacidade de discernir as emoções que o agitam e o impelem a agir ou também o crente e o não crente que coexistem dentro de cada ser humano”.²⁴³ É uma experiência que incentiva todos a partir na busca de Deus, levando a que cada um encontre o seu caminho na Igreja e no mundo. É a vocação associada ao compromisso com Deus, com a Igreja e a comunidade cristã. É um caminho que tem uma meta que pode ser percorrido em diversas etapas, como refere Paulo na carta aos Colossenses “quando Cristo, a vossa vida, se manifestar, então, também vós manifestareis com Ele em glória” (Cl. 3,3).

Quando se pensa a missão da Igreja, vem à mente o exemplo de São Paulo. Considerado o primeiro dos missionários, foi quem percorreu a Ásia Menor, a Grécia e Península italiana e deixou como herança cristã testemunhos que foram além do mundo judaico. Testemunhos que deram um forte contributo para que a Igreja de Cristo se abrisse ao mundo. Falar de Paulo é falar de Evangelização e esta é uma tarefa para todo o batizado, como afirma o Cardeal Fernando Filoni,²⁴⁴ sendo que a ação de evangelizar significa testemunhar a própria fé a crentes e a não crentes. Paulo, na sua exemplaridade como missionário, escreve aos coríntios para lembrar o projeto de Cristo: “no tempo favorável, ouvi-te e, no dia da salvação, vim em teu auxílio” (2 Cor. 6,2). Com estas palavras Paulo alerta para o facto de o cristão ter de agir em coerência com a fé que professa, “por isso, se alguém está em Cristo é uma nova criação, o que era antigo passou; eis que surgiram coisas novas” (2 Cor. 5,17).²⁴⁵ Hoje, a Igreja necessita deste fervor Paulino, não daquele

²⁴² Se pensarmos na dimensão do serviço como missão, temos que ter presente a ação do Espírito Santos, porque “é Ele que conduz a Igreja pelos caminhos da missão. E esta «continua e prolonga, no decorrer da história, a missão do próprio Cristo, que foi enviado para anunciar a Boa-Nova aos pobres. É, portanto, pelo mesmo caminho seguido por Cristo que, sob o impulso do Espírito Santo, a Igreja deve seguir, ou seja, pelo caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação de si mesma até à morte” (CIC 852).

²⁴³ Antonio Spadaro, *O batismo da Imaginação, a experiência da palavra criativa* (Prior Velho: Paulinas, 2016) 48.

²⁴⁴ Fernando Filoni, «Evangelizzazioni e missionarità». *Alpha Omega*, XXIII, n. 2 (2020) 187-197.

²⁴⁵ Paulo é questionado sobre a integridade do seu ministério e que segundo Roetzel, não é uma questão nova, pois com frequência Paulo confrontava-se com os “rival itinerante missionaries”. Enquanto Paulo apela à reconciliação e retidão, os seus opositores colocam em causa o seu ministério e o seu evangelho (Cf. Calvin J. Roetzel, *2 Corinthians. Abingdon New Testament Commentaries* (Nashville: Abingdon Press, 1998) 77-78). A questão Paulina ressurgue na atualidade ao qual se percebe que vivemos uma época ao, qual a igreja se esvazia entre “disputas internas” e confrontos que em nada ajudam à união, ao anúncio e ao crescimento das comunidades cristãs.

que vai à descoberta de novas terras, mas sim, o que olha ao seu redor. Como nos lembra o Papa Francisco, este é um período de renovação, no qual o compromisso deve passar pelo combate de três grandes males: “uma acentuação do individualismo, uma crise de identidade e um declínio de fervor” (EG 78). Quem abraçar essa nobre tarefa de acompanhar, de pregar, tem de adotar uma atitude de exigência e de coerência, não só para com os outros, mas, sobretudo, para consigo mesmo.

Jesus tomou a vida dos discípulos, associando-as à sua vida e “revelou-lhes o mistério do Reino; deu-lhes parte na sua missão, na sua alegria e nos seus sofrimentos” (CIC 787). É aqui que reside o desejo de todo o batizado e está a chave para todos aqueles que buscam, mas a maioria tem dificuldade em entender esta viagem da vida. Esta é uma realidade que se apresenta como um compromisso do homem, que aceita fazer parte do seu projeto e que se traduz na alegria de servir a Deus. Para A. Cencini:

“A alegria não se procura por si mesma, mas, encontra-se como dom inesperado, como consequência gratuita da obtenção de algo importante para o sujeito (o «tesouro» da sua vida), de um determinado caminho percorrido pela pessoa, de uma tensão vital em vista de um objetivo por ela explicitamente procurado. E que, depois de encontrado, transmite-lhe como dom uma sensação de gáudio interior que ultrapassa, regular e definitivamente, todas as expectativas”.²⁴⁶

A ideia de alegria,²⁴⁷ como parte do caminho do cristão, é algo que o homem de fé aprende à medida que consolida a sua caminhada e compromisso com Cristo. É um estado que revela como anda o seu interior e como vai o seu coração. Esta alegria que cresce no cristão multiplica-se, quer na relação com Deus, quer na relação com os outros. Esta faz parte da formação que o cristão recebe ao longo da vida.

Para Adérito Barbosa “o jovem que está consciente da sua fé procura fazê-lo individualmente à luz do modelo de Jesus Cristo, encontrando dificuldades para se inserir nas estruturas eclesiais”.²⁴⁸ É na escuta da Palavra de Deus que se irá revelar uma abertura

²⁴⁶ Amedeo Cencini, *A alegria, sal da vida cristã*. Trad. António Maia da Rocha (Prior Velho: Paulinas, 2010) 18.

²⁴⁷ A alegria de fazer caminho diário na fé é oferecido pelo Espírito Santo e desse modo, “a vida moral dos cristãos é sustentada pelos recebidos do Espírito Santo”. (CIC 1830). E como refere S. Basílio Magno (CIC 736) “Pela comunhão com Ele, o Espírito Santo torna-nos espirituais, recoloca-nos no paraíso, reconduz-nos ao Reino dos céus e à adoção filial, dá-nos a confiança de chamar Pai a Deus e de participar na graça de Cristo, de ser chamados filhos da luz e de tomar parte na glória eterna (Cf. São Basílio Magno, *Liber de Spiritu Sancto* 15, 36: SC 17bis, 370 (PG 32, 132).

²⁴⁸ Adérito Gomes Barbosa, «Os jovens portugueses e a nova evangelização», em *Revista Humanística e Teologia* (Porto: Universidade Católica Portuguesa, 1993) 281.

à intimidade para com Deus e para com o Seu Filho. Há um caminho pessoal que será percorrido livremente num espaço comunitário, onde a aliança e a fidelidade para com Deus acontece de dois modos: - uma individual e outra com o povo. Por um lado, enquanto grupo compacto, como foi o caso da fuga do Egito. Por outro, surge no meio dos homens um novo eleito em quem Deus confia a concretização do seu projeto, porque “tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito de modo que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna” (Jo. 3,16). Então, Jesus foi enviado à terra para dar continuidade à obra da salvação, que só é possível, se Ele estiver em comunhão com o Pai.²⁴⁹ Com esta vinda “aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem e todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vir sobre as nuvens do céu, com grande poder e gloria. Ele enviará os seus anjos, com uma trombeta altissonante, para reunir os seus eleitos desde os quatro ventos, de um extremo ao outro do céu”²⁵⁰ (Mt. 24,30-31).

Ao povo é-lhes dado nova oportunidade de compromisso com Deus, que será posta em prática através da presença de Cristo. Para Santo Agostinho²⁵¹ “Era preciso anunciar Cristo nos sacramentos antes de Ele vir, e anunciá-LO com outros após ter vindo [...] porque, uma coisa é predizer e outra anunciar. A primeira faz-se a respeito do futuro, e a segunda a respeito do presente” e segundo Balthasar “o que de mais beatificante pode experimentar o homem na sua finitude é o ser reconhecido no seu próprio valor por um «tu» livre e ser por ele livremente aceite”.²⁵² Aqui começa a vocação, a identidade, o futuro na relação com Deus. É no «tu», que se tem a oportunidade de descobrir a beleza da vida, porque nem sempre se tem a noção da sua preciosidade. É na alegria que o Senhor nos promete e nos dá algo de muito diferente, porque se a nossa identidade está «escondida com Cristo em Deus», também o está a nossa alegria”.²⁵³ Andrea Monda relembra a ideia de que a “vida da Igreja deve recuperar e transmitir a todos este «verdadeiro sentido da festa»”. A mesma ideia defendida por Armando Matteo, parece ter sido negligenciada

²⁴⁹ Hans Urs von Balthasar e Luigi Giussani, *O compromisso do Cristão no mundo* (Prior Velho: Paulinas, 2019) 47.

²⁵⁰ Para Senior, Mateus descreve a vinda triunfante do “Filho do Homem”. Nesta sua vinda, Jesus envia os seus anjos como sinal que dará ênfase à parusia. É o grande momento de encontro que vem reforçar a profecia de Daniel “Contemplando sempre a visão noturna, vi aproximar-se sobre as nuvens do céu, um ser semelhante a um filho de homem” (7,13). Assim, “Talvez a compreensão de que o Filho do Homem está prestes a vir choca o medo nos corações humanos face ao inevitável julgamento” (Cf. Donald Senior, *Matthew. Abingdon New Testament Commentaries* (Nashville: Abingdon Press, 1998) 270-271).

²⁵¹ Agostinho de Hipona, *A carta 138, escrita a Marcelino*, em *Antologia Litúrgica*, nº 3480, Org. José de Leão Cordeiro (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2004) 837.

²⁵² Hans Urs von Balthasar e Luigi Giussani, *O compromisso do Cristão no mundo* (Prior Velho: Paulinas, 2019) 76.

²⁵³ Amedeo Cencini, *A alegria, sal da vida cristã* (Prior Velho: Paulinas, 2010) 34.

pela Igreja nos últimos tempos. O estar ao serviço deve ter presente esta ideia festiva, porque a festa significa a plenitude da vida.²⁵⁴

3.2. TEMPO PARA “COMEÇAR UMA DIETA”

A vida de cada Homem surge ligado à visão da beleza que reflete o que é a criação de Deus. Há aqui uma sensibilidade, à qual Paulo não é alheio quando escreve “Quando Cristo, a vossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com Ele em glória” (Cl. 3,4). Importa perceber que uma vida cheia de alegria é porta aberta para entender o sentido de ser cristão e como canta o salmista “mas alegrem-se e exultem em ti todos os que te procuram” (Sl. 40,17). É nesta alegria, que o homem cresce na fé e faz caminho de conversão, como nos fala A. Matteo:

“Porque a fé é a conversão ao mandamento do amor, proposto por Jesus. Ter fé significa, com efeito, viver a própria liberdade sob a insígnia do primado do amor de Deus e do amor ao próximo. É esse amor que permite à liberdade aceder ao seu feliz destino. Com efeito, a lei do amor é a novidade cristã: ninguém é forçado a perguntar a outro homem ou mulher quais as razões da sua amabilidade. A prioridade do amor a Deus, literalmente recomendada pelas palavras de Jesus, é imperativo do reconhecimento do amor de Deus [...] Cada um pode amar-se a si próprio, porquanto é amado por Deus. Cada um pode ser amigo de si mesmo, porque Deus é seu amigo”.²⁵⁵

É na alegria da vivência da fé, que o cristão coloca em prática a liberdade de amar a Deus. Aqui reside um dos problemas do cristianismo na contemporaneidade: os jovens não são livres na sua atuação, porque vivem um afastamento que os fragiliza na sua liberdade e condiciona as suas ações.²⁵⁶

²⁵⁴ Andrea Monda, *Contar Deus hoje. Como falar de religião aos jovens* (Prior Velho: Paulinas, 2018) 110-111.

²⁵⁵ Armando Matteo, *A primeira Geração incrédula, a difícil relação entre os jovens e a fé*. Trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas, 2013) 97.

²⁵⁶ Quando as ações do Homem vão no sentido contrário do amor de Deus conduzi-lo-á para a indiferença, a ingratidão, o desleixo, a tibieza e a acédia ou preguiça espiritual (CIC 2094).

Para A. Matteo este é “tempo de dieta”.²⁵⁷ Quando se fala em reformas, muitos entram em desespero. No entanto, recriar novos projetos de evangelização pressupõe que se abandone os projetos que não atraem. A aposta deve incidir na Palavra de Deus, apostar em novas ideias e isso “requer uma “racionalização e uma hierarquização dos interesses”. Desse modo, é necessário definir prioridades, pois a Igreja atual não consegue chegar a todos, porque não há “receitas imbatíveis” que resolvam os problemas da evangelização e o crescente afastamento cristão no mundo. Os projetos pastorais têm que trazer uma linguagem diferente e adaptada aos jovens de hoje. Pela mensagem que recebem, têm de sentir que a Igreja e as suas estruturas estão a mudar e que se está perante um novo ciclo de vida.

“É evidente que, como toda a dieta, também esta exigirá uma certa capacidade de renúncia, o abandono de personalismos e de rituais habituais, a disponibilidade para rever o próprio imaginário pastoral sobre a razão de ser de uma comunidade cristã, os índices de incidência do Evangelho na vida, as resistências e as oportunidades que a cultura pós-moderna oferece à formação de uma mentalidade de fé”.²⁵⁸

Se não existir um verdadeiro compromisso, um acreditar autêntico, se ao cristão o desejo for de servir em dois lados simultaneamente, um dos lados será prejudicado. Esta duplicidade de vida conduz a uma porta estreita e, como refere São Mateus, “quão apertado é o caminho que conduz à vida, e como são poucos os que o encontram” (Mt. 7, 14). Henry Nouwen²⁵⁹ compara a vida às batalhas, em que umas vezes se ganha, outras se perde. É uma dinâmica cujo Homem toma consciência das fragilidades humanas, mas também, das suas ambições desmedidas, que, por vezes, o levam ao afastamento de Deus. Como consequência caminha-se para o “esvaziamento de Cristo” e como podemos ler em São Mateus: “quem não tomar a sua cruz para me seguir, não é digno de mim” (Mt. 10, 38). O tomar da cruz tem início com o Batismo e este sacramento da confirmação vem fortalecer esse mesmo compromisso, que simboliza o fortalecer da aliança do cristão com Deus. E, porque “o fim da Lei é Cristo, para a justificação de todo o homem crente” e

²⁵⁷ Armando Matteo, *A primeira Geração incrédula, a difícil relação entre os jovens e a fé*. Trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas, 2013) 101-102.

²⁵⁸ Matteo, *A primeira Geração incrédula, a difícil relação entre os jovens e a fé*. Trad. Maria do Rosário Pernas 104.

²⁵⁹ Henri J. M. Nouwen, *O esvaziamento de Cristo. Movimento descendente e vida espiritual*. 2.^a ed. (Prior Velho: Paulinas, 2012) 22.

como refere Santo Ambrósio, que “a fim de que todos acreditemos n’Ele e a Ele, adoremos com um amor profundo”.²⁶⁰ Assim, possa no rosto de cada um, Deus desenhar o seu nome que está associado a um plano, a uma vocação, como símbolo de pertença de Deus.

Para Joseph Ratzinger a “confirmação não é um acontecimento do momento, é antes o início através do qual a vida amadurece”.²⁶¹ Aqui pode nascer uma motivação evangélica que tem no Espírito Santo a força para um novo impulso missionário. Hoje, a realidade da missionação parece ter mais facilidade nas suas ações na América do Sul e na África do que no ocidente (Europa e América do Norte). No entanto, a Igreja não desmotiva, porque tem presente no seu compromisso que a “primeira motivação para evangelizar, é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-l’O cada vez mais” (EG 264). É através deste sentimento de amor filial, que o crente encontra fundamento para a sua fé. Porque, como refere Radcliffe, “a não ser que o cristianismo traga luz para iluminar estes nossos irmãos e irmãs, a civilização ocidental está em perigo de ruir”.²⁶²

Esta alegria identifica-nos como cristãos e revela-se não só pelo aspeto corporal, mas também por um interior que se reflete no rosto de cada um, simbolizando o encontro com o Cristo ressuscitado. Como escreve o Evangelista Lucas: “haverá mais alegria no Céu por um só pecador, do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão” (Lc. 15, 7). Cencini afirma que “o motivo da alegria de Deus é o homem”, pois esta é uma verdade que encontra justificação na ação de Deus para com a sua criação. Esta é a verdade do amor e da alegria paterna, porque “quem não provoca a alegria de Deus não pode sequer pretender ser ele próprio a alegria”.²⁶³ Deste modo, podemos recordar as palavras de Jesus que nos diz que a felicidade está mais em dar do que em receber (At.20,35).²⁶⁴

²⁶⁰ Ambrósio de Milão, *Comentários aos salmos*, em Antologia Litúrgica, nº 2066. Org. José de Leão Cordeiro (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2004) 543.

²⁶¹ Joseph Ratzinger, *Os sacramentos, sinais de Deus no mundo* (Cascais: Lucerna, 2020) 36.

²⁶² Timothy Radcliffe, *Imersos na vida de Deus, viver o batismo e a confirmação*. Trad. Artur Morão (Prior Velho: Paulinas, 2012) 268.

²⁶³ Amedeo Cencini, *A alegria, sal da vida cristã* (Prior Velho: Paulinas, 2010) 81.

²⁶⁴ Por detrás desta ideia de felicidade está a «“building up” of the Church» como refere Gaventa, porque nessa construção parece estar implícito a ideia de evangelização, que cresce como resultado dos ensinamentos e vontade de Deus. Assim, nesta felicidade, que acontece pela ação de Deus, numa Igreja que permanece fiel ao seu criador. Para Gaventa, Lucas nestas palavras resume o ministério de Paulo “caracterizado por humildade, lágrimas, provações, longos anos de trabalho, e um futuro incerto”. O seu comportamento cristão é acompanhado por uma “linguagem que aponta para longe de si próprio e para o evangelho, para Deus. A linguagem do testemunho, da pregação e do ensino é densa aqui; o que é importante sobre Paulo não é Paulo o ator individual, mas Paulo a testemunha do evangelho de Deus”. É neste dar-se de Paulo que se transforma num importante testemunho cristão que devemos ter como ponto de partida de reflexão acerca da ideia de ministério e “verdadeiro ministro”, sobre os verdadeiros testemunhos que traem

Mas esta é a era do digital, ao qual os sistemas educativos lutam para se adaptarem a uma realidade para a qual, as instituições não estão preparadas.²⁶⁵ Aqui, a Igreja pode ter um papel ativo no acompanhamento e no testemunho, como podemos perceber pelas palavras de Bento XVI:

“O compromisso por um testemunho do Evangelho na era digital exige que todos estejam particularmente atentos aos aspetos desta mensagem que possam desafiar algumas das lógicas típicas da *web*. Antes de tudo, devemos estar cientes que a verdade que procuramos partilhar não extrai o seu valor da sua «popularidade» ou da quantidade de atenção que lhe é dada. Devemos esforçar-nos mais em dá-la conhecer na sua integridade do que em torná-la aceitável, talvez «mitigando-a». Deve tornar-se alimento quotidiano e não atração de um momento. A verdade do Evangelho não é nada que possa ser objeto de consumo ou de fruição superficial, mas dom que requer uma resposta livre. Mesmo se proclamada no espaço virtual da rede, aquela sempre exige ser encarnada no mundo real e dirigida aos rostos concretos dos irmãos e irmãs com quem partilhamos a vida diária”.²⁶⁶

Neste ambiente social que se transformou nas duas últimas décadas, passamos todos a viver em “rede”. São mudanças que conduzem a sociedade para um novo tipo de vida, o que requer da parte da Igreja, um novo olhar e projetos mais arrojados, porque esta é a era do individualismo e da evangelização digital.

em muitas vezes os “huckster” que usam táticas agressivas e que em nada ajudam à conversão do coração. (Cf. Beverly Roberts Gaventa, *The Acts of the Apostles. Abingdon New Testament Commentaries* (Nashville: Abingdon Press, 1999) 289-291).

²⁶⁵ Para Adolfo Álvaro Martín num horizonte a curto prazo, isto é, os anos 20 do século XXI “pode ser abordado com esperança ou como o prenúncio de graves convulsões”. Essa é uma realidade que dependerá da forma como se enfrenta os novos e diferentes desafio que passa pela forma como se acompanha a geração de “Nativos Digitais ou Milenares”. Por outro lado, são transformações que, por vezes, se tornam desconfortáveis, porque acontecem a uma grande velocidade, o que afeta as diferentes instituições, nomeadamente a familiar, com reflexos nos hábitos e costumes nos jovens e que trazem mudanças na organização social. Cf. Adolfo Álvaro Martín, «*Horizontes 2020: ¿esperanza o advertencia?*» Revista de Estudios de Juventud 108. Jóvenes y generación 2020. Madrid. 108 (2015), pp. 16-17, acedido a 3 de setembro 2021, http://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista108_completa_0.pdf.

²⁶⁶ Bento XVI, «Mensagem para o 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital em 5 de Junho de 2011», acedido a 1 de setembro 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day.html.

3.3. UMA “NOVA EVANGELIZAÇÃO” QUE COMEÇA

Ser cristão é uma vocação, mas também doação e humildade, é estar ao serviço. Não basta fazer leituras da realidade cristã, tecendo só elogios ou, pelo contrário, comentários destrutivos. Num olhar à realidade atual pode-se, com alguma facilidade, ver que o resultado de dois mil anos de história pode ser definida, como refere D. Manuel Clemente, como uma sociedade que “está fragilizada nas famílias, incerta na juventude, perplexa na meia-idade e desacompanhada na velhice”.²⁶⁷ Segundo o seu pensamento vive-se em pleno século XXI a quinta Evangelização²⁶⁸ que traz novos desafios em diversas dimensões, que vão além do problema espiritual, como é o caso dos problemas sociais e económicos. São problemas que persistem em manter-se, quer em ambiente urbano, quer em ambiente rural, mas, no que respeita ao mundo urbano, defende Manuel Clemente, que as comunidades cristãs urbanas devem transformar-se em “mosteiros na cidade”, readaptando-se a um ambiente que por si só é difícil, fruto de um tempo de secularização.

Este é o tempo favorável a uma “nova evangelização”.²⁶⁹ Para Andrea Riccardi, a Europa tem de ser capaz de “abraçar com coragem o seu passado e olhar com confiança o seu futuro para viver plenamente e com esperança o seu presente”.²⁷⁰ Sem esquecer a história da Igreja cheia de novidades e palavras de amor e de esperança, temos de olhar para aquilo que une os cristãos: o amor a Cristo. É necessário fazer presente as palavras

²⁶⁷ Manuel Clemente, *O tempo pede uma Nova Evangelização* (Prior Velho: Paulinas, 2013) 23.

²⁶⁸ D. Manuel Clemente divide o período histórico do cristianismo no que refere às ações de evangelização em cinco períodos. A primeira, evangelização a dos mártires, onde se inclui os apóstolos. A segunda evangelização a dos monges missionários (séc. V-XI). A terceira evangelização a era dos mendicantes (séc. XII – XV). A quarta evangelização “foi protagonizada pelos missionários do além”, religiosos e leigos que trouxeram um novo folgo à evangelização (séc. XVI-XX). A quinta evangelização é a do mundo urbano e das “igrejas domésticas”, que no tempo atual têm de se transformar em locais mais acolhedores transformando-se em novos “mosteiros da cidade”. (Cf. Manuel Clemente, *O tempo pede uma Nova Evangelização* (Prior Velho: Paulinas, 2013) 12-25).

²⁶⁹ A ideia da “nova evangelização” vem do início do pontificado do Papa João Paulo II. Na sua deslocação a Cracóvia em Junho de 1979, ele relembra a história de *Nowa Huta*, símbolo da revolta e união do povo perante a proibição de construir uma igreja em 1956. Diante da cruz colocada no local como símbolo dessa revolta, o Santo Padre refere que “da cruz em *Nowa Huta*, começou a nova evangelização: a evangelização do segundo milénio. Esta igreja testemunha-o e confirma-o. Ela nasceu de uma fé consciente e viva e é necessário que continue a servi-la. A evangelização do novo milénio deve referir-se à doutrina do Concílio Vaticano II. Deve ser, como ensina este Concílio, obra comum dos Bispos, dos Sacerdotes, dos religiosos e dos leigos, obra dos pais e dos jovens. A paróquia não é só lugar onde se ensina a catequese, é também ambiente vivo que deve atuá-la”. (Cf. João Paulo II, «Homilia no Santuário da Santa Cruz», acedido a 29 de janeiro 2022),

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790609_polonia-mogila-nowa-huta.html.

²⁷⁰ Andrea Riccardi, *La Chiesa Brucia. Crisi e futuro del cristianesimo* (Bari-Roma: Guis Laterza & Figli, 2021) 216.

de Paulo que nos diz que “pois isso, recomendo-te que reacendas o dom de Deus que se encontra em ti, pela imposição das mãos, pois Deus não nos concedeu um espírito de timidez, mas de fortaleza, de amor e de bom senso” (2 Tm. 1, 6-7). Este é o espírito do “ser cristão”, o de crer em Deus e na sua obra, é o abrir-se na sinceridade de coração, como foi o caso de Lídia que após escutar a Palavra de Deus pregada por Paulo, desejou ser batizada. Para Rino Fisichella, esta abertura de coração assenta na resposta do crente:

“Se, por um lado, o Espírito permite que se aceda à revelação; por outro, o homem deve conhecê-la. Condição essencial para poder exercitar a liberdade pessoal, sobretudo com um gesto que comporta a doação completa da sua vida. É verdade que todos podem conhecer os conteúdos da fé cristã, mas nem por isso são crentes. A experiência profunda de Deus e a iluminação da graça permitem aceder à revelação não só como um conteúdo expresso em linguagem humana, mas precisamente como revelação de Jesus Cristo”.²⁷¹

A fé é isso mesmo, abrir o coração, de forma coerente e sincera. Para aceder à revelação de Deus, primeiro é necessário conhecer a Palavra Sagrada, sobre a qual cada um pode exprimir a Fé de forma livre e verdadeira. Na liberdade podemos perceber o quanto é importante a vida espiritual, porque ajuda à reflexão, ao discernimento, a entender os sinais que Deus nos envia através do Seu Filho e do Espírito. É um caminho interior que abre os horizontes do crente. É um observar, a que Anselmo Grün define como: “olho para dentro, para o espaço da alma, para ali ver a luz interior, para ver Deus em mim”.²⁷² Para Bento XVI, nesta era do digital:

“Existe um estilo cristão de presença também no mundo digital: traduz-se numa forma de comunicação honesta e aberta, responsável e respeitadora do outro. Comunicar o Evangelho através dos novos *midia* significa não só inserir conteúdos declaradamente religiosos nas plataformas dos diversos meios, mas também testemunhar com coerência, no próprio perfil digital e no modo de comunicar, escolhas, preferências, juízos que sejam profundamente coerentes com o Evangelho, mesmo quando não se fala explicitamente dele. Aliás, também no mundo digital, não pode haver anúncio de uma mensagem sem um testemunho coerente por parte de quem anuncia”.²⁷³

²⁷¹ Rino Fisichella, *A fé como resposta de Sentido, abandonar-se ao mistério*. Trad. António Maia da Rocha (Prior Velho: Paulinas, 2006) 104.

²⁷² Anselm Grün, *Ao ritmo do tempo dos monges*. Trad. Ana Varela (Prior Velho: Paulinas, 2006) 100.

²⁷³ Bento XVI, «Mensagem para o 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital em 5 de Junho de 2011», acedido a 1 de setembro 2021,

https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day.html.

Este são os novos sinais dos tempos, que têm de ser olhados com preocupação. Numa linha de esperança, Andrea Riccardi escreve: “tudo pode mudar! A história está cheia de surpresas”.²⁷⁴ Este tempo apresenta-se como um novo desafio, como defendeu João Paulo II na Exortação Apostólica *Ecclesia in Europa*. O Santo Papa fala particularmente para os europeus, que vivem num crescente ambiente de desalento e que, dia a dia, apresentam sinais preocupantes que “inquietam, ao início do terceiro milénio, o horizonte do continente europeu” (EE 7). Estas preocupações são exteriorizadas pelos Bispos, porque é unânime que “a Europa precisa de fazer um salto qualitativo na *tomada de consciência da sua herança espiritual*. O estímulo para isso só lhe pode vir de uma nova escuta do Evangelho de Cristo. Assim, compete a todos os cristãos empenharem-se para satisfazer esta fome e sede de vida” (EE 120).

²⁷⁴ Andrea Riccardi, *La Chiesa Brucia. Crisi e futuro del cristianesimo* (Bari-Roma: Guius Laterza & Figli, 2021) 241.

CONCLUSÃO

Na Igreja renasce o desejo de que o Homem cristão volte a celebrar os sacramentos motivados, pela força do Espírito e que isso se transforme em Oração de fé. Para Bruno Forte “o dom de Deus deve ser pedido e acolhido em Espírito de ação de graças e com a sincera disponibilidade de coração”.²⁷⁵ É através da oração de fé que se vai percebendo a dimensão trinitária do cristianismo e, como refere Tiago, “Toda a boa dávida e todo o dom perfeito vêm do alto” (Tg 1,17), porque em Deus o homem encontra a “pura gratuidade” amorosa. O lugar da oração conduz aquele que deseja encontrar-se com o Pai e consigo próprio, o que se traduz na alegria do encontro e na comunhão com Cristo. Numa primeira fase “o Batismo insere na comunidade com Cristo e assim dá vida”.²⁷⁶ É a partir da ideia do “inserir” que a Igreja discerne estes novos tempos, apoiada por um diálogo aberto à sociedade, que é chamada a “escolher” e “acolher” a vontade de Deus, como refere Paulo “examinai tudo, guardai o que é bom. Afastai-vos de toda a espécie de mal” (1 Ts. 5,21). Partindo desta ideia, é desenvolvido em três capítulos uma análise, que parte de um ambiente secularista e plural, para refletir a importância do sacramento do Batismo e do testemunho cristão no terceiro milénio.

O primeiro capítulo trata, essencialmente, das dificuldades que a sociedade vem sentindo ao longo das últimas décadas, no que respeita à vivência da fé. Esta realidade apresenta-se com um dos grandes desafios do século XXI. Conscientes de que esta dimensão tem crescido, porque o cristianismo, durante muitos séculos, foi como que “se esquecendo” do que esteve na origem do “movimento cristão” e do projeto fundacional da Igreja de Cristo. Hoje, a ideia de fundação quase que entrou em esquecimento, resultante de relações por vezes “promíscuas” entre o poder religioso e o poder político. Trata-se de uma herança, a que não se tem dado a devida atenção, nomeadamente, a partir do

²⁷⁵ Bruno Forte, *Introdução aos sacramentos*. Trad. António Maia da Rocha (Coimbra: Grafica de Coimbra, 1997) 149.

²⁷⁶ Joseph Ratzinger, *Os Sacramentos, sinais de Deus no mundo*. Trad. Beatriz Luíz Gomes (Cascais: Lucerna, 2020) 25.

iluminismo, que motivou novas lutas, por um lado pela liberdade social, política e religiosa e que a meio do século XX resultou numa consciência de um “vazio” interior, que transformou e trouxe novos modos de vida. A abertura das fronteiras mundiais, a facilidade nas viagens intercontinentais, permitiu que, lado a lado, se encontre novas formas de religiosidade. Atualmente, é comum encontrarmos diferentes confissões de fé e de religiosidade nas nossas cidades. Nesta diversidade cresce a “individualização da fé” que gera reações anticlericais e novas lutas contra “uma igreja estatal”.

O segundo capítulo debruça-se acerca da questão do acolher cristão a todos aqueles que desejam responder de “coração aberto” ao apelo da fé cristã. A ἐκκλησία é lugar de encontro para todos os batizados e oferece um conjunto de instrumentos que ajudam a discernir o conceito de “identidade cristã”. Esta identidade faz parte da herança cristã e nem sempre é compreendida no mundo plural em que vivemos hoje. Coloca-se aqui a questão da “pertença” e da “autoconsciência eclesial” que encontra na fé o instrumento e resposta ao apelo de Deus. A fé encontra no Batismo “a semente” que germinará, crescerá e levará à maturidade cristã. Assim, pode-se falar do Batismo como a primeira porta “para crescer na fé e procurar o Reino de Deus”. Torna-se relevante em todo este caminho o testemunho cristão, como ação pastoral eclesial. Se o Batismo, como primeiro sacramento da iniciação cristã, é “porta e entrada” então porquê o afastamento dos jovens e adultos da Igreja? Terá o Batismo de Jesus caído em esquecimento? Certamente que não, porque a sua mensagem e o mistério de Cristo é recordado na consagração eucarística. O mistério revela-se pelo corpo e sangue de Jesus, que transforma o cristão em “filho do Filho”, o que faz do Homem crente, uma “nova criatura”, o que pressupõe escutar o Seu chamado e a identidade cristã.

O terceiro capítulo trata do porquê de um decréscimo da vitalidade católica, sobretudo na Europa, partindo do pressuposto de que o projeto cristão assenta na “fidelidade amorosa e filial”. A questão que se levanta é sobre a realidade das famílias cristãs e a sua incompreensão acerca do sentido e necessidade do Batismo, em pleno século XXI. O homem batizado torna-se numa nova criatura e adquire uma nova identidade à qual lhe é atribuída uma missão no mundo. Este é um grande desafio para qualquer cristão do terceiro milénio, porque este tempo chama a uma nova realidade, que passa por participar numa Igreja que se quer “purificar”. Os novos tempos são de mudança e unidos a Cristo, com a presença do Espírito Santo, sobressaindo a vocação de cada um que reforçará o sentido de ser cristão. Esta nova visão tem nos jovens o desejo de fazerem parte da Igreja que deseja renovar-se. Serão eles os protagonistas da “nova cultura do encontro”. Apesar

de ser uma ideia entre muitas, parece plausível que os jovens de hoje sejam chamados ao compromisso para um amanhã mais cristão. Sem esquecer a herança cristã, a missão para o terceiro milénio passa por um caminho pessoal interior e que deve ter presente o modelo sinodal. É a caminhar juntos que se encontraram estratégias e soluções necessárias para combater as fragilidades de uma sociedade cristã, que busca um recomeçar apoiada na juventude. Estes são os “novos sinais dos tempos”.

Não tinha como propósito este trabalho de investigação encontrar soluções para a problemática que em si é complexa, mas de dar um contributo, mesmo que pequeno, à reflexão que a Igreja tem vindo a fazer nas últimas décadas. Perceber o Ritual do Batismo é importante. No entanto, existe uma necessidade de se olhar a uma realidade que em nada favorece as comunidades e que, dia a dia, têm contribuído para a diminuição de cristãos nos seus espaços de culto. Assim, é importante que se eduque para a Fé, pressupondo que a maioria dos batizados não entende o sentido e a necessidade do sacramento do Batismo. Para compreensão dessa dimensão parece relevante perceber todo um caminho iniciado com o Batismo de Jesus. Compreender o contexto em que surgem os movimentos de contestação gerados pelo liberalismo, no após revolução francesa, torna-se essencial, porque no meio das lutas de liberdade o Homem foi esquecendo Deus. Esta dimensão manteve-se em crescendo e movida pelas transformações sociais, políticas e económicas, ganhou um forte impulso no final do século XX. Hoje, os filhos dos jovens desse período assumem esta nova realidade como algo natural e adquirido. Há uma consciência eclesial que “só através da mediação da Igreja e da sua tradição de fé que podemos aceder ao autêntico rosto de Deus que se revela em Jesus Cristo”.²⁷⁷ Para o Papa Francisco²⁷⁸, num encontro com os jovens da Ação Católica Italiana, diz-lhe: “O vosso caminho de fé este ano expressa-se com o slogan *Su misura per te*”. E, porque ninguém é igual a ninguém, é necessário ajudar cada jovem a encontrar o seu caminho pessoal à medida de cada um.

Muitos aspetos ficaram por desenvolver ou aprofundar, entre quais a ideia de que é necessário reformular a linguagem e os projetos pastorais. A ideia “dos jovens como parte do projeto” da nova evangelização ganha força e parece necessitar de uma reflexão

²⁷⁷ Sínodo dos Bispos, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. XV Assembleia Geral Ordinária* (Porto: Edições Salesianas, 2018) 67.

²⁷⁸ Francisco, «Discurso aos jovens da Ação Católica Italiana, 18 de dezembro de 2021», acedido a 27 de janeiro 2022,

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/december/documents/20211218-ra-gazzi-aci.html>.

mais aprofundada. Por outro lado, num tempo em que cada um pauta a sua vida em prol das suas necessidades, a ideia da “promoção da cultura do encontro” pede mais atenção da parte das estruturas da Igreja.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

Bíblia dos Capuchinhos

https://biblehub.com/topical/dictionary_of_bible_themes.htm

Novum Testamentum: Graece et Latine. Textum Graecum Post Eberhard Nestle et Erwin Nestle, ed. Kurt Aland (et al)

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

Catecismo da Igreja Católica. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.

Código de Direito Canónico. 4ª ed. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1983.

Ritual Romano da Celebração do Batismo das crianças. 2º ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1994.

Ritual Romano da Iniciação Cristã de Adultos. 2ª ed. Coimbra: Grafica de Coimbra, 1995.

https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_christus-dominus_po.html.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html.

https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html.

João Paulo II. «Homilia no Santuário da Santa Cruz».

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790609_polonia-mogila-nowa-huta.html.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1983/documents/hf_jp-ii_aud_19830713.html.

João Paulo II. «Carta aos Bispos da Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil de 9 abril de 1986».

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1986/documents/hf_jp-ii_let_19860409_conf-episcopale-brasile.html.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25051995_ut-unum-sint.html.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20030628_ecclesia-in-europa.html.

Bento XVI. «Audiência Geral de 22 março de 2006».

https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/it/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20060322.html.

https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html.

Bento XVI. «Mensagem para o 45º Dia mundial das comunicações sociais. Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital em 5 de Junho de 2011».

https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day.html.

Francisco. «Cristo é a porta do Reino».

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2013/documents/papa-francesco_20130428_meditazioni-4.html.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_encyclica-lumen-fidei.html.

Francisco. «Homilia pelas vítimas dos naufrágios em Lampedusa».

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si.html.

Francisco. «Discurso aos membros do movimento de trabalhadores cristãos».
https://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2016/january/documents/papa-francesco_20160116_movimento-cristiano-lavoratori.html.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html.

Francisco. «Discurso da entrega do prémio Carlo Magno».
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papa-francesco_20160506_premio-carlo-magno.html.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html.

Francisco. «A boa política é estar ao serviço da paz».
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20181208_messaggio-52giornatamondiale-pace2019.html.

Francisco. «Mensagem de sua Santidade para o dia mundial das missões de 2021».
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20190609_giornata-missionaria2019.html.

Francisco. «Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia».
https://www.vatican.va/content/francesco/it/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200112_omelia-battesimo.html.

Francisco. «Atitudes que impedem de conhecer Cristo».
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2020/documents/papa-francesco-cotidie_20200505_perentrare-nelgregge-dicristo.html.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_encyclica-fratelli-tutti.html.

Francisco. «Audiência geral de 28 de outubro de 2020».
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papafrancesco_20201028_udienza-generale.html.

Francisco. «A cultura do cuidado como caminho de Paz».
https://www.vatican.va/content/francesco/it/messages/peace/documents/papa-francesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html.

Francisco. «Angelus de 10 de janeiro de 2021».
https://www.vatican.va/content/francesco/it/angelus/2021/documents/papafrancesco_angelus_20210110.html.

Francisco. «Santa missa por ocasião dos 500 anos do cristianismo nas Filipinas». https://www.vatican.va/content/francesco/it/homilies/2021/documents/papa-francesco_20210314_omelia-cristianesimo-filippine.html.

Francisco. «Discurso do Santo Padre Francisco à Comunidade do Pontifício Colégio Mexicano».

http://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2021/march/documents/papa-francesco_20210329_pontificio-collegiomessicano.html.

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html.

ESTUDOS

Agostinho de Hipona. *A carta 138, escrita a Marcelino*. Em Antologia Litúrgica, nº 3480. Org. José de Leão Cordeiro. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2004.

Alberto, Rui. «Mundo Juvenil, desafios à evangelização», em *Propor a fé numa pluralidade de caminhos*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017.

Ambrogetti, Francesca, Sergio Rubin. *Papa Francisco, Conversas com Jorge Bergoglio*. Trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra. 3ª ed. Prior Velho: Paulinas, 2013.

Ambrósio de Milão. *Comentários aos salmos*. Em Antologia Litúrgica, nº 2066. Org. José de Leão Cordeiro. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2004.

Arnau-Garcia, Ramon. *General de los sacramentos*. Madrid: BAC, 1994.

Augustin, George. *Por uma Igreja em saída*. Trad. António Maria da Rocha. Prior Velho: Paulinas, 2015.

Balthasar, Hans Urs von, Luigi Giussani. *O compromisso do Cristão no mundo*. Prior velho: Paulinas, 2019.

Barbosa, Adérito Gomes. «*Os jovens portugueses e a nova evangelização*», Biblioteca Humanística e Teologia, 7. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 1993.

Barth, G. «*πίστις*». Em DENT. Trad. Constantino Ruiz-Garrido. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1998, 942-961.

Basílio Magno. *Liber de Spiritu Sancto* 15, 36: SC 17bis, 370 (PG 32, 132).

Bauer, J. B. «*Camino*». Em Diccionario de Teología Bíblica. Barcelona: Editorial Herder, 1967, 161-165.

Bertazzo, Antonio. «*Credere com passione. Esperienza di fede e vissuto emotive*». *Credere Oggi* 214: XXXVI, 4 (2016) 25-38.

Black, C. Clifton. *Mark. Abingdon New Testament Commentaries*. Nashville: Abingdon Press, 2011.

Borges, Anselmo. «*Últimas conversas. Testamento de Bento XVI*», acessido a 10 de janeiro de 2022,
<https://www.dn.pt/opiniaio/opiniaio-dn/anselmo-borges/ultimas-conversas-testamento-de-bento-xvi-1-5506078.html>.

Boring, M. Eugene. *1 Peter. Abingdon New Testament Commentaries*. Nashville: Abingdon Press, 1999.

Cardedal, Olegário Gonzalez de. *Raiz de la esperanza*. 2ª Ed. Salamanca: Sigueme, 1996.

Carrón, Julián. *O despertar do humano, reflexões de um tempo vertiginoso*. Lisboa: Paulus, 2020.

Casel, Odo. *O mistério do culto cristão*. Trad. Artur Morão. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2019.

Cencini, Amedeo. *A alegria, sal da vida cristã*. Trad. António Maia da Rocha. Prior Velho: Paulinas, 2010.

-----; *Luz no meu caminho, Palavra de Deus e caminho vocacional*. Prior Velho: Paulinas, 2008.

-----; *Tu és...tu serás chamado*. Prior Velho: Paulinas, 2008.

Chittister, Joan. *O tempo é agora, um chamamento para uma coragem invulgar*. Trad. Maria do Rosário de Castro Pernas. Prior Velho: Paulinas, 2019.

Cipriano de Cartago. *Sobre a unidade da Igreja Católica*. Em Antologia Litúrgica, nº 976,978. Org. José de Leão Cordeiro. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2004.

Clemente, Manuel. *O tempo pede uma Nova Evangelização*. Prior Velho: Paulinas, 2013.

Collantes, Justo. *La Iglesia de la palabra (BAC)*. Vol. 1. Madrid: La Editorial Católica, 1972.

Congar, Yves M. J. *Falsas y verdaderas reformas en la Iglesia*. Trad. Carmen Castro de Zubiri. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1953.

Correia, José Frazão. «A Experiência da fé como reconfiguração da confiança existencial», em *Não tenhais medo. A confiança, um estilo cristão de habitar o mundo*. Coord. Isabel Varanda e Alfredo Teixeira. Fátima: Santuário de Fátima, 2014.

Costa, Bernardino. «Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos: uma leitura dos Preanotanda», em *A Iniciação Cristã em Tempo de Secularização*, 36. Coord. António Abel Canavarro. Porto: Universidade Católica Editora, 2021.

Duque, João Manuel. *Cultura Contemporânea e cristianismo*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004.

-----; *Dizer Deus na pós-modernidade*. Lisboa: Livraria Alcalá, 2003.

-----; *O excesso do Dom. Sobre a identidade do cristianismo*. Lisboa: Alcalá, 2004.

Escriva, Josemaria. *Temas actuais do Cristianismo*. Lisboa: Editorial Aster, 1967.

Faria, José Jacinto Ferreira de. *Antropologia e Graça. Ser Cristão hoje*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.

Faria, Marcos. «A identidade batismal e a sinodalidade», em *Um só corpo... Um só Batismo (Ef. 4, 4-5). A diversidade dos Carismas e a Construção da Comunhão*, 37. Coord. António Abel Canavarro, Humanista e Teológica. Porto: Universidade Católica Editora, 2021.

Fernández, Thomaz. «A importância dos Sacramentos para os doentes – questões teológicas e pastorais», em *Firmes na Esperança. Reflexões cristãs em tempo de pandemia*. Coord. Duarte da Cunha, João Seabra, João Vergamota. Cascais: Lucerna, 2021.

Filoni, Fernando. «Evangelizzazioni e missionarità». *Alpha Omega*, XXIII, 2, (2020) 187-197.

Fisichella, Rino. *A fé como resposta de Sentido, abandonar-se ao mistério*. Trad. António Maia da Rocha. Prior Velho: Paulinas, 2006.

Forte, Bruno. *Introdução aos sacramentos*, Trad. António Maia da Rocha. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997.

-----; *La esencia del cristianismo*. Salamanca: Ed. Sígueme, 2002.

Francisco. *Catequeses sobre a iniciação cristã*. Fátima: Secretariado Nacional de liturgia, 2019.

-----; *Catequeses sobre os Dons do Espírito Santo*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2019.

-----; *Iluminai o futuro. Uma conversa narrada por Antonio Spadaro*. Prior Velho: Paulinas, 2015.

García, José Granados. *Tratado general de los sacramentos*. Vol. 4 a. Madrid: BAC, 2020.

Gaventa, Beverly Roberts. *The Acts of the Apostles. Abingdon New Testament Commentaries*. Nashville: Abingdon Press, 2003.

Gesché, Adolphe. *Jesuscristo, Dios para pensar*. Trad. José Manuel Bernal. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2020.

Ghedini, Francesco, «Ateísmo e responsabilità dei cristiani: riflessioni a partire dalla Gaudium et spes». *Credere Oggi* 187: XXXII, 1 (2012) 69-80.

Giordan, Giuseppe. «Dentro e oltre la secolarizzazione. La religione nell'epoca postsecolare». *Credere Oggi* 176: XXX, 2 (2010) 7-18.

Grün, Anselm. *Ao ritmo do tempo dos monges*. Trad. Ana Varela. Prior Velho: Paulinas, 2006.

Halík, Tomás. *O tempo das Igrejas vazias*. Trad. Karin Sousa. Prior Velho: Paulinas, 2021.

-----; *Paciência com Deus*. Trad. Maria Rosario Pernas. Paulinas: Prior Velho, 2013.

Halík, Tomás, Anselm Grün. *O abandono de Deus*. Prior Velho: Paulinas, 2016.

Horsley, Richard A. *I Corinthians*. *Abingdon New Testament Commentaries*. Nashville: Abingdon Press. 1998.

Ireneu de Lião. *Contra as heresias*. Livro III. Em Antologia Litúrgica, nº 506. Org. José de Leão Cordeiro. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia. 2004.

Kasper, Walter. *Colhendo os frutos. Aspectos da fé cristã no mundo ecuménico*. Prior Velho: Paulinas, 2011.

-----; «O coronavírus como interrupção: demolição e edificação». Em *Demolição e Reconstrução, tempo de crise gravado na nossa memória*. Org. Walter Kasper, George Augustin. Prior Velho: Paulinas, 2020.

Keck, Leader E. *Romans*. *Abingdon New Testament Commentaries*. Nashville: Abingdon Press, 2005.

Koch, R. «*Testemunha*». Em Dicionário de Teologia Bíblica. Trad. Helmuth Alfredo Simon. 2ª ed., vol. II. São Paulo: Edições Loyola, 1978, 1095-1106.

Kosnetter, J. «*Libertad. La libertad cristã*». Em Dicionario de Teología Bíblica. Barcelona: Editorial Herder, 1967, 587-595.

Kredel, E. M. «*Discípulos*». Em Dicionario de Teología Biblica. Barcelona: Editorial Herder, 1967, 297-301.

Ladaria, Luis F. *El Dios Vivo Y Verdadero. El misterio de la Trinidad*. 4.ª ed. Salamanca: Secretariado Trinitário, 2010.

Langevin, G. «*Fe*». Em Dicionario de Teologia Fundamental. Salvador Pié-Ninot, trad. A. Ortiz, E. Requena y J. Mª Martínez Manero. 2ª ed. Madrid: San Pablo, 2000, 472-479.

Latourelle, Réne. «*Testimonio*». Em Diccionario de Teologia Fundamental. Salvador Pié-Ninot, trad. A. Ortiz, E. Requena y J. M^a Martínez Manero. 2^a ed. Madrid: San Pablo, 2000, 1523-1542.

Maffeis, Angelo. «Presentazione». Nocke, Franz-Josef. *Dottrina dei sacramenti*. Trad. Carlo Danna. Brescia: Queriniana. 2000.

Martin, Adolfo Álvaro. *Horizontes 2020: ¿esperanza o advertência?* Revista de Estudios de Juventud 108. Jóvenes y generación 2020. Madrid. 108 (2015), pp. 16-17, http://www.injuve.es/sites/default/files/2017/46/publicaciones/revista108_completa_0.pdf.

Martins, José Saraiva. *Batismo e Crisma*. Braga: Faculdade de Teologia, 2002.

Matteo, Armando. *A primeira Geração incrédula, a difícil relação entre os jovens e a fé*. Trad. Maria do Rosário Pernas. Prior Velho: Paulinas, 2013.

Mazzanti, Giorgio. *I Sacramenti, Simbolo e teologia*. Bologna: Centro Editoriale Dehonhiano, 1997.

Melo, Luís Rocha. *O vento sopra onde quer. Notas de Espiritualidade*. Braga: Editorial A. O., 2001.

Mendes, Manuel Monteiro. «O Batismo na vida de uma comunidade paroquial», em *Um só corpo... Um só Batismo (Ef. 4, 4-5). A diversidade dos Carismas e a Construção da Comunhão*, 37. Coord. António Abel Canavarro, Humanista e Teológica. Porto: Universidade Católica Editora, 2021.

Monda, Andrea. *Contar Deus hoje. Como falar de religião aos jovens*. Prior Velho: Paulinas, 2018.

Monge, Manuel Sanchez. *Eclesiologia. Iglesia, misterio de comunión y misión*. Madrid: Sociedad de Educación Atenas, 1994.

Monteiro, Teresa Libano. «Dinâmica social e religião», em *Identidades Religiosas em Portugal – ensaio interdisciplinar*. Prior Velho: Paulinas, 2012.

Montez, Rita. «*Millennials: A geração que vem revolucionar o capitalismo*», <https://visao.sapo.pt/atualidade/sociedade/2016-09-23-millennials-a-geracao-que-vem-revolucionar-o-capitalismo>.

Nocent, A. «*Iniciación Cristiana*». Em Nuevo diccionario de Liturgia. Dir. D. Sartore, Acchille M. Triacca y Juan María Canals. 2^a ed. Madrid: Edições Paulinas, 1987, 1051-1070.

Noelle-Neumann, Elisabeth. *La espiral del silencio. Opinión pública: nuestra piel social*. Trad. Javier Ruiz Calderón. Barcelona: Editorial Paidós, 1995.

Nouwen, Henri J. M. *O esvaziamento de Cristo. Movimento descendente e vida espiritual*. 2.^a ed. Prior Velho: Paulinas, 2012.

- Oñatibia, Ignacio. *Bautismo y Confirmación*. Sapientia Fidei 22. Madrid: BAC, 2018.
- Oswalt, John N. *The Book of Isaiah, chapters 40-66*. Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1998.
- Padre António Vieira, «*A chave dos Profetas*». Tom. III. Vol. VI, Edição nº 7846. Círculo de Leitores, 2013.
- Pastor, F. A. «Secularización y secularismo: El problema del secularismo». Em *Diccionario de Teologia Fundamental*. Dir. René Latourelle y Rino Fisichella. 2ª ed. Madrid: San Pablo, 1992, 1335-1340.
- Peralta, Josep M. Margenat. «Los cristianos en Europa: “transfusión de memoria” para un nuevo humanismo». Em *Razón y Fe*, 275 (2017) 425, <https://revistas.comillas.edu/index.php/razonyfe/article/view/9339/8760>
- Perkins, PHEME. *Ephesians. Abingdon New Testament Commentaries*. Nashville: Abingdon Press, 1997.
- Pesch, W. «*Herança*». Em *Diccionario de Teologia Bíblica*, Trad. Helmuth Alfredo Simon. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1979, 457-461.
- Pié-Ninot, Salvador. *Eclesiología. La sacramentalidad de la comunidad cristiana*. 3ª ed., Salamanca: Sígueme, 2015.
- Pinho, Arnaldo de. *Cultura da Modernidade e Evangelização*. Porto: Letras & Coisas, 2016.
- Pinho, José Eduardo Borges de. «A dimensão eclesial da fé cristã», em *A Iniciação Cristã em Tempo de Secularização*, 36. Coord. António Abel Canavarro. Porto: Universidade Católica Editora, 2021.
- Pollack, Detlef. «Religious change in Europe: theoretical considerations and empirical findings», nimuenter.de/imperia/md/content/soziologie/personen/pollack/religious_change_in_europe_theoretical_considerations_and_empirical_findings.pdf.
- Raab, Heribert. «*Secularización: territorios y bienes eclesiásticos*». Em *Enciclopédia Teológica Sacramentum Mundi*. Dir. Karl Rahner, Munster. Tomo VI. Barcelona: Ed. Herder, (1976) 272-293.
- Radcliffe, Timothy. *Imersos na vida de Deus, viver o batismo e a confirmação*. Prior Velho: Paulinas. Trad. Artur Morão, 2012.
- Rahner, Karl. *Os sacramentos da Igreja*. Trad. P. Manuel Ribeiro Alves. Lisboa: Ed. Paulistas, 1992.
- Ratzinger, Joseph. *Jesus de Nazaré*. Trad. José Jacinto Farias. Esfera dos livros: Lisboa, 2007.

-----; *Os sacramentos, sinais de Deus no mundo*. Cascais: Lucerna, 2020.

Riccardi, Andrea. *La Chiesa Brucia. Crisi e futuro de cristianesimo*. Guius Laterza & Figli: Bari-Roma, 2021.

Rigal, Jean. *Descubrir la Iglesia. Iniciación a la Eclesiología*. Trad. Alfonso Ortiz Garcia. Secretariado Trinitario: Salamanca, 2001.

Roetzel, Calvin J. *2 Corinthians. Abingdon New Testament Commentaries*. Nashville: Abingdon Press, 1998.

Santos, Luís Aguiar. «As condições jurídico-políticas da construção do campo religioso português: uma contextualização histórica», em *Identidades Religiosas em Portugal – ensaio interdisciplinar*, Prior Velho: Paulinas, 2012.

Santos, Nuno Miguel. *A esperança que Jesus dá*. Diocese de Coimbra: Coimbra, 2018.

Satriano, Giuseppe. *Teologia ed Evangelizzazione, per una Chiesa che torni a essere generativa*. Em *Alpha Omega*, XXII, 3 (2019) 391-406.

Sconborn, Christoph. *Cristo na Europa. Uma fecunda interrogação*. Trad. Maria do Rosário Pernas. Prior Velho: Paulinas, 2013.

Senior, Donald. *Matthew. Abingdon New Testament Commentaries*. Nashville: Abingdon Press, 1998.

Sesboüé, Bernard. *Pensar e viver a fé no terceiro milénio. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*. Trad. Manuel Luís de Sousa Pinheiro. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2001.

Sínodo dos Bispos, XII Assembleia Geral Ordinária. *Instrumentum Laboris*, 2008.

Sínodo dos Bispos, XV Assembleia Geral Ordinária. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. Porto: Ed. Salesianas, 2018.

Smith, D. Moody. *John. Abingdon New Testament Commentaries*. Nashville: Abingdon Press, 1999.

Spadaro, Antonio. *O batismo da Imaginação, a experiência da palavra criativa*. Prior Velho: Paulinas, 2016.

Stillwell, Peter. *Notas para o entendimento de algum extremismo religioso. In Religião e Violência*. Lisboa: Paulus, 2002.

Tannehill, Robert. C. *Luke. Abingdon New Testament Commentaries*. Nashville: Abingdon Press, 1996.

Taylor, Charles. *A Era Secular*. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

Teixeira, Alfredo. *Entre a exigência e a ternura, uma antropologia do habitat institucional católico*. Lisboa: Paulinas, 2004.

-----; *Religião na Sociedade portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2019.

Terrin, Aldo Natale. «L'Europa: un caso anómalo di secolarizzazione». *Credere Oggi*, 176, XXX, 2 (2010) 29-46.

Toniolo, Andrea. «Credere con passione. Emozioni e ragioni della fede». *Credere Oggi*, 214: XXXVI, 4 (2016) 107-122.

Torralba, Francesc. «La fe cristiana frente al politeísmo espumoso». *Razón y Fe*, 274, 1416 (2016) 259-271,
<https://revistas.comillas.edu/index.php/razonyfe/issue/view/684>.

Torres, Lluís Oviedo. «El retorno de Dios en el ambiente contemporáneo», *Razón y Fe*, 279: 1439 (2019) 323-333,
<https://revistas.comillas.edu/index.php/razonyfe/article/view/11397/10708>.

Vide, Vicente. *Comunicar la fé en la ciudad secular*. Santander: Sal Terrae, 2013.

Vilaça, Helena. «Territorialidades Religiosas em Portugal»,
<file:///C:/Users/user/Downloads/27996-127048-1-PB.pdf>.

Ziener, GG. «*Sabiduria*». Em *Diccionario de Teología Bíblica*. Barcelona: Editorial Helder, (1967) 937-946.

Warbach, V. «*Igreja*». Em *Dicionário de Teologia Bíblica*. Trad. Helmuth Alfredo Simon. 2ª ed., vol I. São Paulo: Edições Loyola, 1979, 485-504.

Wengst, Klaus. *Il Vangelo di Giovanni*. Brescia: Queriniana, 2005.